

ELENISE ROLDAN MELGAREJO DAMASCENO

PARA ALÉM DOS CONTOS DE FADAS: O IDEAL E O REAL NO PENSAMENTO
DAS MULHERES SOBRE O CASAMENTO

ASSIS

2008

ELENISE ROLDAN MELGAREJO DAMASCENO

PARA ALÉM DOS CONTOS DE FADAS: O IDEAL E O REAL NO PENSAMENTO
DAS MULHERES SOBRE O CASAMENTO

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Dr. José Luiz Guimarães

ASSIS

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Cristina Troller CRB 1/1907

D155p

Damasceno, Elenise Roldan Melgarejo

Para além dos Contos de Fadas: o ideal e o real no pensamento das mulheres sobre o casamento / Elenise Roldan Melgarejo Damasceno - Assis: UNESP, 2008.

120 p. ;

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Guimarães

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista.

1. Casamento 2. Contos de Fadas I. Universidade Estadual Paulista

CDU: 159.964.2

ELENISE ROLDAN MELGAREJO DAMASCENO

**PARA ALÉM DOS CONTOS DE FADAS: o ideal e o real no pensamento das
mulheres sobre o casamento**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras – UNESP para a obtenção do título de
Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento:
Psicologia e Sociedade)

Data da Aprovação: 17/10/2008

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente: PROF. DR. JOSÉ LUIZ GUIMARÃES – UNESP / Assis

**Membros: PROFA.DRA. LUCIA HELENA TIOSSO MORETTI –
UNOESTE / Presidente Prudente**

PROFA. DRA. WILKA CORONADO ANTUNES DIAS – UNESP / Assis

DEDICATÓRIA

Às mulheres que todos os dias buscam vencer uma batalha árdua: conquistar o sucesso profissional, a excelência no cuidado da casa, a perfeição em educar seus filhos, além de serem lindas esposas-amantes, que satisfaçam seus maridos. Mulheres que voltam para casa, exaustas, buscando braços e peito que lhes façam sentir amadas e lhes dêem a sensação de proteção e acolhimento. A essas mulheres, que abrem seus corações àqueles que completam e dão o colorido às suas vidas já satisfatórias, que o amor maduro e nutrido por si mesmas construiu!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram a realizar esta pesquisa. Em especial agradeço:

Às mulheres entrevistadas, que colaboraram de forma tão espontânea e generosa, descortinando seus universos românticos e íntimos, para que pudéssemos pesquisar sobre o tema proposto. Suas participações e desprendimentos foram essenciais!

A minha primeira orientadora, Dr^a Maria Luisa de Castro Louro Valente, que me recebeu com carinho e entendendo, com muita paciência, os problemas dos quilômetros que nos separavam. Agradeço pelo caminho que fizemos juntas!

Ao meu orientador Prof. Dr. José Luiz Guimarães, por ter retomado com tanta sabedoria meu percurso, quando as coisas pareciam estar desmoronando! Obrigada por sua coragem!

Ao Prof. Dr. Francisco Yashimoto, por seu cuidado e atenção demonstrado a mim e ao meu trabalho;

A Prof^a. Dr^a. Lúcia Helena Tiosso Moretti, pelas valiosas contribuições, principalmente no Exame de Qualificação e também na Defesa;

A Prof^a Dr^a. Wilka Coronado Antunes Dias, por seu carinho e disposição ao aceitar prontamente participar da banca de defesa.

À chefia da Rede Criança, que me ajudou, liberando-me de algumas atividades para que fossem possíveis as viagens e maior dedicação para este trabalho;

Aos companheiros de trabalho da Rede Criança/MS, pelo apoio e compreensão durante este período, muitas vezes suas palavras de incentivo, fizeram toda a diferença;

A minha querida amiga Márcia Bertola, pela cumplicidade e força, que estavam sempre à mo quando precisava;

Às amizades que nasceram, principalmente à Daniela Pimenta, minha companheira de quarto, de rodoviária, de e-mails e de produção: você foi a surpresa mais agradável deste mestrado! É impossível imaginar toda essa trajetória sem sua presença, para me animar e apoiar! E agora, torna-se impossível imaginar o restante do caminho sem sua amizade!

A minha “sócia” e grande amiga Rosilene Gisoato, por sua parceria e ajuda, a cada momento que pedia socorro, saiba que este trabalho também foi feito por sua influência;

Ao meu marido Paulo, meu companheiro há 16 anos, que me incentivou e tornou mais fáceis minhas idas e vindas, além de me mostrar que o casamento é um vínculo que nos favorece o crescimento e o equilíbrio emocional, mas também nos leva muitas vezes a desencontros e sofrimentos que nos fazem retornar mais fortes e mais certos do que queremos.

A meus pais, Ercy e Altair Melgarejo, que além de todo o apoio constante e incondicional, sempre me demonstraram total crédito e valorização às minhas ações! Todo ser humano necessita de um sentimento de pertença, uma base que lhe dê sustentação, a fim de alçar vôos e ter para onde voltar, quando se deseja colo e carinho. Isto eu recebi de vocês dois todas as vezes que busquei ou precisei. Muito obrigada!

A meu filho Paulo Eduardo, que apesar da pouca idade, entendeu e apoiou-me, estando sempre de braços abertos e um sorriso no rosto, quando eu voltava para casa, certamente esta visão é que me deu força para continuar!

Por fim, e certamente o mais importante: quero agradecer a Deus, meu Pai, meu melhor amigo, que sempre me protegeu e abençoou, dando-me capacidade física, criativa e intelectual para realizar este trabalho!

Damasceno, Elenise Roldan Melgarejo. **Para além dos contos de fadas: o ideal e o real no pensamento das mulheres sobre o casamento.** Assis, 2008. Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

RESUMO

O número crescente de separações vem aumentando consideravelmente, mas as pesquisas mostram que ao contrário do que se pensa, que o casamento é uma instituição falida, o que as pessoas buscam é fazer sua história de amor ser bem sucedida, mesmo que seja um recasamento, o que prova que esta é a área de maior significado na realização pessoal. Porém, o casal está constantemente sendo confrontado por duas forças: o amor idealizado, fantasiado, desejado, influenciado pelo peso que o amor romântico tem sobre as relações contemporâneas, assim como a influência dos Contos de Fadas e o amor real, que se revela ao deparar-se com a intimidade que a convivência traz, as falhas de cada um, a rotina e os conflitos que a vida a dois pode provocar. A proposta deste trabalho é investigar o ideal e o real presente no pensamento das mulheres sobre o casamento, verificando as fantasias e expectativas femininas, bem como perceber se a idealização do casamento pode conviver com o casamento real. A pesquisa foi fundamentada no referencial psicanalítico, compreendendo os caminhos para a escolha do companheiro, perpassando pela influência da transmissão psíquica e da história de vida. As participantes da pesquisa são cinco mulheres de uma mesma família, de três gerações, no estado de Mato Grosso do Sul. A coleta de dados foi feita através de entrevistas gravadas, transcritas na íntegra e orientadas por um roteiro semi-estruturado. Os resultados se apresentam construídos sobre categorias pré-estabelecidas, como a história de vida e a história do casamento de cada entrevistada, como vêm o casamento dos pais e dos avós, suas opiniões sobre o casamento, as alegrias e tristezas que o casamento trouxe, a identificação feminina, a influência dos Contos de Fadas e as perspectivas futuras e após análise de cada tópico, apresenta-se considerações que respondem os questionamentos levantados ao se propor a pesquisa deste objeto de estudo.

Palavras-chave: Psicanálise; Casamento; Idealização; Família; Contos de Fadas.

Damasceno, Elenise Roldan Melgarejo. **Apart from fairy tales: the ideal and the real thinking of women on the marriage.** Assis, 2008. A dissertation submitted for the degree of Master in Psychology. Post graduation program in Psychology and society, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

ABSTRACT

The crescent number of separations has been increasing considerably, but research shows that contrary to what you think, that marriage is an institution bankrupt, what people seek is to love its history of success, even a remarriage, which proves that this is the area of greatest significance in personal achievement. But the couple is constantly being confronted by two forces: the idealized love, fanciful, desired, influenced by the weight that romantic love is on relations contemporary as well as the influence of Tale of fairies of love real, which is to encounter with the intimacy that brings together, the flaws of each of the routine and conflicts that life can lead to two. The purpose of this study is to investigate the ideal and the real thinking in this women about marriage, noting the women's fantasies and expectations, and realize that the idealization of marriage can live with real marriage. The research was based on psychoanalytic reference, including the paths to the choice of companion, passing through transmission by the influence of psychological and history of life. The participants of the research are five women from the same family, it's three generations in the state of Mato Grosso do Sul. Date collection was record through interviews, transcribed in full and guided by a semi-structured guide. The results have been built on pre-established categories such as the history of life and history of the marriage of each interviewer, like you see the marriage of parents and grandparents, their views on marriage, the joys and sorrows that the marriage has brought it, identification women, the influence of Tales of fairies and future prospects and after analysis of each topic, presents itself considerations that answer to the questions raised is proposing to search the object of study.

Keywords: Psychoanalysis; Marriage; Idealization; Family; Tale of fairies.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – O IDEAL E O REAL DO AMOR E DO CASAMENTO	17
1.1 OS CONTOS DE FADAS	18
1.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR IDEAL E REAL.....	27
1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASAMENTO IDEAL E REAL.....	39
CAPÍTULO II - A ESCOLHA DO COMPANHEIRO	48
2.1 TRANSMISSÃO PSÍQUICA	58
CAPÍTULO III – A PESQUISA	63
3.1 OBJETIVOS.....	63
3.1.1 Objetivo Geral	63
3.1.2 Objetivos Específicos	64
3.2 METODOLOGIA	64
3.2.1 Referencial Teórico- Metodológico.....	64
3.2.2 Sujeitos e Material de Estudo.....	66
3.2.3 Procedimentos para a Coleta de Dados.....	67
3.2.4 Análise dos Dados.....	68
3.2.5.Aspectos Éticos	68
CAPÍTULO IV - AS TRÊS GERAÇÕES E SUAS HISTÓRIAS	70
4.1 GENOSSOCIOGRAMA.....	70
4.2 AS HISTÓRIAS	71
4.2.1 A Princesa Ariel (A Sereiazinha)	71
4.2.2 A Princesa Branca de Neve	72
4.2.3 A Princesa Cinderela	75
4.2.4 A Princesa Bela	78
4.2.5 A Princesa Bela Adormecida	82

CAPÍTULO V – ANÁLISE DOS DADOS.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	118
ANEXO A – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	120

APRESENTAÇÃO

As relações amorosas sempre ocuparam lugar significativo na vida das pessoas, ainda que sujeitas aos aspectos sócio-históricos de cada sociedade e período. Todo drama que pode permear a busca e vivência de um amor, são temas eternizados em livros, poesias, peças teatrais, filmes, novelas e, de alguma maneira, sempre podemos nos reconhecer em alguns dos personagens das histórias de amor que são contadas.

No meu cotidiano, através dos anos de prática clínica e docente, pude reconhecer no trabalho com pacientes e alunos, o quanto as relações amorosas são importantes e ao mesmo tempo e muitas vezes, dolorosas. Chamava-me a atenção, em especial, os conflitos femininos percebidos em cada conversa com uma amiga, ou aluna que vinha trocar idéias, ou quando uma mulher buscava ajuda profissional. Era possível perceber que muitas dessas mulheres pareciam ter uma expectativa muito grande em encontrar uma “*receita mágica*” para entender o homem com quem estavam se relacionando e que de posse dessa “*receita*”, pudessem encontrar a resposta ao desafio do “*e foram felizes para sempre...*”. No entanto, a busca por entender o companheiro muitas vezes escondia a frustração de que esse homem não era compatível a uma idealização romântica, ao estereótipo do “*príncipe encantado*” de Contos de Fadas.

Não é raro perceber conteúdos de Contos de Fadas, que foram escritos há séculos, na fala de muitas mulheres, demonstrando que tais histórias, de certa forma, ainda fazem parte do ideário feminino. A maioria dos Contos de Fadas traz como personagens princesas indefesas, injustiçadas e perseguidas por bruxas e magos e que ao final de um enredo de sofrimentos, são salvas por príncipes valentes. Transmitidos de uma geração de mulheres a outra, os Contos de Fadas se eternizaram universalmente e contribuíram para a construção da idealização do amor romântico. As histórias clássicas das princesas, escritas há mais de um século, são contadas ainda hoje pelos adultos às crianças e atendendo ao avanço tecnológico são reeditadas digitalmente e fazem muito sucesso entre as crianças na forma de filmes, jogos e brinquedos.

Desde que foram escritos os Contos de Fadas até hoje, mudanças significativas ocorreram no papel feminino em nossa sociedade. A mulher conquistou espaços profissionais, políticos, financeiros e familiares que antes eram dominados pelos homens. No entanto, ainda que a mulher tenha conquistado uma maior igualdade ao homem, no que diz respeito aos relacionamentos amorosos, parece ainda idealizar o homem perfeito, uma pessoa sem defeitos, apenas qualidades e que se assemelhe ao príncipe encantado dos Contos de Fadas, e mais: que ao se casar com esse homem, ele a salve e lhe dê uma vida plena de felicidade.

Não obstante, a realidade das relações amorosas na contemporaneidade parecem se chocar com o ideal romântico que muitas mulheres acalentam. Os conflitos que podem surgir da convivência de duas pessoas com personalidades diferentes e a frustração das expectativas de que o homem que amam não seja todo tempo perfeito, parecem frustrar sobremaneira muitas mulheres. Ainda que a mulher contemporânea não se assemelhe às princesas dos Contos de Fadas, muitas sofrem com uma frustração que as machuca e desilude ao constatarem que o príncipe encantado jamais virá, causando desgastes nas relações amorosas, conturbando-as e muitas vezes levando-as à separação. A partir desse encadeamento de idéias surgiram questionamentos quanto à influência dos conteúdos românticos dos Contos de Fadas no ideário feminino sobre a escolha do parceiro e sobre o casamento. Que processos psíquicos dão conta da idealização de um parceiro ideal? Por que muitas mulheres contemporâneas ainda sonham com o príncipe encantado? Como essas mulheres lidam com o fato de se perceberem casadas com um homem que algumas vezes se assemelha mais ao “sapo”, do que ao “príncipe” dos Contos de Fadas?

Assim, surgiu a proposta dessa pesquisa, que é investigar o ideal e o real presente em alguns casamentos, conhecendo fantasias e pensamentos femininos e verificando como o casamento idealizado pela influência dos Contos de Fadas e pela busca do amor romântico, convivem com o casamento real, com as relações amorosas na contemporaneidade. Para tanto, o que pode auxiliar nesta investigação é conhecer um pouco mais sobre o amor romântico, responsável pela busca incessante do amor ideal, entender o que está implícito e o resultado desta busca. Conhecer e entender a diferença do que é idealizado e o que é realmente encontrado nos casamentos atuais, e o quanto esta

confrontação pode trazer frustrações e até mesmo separações entre os casais. A influência dos Contos de Fadas na romantização das relações conjugais e a força da transmissão psíquica na escolha do parceiro também são temas explorados e essenciais para entender o que propomos neste trabalho.

Além de psicóloga, sou também uma mulher de uma geração que se enleou com os Contos de Fadas, que foi por eles influenciada ao construir as idéias sobre o amor e o casamento. Assim como tantas mulheres, sob o encantamento dos Contos de Fadas, também me imaginei princesa e sonhei com o dia que chegaria um príncipe, com aspecto mais moderno, que tornaria a vida muito mais feliz, sem problemas, sem tristezas, somente amor, paixão e alegria, um homem capaz de ler os pensamentos, realizar até os menores desejos, sensível, bom e capaz de encontrar os momentos mais lindos para elogiar sua amada. Há mais de uma década e meia sou casada com um homem que, a despeito de ser um príncipe como o dos meus sonhos, muitas vezes se assemelhava ao sapo de um dos contos, ao mesmo tempo em que muitas vezes eu mesma tenha me percebido mais parecida com a bruxa má dos Contos de Fadas. Inevitavelmente, no decorrer do trabalho, o papel de pesquisadora transitou pelo universo dos objetivos e do desenvolvimento desta pesquisa. Portanto, o desejo pessoal e profissional dessa pesquisadora é que o presente trabalho possa contribuir para a reflexão de que ainda que não sejam como aqueles inventados pelos livros, pelos contos, pelas novelas, o amor e o casamento no cenário contemporâneo, podem ser agradáveis e muito satisfatórios.

INTRODUÇÃO

O amor desde muito tempo está presente na história da humanidade. Há séculos que o amor tem sido o tema favorito de poetas e romancistas, porém, durante todo este tempo percebemos as mudanças na representação deste sentimento, de seus estímulos e de seus objetos, assim como a reação da sociedade frente a ele, as modificações nas razões e formas de escolher o companheiro e nas evidentes transformações nas relações carnis do casal.

A sociedade, de acordo com Vainfas (1986), a partir do século XIX, passou a perceber o amor como um sentimento íntimo, possibilitando o relacionamento conjugal, valorizando as emoções, o carinho e a intimidade. É este sentimento do amor mais romântico, mais igualitário, que passa a ser considerado a única base aceitável para uma união, e sendo o ser humano como é, um ser de fantasias e desejos, idealizações são criadas e alimentadas, em função de expectativas falsas, causando fortes frustrações, insatisfações e conflitos. Certamente que o amor não se modificou, modificaram-se as suas vivências.

O século XX destaca-se pela grande preocupação com a necessidade de distinção entre o amor e o desejo sexual, o que não acontecia nos séculos anteriores, onde poemas e cânticos tendiam a classificar como amor ou paixão amorosa, todas as formas de expressá-lo, desde a atração carnal, até o amor “verdadeiro” (MACFARLANE, 1990).

Este tema, bem como a influência dos Contos de Fadas sobre as mulheres e suas idealizações e expectativas para o casamento, é objeto desta pesquisa, que também pretende verificar o quanto a idealização, ou seja, as fantasias criadas podem frustrar e prejudicar o casamento real, considerando o universo feminino.

Com o ideal do amor romântico que uniu amor, casamento e sexualidade, além da possibilidade de escolhas mais livres de seus parceiros, surge a “responsabilidade” de cumprir a regra imposta: conquistar um amor verdadeiro e eterno, através de um casamento estável e feliz. Atualmente, algumas questões estão sendo revistas e muitas mudanças estão ocorrendo, como novas formas de amar e de se relacionar, assim como as muitas

transformações entre as relações homem-mulher, em suas práticas e comportamentos amorosos e sexuais na instituição casamento.

Além de perceber todas estas mudanças e de vê-las sendo trazidas para as muitas sessões de psicoterapia das pacientes, o interesse sobre este assunto também se acentuou ao perceber o grande número de separações. Números divulgados pelo Anuário Estatístico Brasileiro editado pelo IBGE em 2004 e relativos aos anos de 2000 a 2003, indicam aproximadamente um divórcio para cada quatro casamentos e mostram que as separações judiciais tiveram um aumento de 22%. O mais surpreendente deste levantamento do IBGE é que 93% das brasileiras, entre 45 e 49 anos de idade, estão ou já foram casadas pelo menos uma vez, reforçando a idéia de que a maioria, considerando tanto o passado do indivíduo, quanto a sociedade no seu todo, continua procurando dividir sua vida com um companheiro, como meio de realização pessoal.

Este número crescente de separações conjugais na sociedade contemporânea pode, à primeira vista, parecer um contra-argumento da tese desenvolvida por Berger e Kellner (1970) citados por Feres-Carneiro (1998, p.6), de que o casamento contemporâneo é para os cônjuges a principal área de auto-realização social e a base dos relacionamentos na esfera privada. Todavia, na sociedade contemporânea, os indivíduos se divorciam não porque o casamento não é importante, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda as suas expectativas. Assim, é justamente a dificuldade desta exigência que estes números crescentes sobre o divórcio refletem e, quase sempre, os divorciados buscam o recasamento. Por isso, não podemos dizer que o casamento é uma instituição falida, mas sim, que as pessoas buscam fazer suas histórias de amor darem certo. Portanto, grande parte dos divórcios acontece porque os envolvidos querem acertar, nem que seja com novos parceiros, sendo o divórcio muito mais que a desilusão de um amor fracassado, antes porém, a esperança de uma nova e bem sucedida relação amorosa.

Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Assim, constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal.

O casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais: individualidade e conjugalidade. Se por um lado, os ideais individualistas contemporâneos

estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar e estimular o crescimento de cada um, por outro, impõe a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, com os desejos e projetos conjugais. A vida a dois é certamente a relação mais difícil, principalmente quando o assunto é preservação.

Propomos neste trabalho, a investigação do ideal e do real do amor e do casamento, verificando se o que foi fantasiado pode conviver com o real do casamento estabelecido pelos sujeitos entrevistados, bem como conhecer os conteúdos presentes no imaginário feminino e o que pode ser revelado através da análise das entrevistas e das influências dos Contos de Fadas.

O amor romântico destaca-se pela necessidade de uma revisão do ideal romântico e pela desmistificação da relação conjugal como uma relação sem conflitos, seus mitos e fantasias, que sempre estiveram presentes no pensamento do ser humano, especialmente das mulheres, por idealizarem seus relacionamentos amorosos e fantasiarem todos os sentimentos relacionados ao tema casamento, como o tempo de duração, o convívio conjugal, a sexualidade, a educação dos filhos, o status econômico, o companheirismo e a intimidade, a fidelidade, a paixão, o ciúme e a maturidade.

Entendemos que esta pesquisa justifica-se pela necessidade de investigar mais profundamente aspectos muito importantes do relacionamento humano, pois mobilizam desejos, vontades, conhecimentos e paixões de homens e mulheres desde sempre.

No primeiro capítulo, abordamos os aspectos da idealização do amor e do casamento, enfatizando de forma significativa o amor romântico e a influência idealização dos relacionamentos amorosos, assim como enfatizamos a realidade do amor e do casamento. No segundo capítulo salientamos a importância e caminhos para a escolha do companheiro, perpassando pela influência da transmissão psíquica e da história de vida.

No terceiro, descrevemos a pesquisa, os objetivos, os procedimentos metodológicos e os sujeitos entrevistados. Já no quarto capítulo, fazemos uma análise das entrevistas e a contextualização das histórias com o referencial teórico, assim como a confecção do Genossociograma da família. Finalmente, no quinto capítulo, analisamos os resultados, conforme dados coletados na pesquisa. As considerações finais encerram todas as hipóteses levantadas nesta pesquisa e esclarecem se os objetivos propostos foram atingidos ou não.

Amor De Índio - Beto Guedes/Ronaldo Bastos

Tudo que move é sagrado
E remove as montanhas
Com todo cuidado, meu amor Enquanto a chama arder
Todo dia te ver passar
Tudo viver a teu lado
Com o arco da promessa
No azul pintado pra durar
Abelha fazendo mel
Vale o tempo que não voou
A estrela caiu do céu
O pedido que se pensou
O destino que se cumpriu
De sentir teu calor
E ser todo
Todo dia é de viver
Para ser o que for
E ser tudo
Sim, todo amor é sagrado
E o fruto do trabalho
É mais que sagrado, meu amor
A massa que faz o pão
Vale a luz do teu suor
Lembra que o sono é sagrado
E alimenta de horizontes
O tempo acordado de viver
No inverno te proteger
No verão sair pra pescar
No outono te conhecer
Primavera poder gostar
No estio me derreter
Pra na chuva dançar
E andar junto
O destino que se cumpriu
De sentir teu calor
E ser tudo

CAPÍTULO I – O IDEAL E O REAL DO AMOR E DO CASAMENTO

Um amor mágico e fantasiado, que seja eterno para ser pleno e total: esta é a essência do amor idealizado! As pessoas procuram o amor porque querem ser felizes e parece improvável que a felicidade sem ele seja possível e o que é ainda mais dramático: a certeza de que se depende do outro para ser feliz ou para manter-se a felicidade.

Uma das explicações para o estabelecimento do relacionamento amoroso é a possibilidade de diminuir ou eliminar a solidão, vem de Aratagy (2007), ao afirmar que as relações amorosas surgem com a possibilidade de fugir da solidão e podem se iniciar carregando o peso do mito do “foram feitos um para o outro”, levando cada um a procurar as afinidades e a negar as diferenças. As pessoas se casam buscando a felicidade, porém, as expectativas baseadas nos mitos como o do “par perfeito”, o “diálogo permanente” e o da “transparência absoluta” são frustradas, causando constante insatisfação, e estes mitos podem tornar-se ainda mais impertinentes, pois, podem transformar-se em grilhões ainda mais tirânicos a fim de provar que os desejos individuais devem elevar-se sobre os sentimentos, se isto ocorrer, e então de forma moderna e liberada, querem comandar o funcionamento dos vínculos.

Ser feliz não é estar sempre em estado de alegria profunda, mas sim, perceber, ao se fazer um balanço, que é possível ter um resultado positivo e vislumbrar no futuro possibilidades ainda maiores para a relação. Frustrações vão existir, pois, fazem parte da vida humana, porém, deve-se aprender a tolerar as frustrações como consequência das escolhas pessoais, contudo, deve-se diferenciar aquelas causadas por sonhos e fantasias que jamais se tornarão reais (ARATANGY, 2007).

Os seres humanos trazem consigo desde a infância, idealizações quanto ao relacionamento amoroso, ao casamento, a vida a dois, influência de personagens femininas presentes na vida cotidiana de todos, personagens de mães, avós, tias e madrinhas, bem como de sonhos românticos e fantasias inspiradas em histórias infantis, estas também chamadas de Contos de Fadas.

Por esta razão, temos que falar das histórias dos Contos de Fadas, dos personagens femininos, que encantam a muitos, que povoam os sonhos das crianças e das jovens românticas que esperam viver uma história de princesa e encontrar o príncipe encantado.

1.1 OS CONTOS DE FADAS

As histórias dos Contos de Fadas, independente do local de origem, ocorrem em lugares e épocas inexistentes (“país muito longe”, “numa floresta encantada”, “há muitos e muitos anos”...). Esta é uma das razões da fácil migração e entendimento em várias culturas e por várias idades, já que os contos tratam de conflitos que permeiam o inconsciente dos seres humanos, já definido como inconsciente coletivo. Os principais autores e adaptadores de Contos de Fadas são Charles Perrault (França), Hans Christian Andersen (Dinamarca) e Jakob e Wilhelm Grimm (Alemanha). Mas afinal, o que são os Contos de Fadas?

São narrativas contadas oralmente, de geração em geração, sem uma determinada autoria, com ou sem fadas, mas sempre com o maravilhoso, o mágico, seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses e feitiços) com tempo e espaço fora da realidade conhecida, tendo como eixo gerador uma problemática existencial, ou melhor, têm como núcleo problemático a realização essencial do herói ou heroína, realização que, via de regra, está visceralmente ligada à união homem-mulher (COELHO, 1991, p 13).

Podemos então entender que contos são narrativas tradicionais que resgatam mitos e pretendem apresentar respostas possíveis a questões básicas vividas pelos seres humanos desde sempre, questões ligadas às experiências dos vínculos homem-mulher, às vivências de amor e ódio e inveja e ciúme, enfim, às vivências de tudo o que realmente é importante para a humanidade. E são estas narrativas que se constituem em alimento do sonho e da fantasia que é servido para as crianças, que lhes permite entender, correlacionar e buscar soluções para sentimentos e problemas que lhe são apresentados.

Quando os contos são lidos, percebe-se uma semelhança na estrutura da história, algumas características que se repetem, de forma sistematizada, com os detalhes criando a

diferenciação entre uma história e outra. No início da narrativa, uma situação inicial, que por desobediência ou armadilha criada pelo adversário, leva o personagem principal a uma situação de prejuízo, o que inicia todo o enredo. Uma ajuda, que é normalmente mágica, repara o dano, a aplicação da punição e um final feliz.

Normalmente, o herói ou a heroína se encontra na passagem de um ciclo vital para outro e a narrativa traz um modelo de conduta a ser imitado, enaltecendo a coragem, a perseverança, a obediência, a submissão, a confiança na providência divina (DINIZ, 1993).

Cumprindo uma função no desenvolvimento da imaginação, os Contos de Fadas apresentam a magia, fadas, bruxas e seres antropomorfizados, como animais e objetos e ainda a possibilidade de metamorfoses, auxiliando a criança a encontrar significados da vida, a lidar com seus difíceis problemas interiores e preparando-a para compreender o complexo mundo que deverá lidar mais tarde:

(...) os Contos de Fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas histórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que as histórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego (BETTELHEIM, 1980, p. 14).

No século XII, Marie de France, filha do rei Henrique II da Inglaterra, tomou gosto pelas narrativas que ouvia na corte britânica e decidiu traduzir estas narrativas onde acrescentou sua visão feminina do amor e do mundo mágico, onde os animais falam, os objetos têm vida, as fadas e magos atuam e as metamorfoses e as poções de amor têm poderes sobrenaturais.

A mulher constituiu-se num ser que, a partir do século XII, será idealizado e nos Contos de Fadas, representará a heroína que somará todos os atributos positivos. Os atributos negativos caberão à antagonista, também uma mulher, mas que será o avesso da heroína. Assim se opõem fadas versus bruxas, heroína versus madrasta, heroína versus

bruxa, numa possibilidade de representações diferenciadas para os vários papéis vividos pelas mulheres em momentos variados de suas vidas.

Entretanto, reservou-se o papel secundário à mulher, submisso e passivo desta forma, caracterizando a bondade, a mulher-heroína figurada por comportamentos que revelam, além da delicadeza e da doçura, a compreensão, a aceitação passiva das dificuldades cotidianas e total resignação.

A heroína é sempre mais bonita que as irmãs de criação, mesmo vestindo andrajos, como Cinderela, que será sempre a mais bela do mundo, podendo chegar ao deslumbramento: “Cinderela, com todos os remendos, era bonita e delicada. Tinha cabelos dourados e olhos azuis. A pele era macia e as faces estavam sempre coradas” (PERRAULT, 1962, p. 78).

A heroína, além de ser a mais bonita, é sempre prendada nos serviços domésticos, cuida dos afazeres da casa, sabe fiar, vai buscar água na fonte, deve enfim realizar melhor do que ninguém o seu trabalho. Passa finalmente a ser admirada pelo seu desempenho e seu valor é reconhecido. É um modelo de qualidades e virtudes femininas, um modelo que se apresenta como possibilitador de identificações.

Quando se trata de herói, este é corajoso, inteligente, seguro, sensível e apaixonado.

(...) o príncipe, que dançava com uma duquesa, foi imediatamente ao seu encontro e não dançou com mais ninguém. A música era tão agradável e o príncipe tão encantador que, quando o relógio deu a primeira badalada da meia-noite, Cinderela não se apercebeu disso (PERRAULT, 1962, p. 82).

A jovem recompensada era aquela que realizava bem os serviços domésticos e o jovem devia ser acima de tudo, honesto e leal. Estas são condições para receberem a recompensa com ascensão social. As heroínas suportam tudo com paciência, aceitam resignadas suas condições. Não se revoltam, ao contrário, esperam passivas que algo lhes aconteça. Alguém virá premiá-las por suportar tanto sofrimento. Desta forma essas figuras criam a expectativa de que a felicidade só é conseguida com muito sofrimento, vejamos alguns exemplos utilizando as histórias de Cinderela e da Bela e a Fera:

A nova esposa mandava a jovem fazer os serviços mais sujos da casa e dormir no sótão, enquanto as “irmãs” dormiam em quartos com chão encerado.

Quando o serviço da casa estava terminado, a pobre moça sentava-se junto à lareira, e sua roupa ficava suja de cinzas. Por esse motivo, as malvadas irmãs zombavam dela (PERRAULT, 1962, p. 77).

— Foi por minha causa que incorreste na ira do monstro. É justo que eu vá. De nada valeram os protestos do pai. Bela estava decidida. Passados os sete dias, partiu para o misterioso destino (LEPRINCE DE BEAUMONT, 2007, p. 10).

Um outro exemplo, nos Contos de Fadas, seria Ariel, que em troca do amor de um mortal, aceita entregar sua voz à Bruxa do mar, além de sofrer terrivelmente ao calçar sapatos em seus pés, que antes eram sua cauda de sereia. Para ela, não poder mais falar, não ter o seu canto tão melodioso, era compensado pelo fato de estar ao lado de seu amado, mas foi justamente por isto que o príncipe só a via como uma boa amiga, pois não conseguia comunicar-se com ela.

Muitas mulheres “sacrificam-se” calando-se e ajustando-se aos moldes do que imaginam ser o desejo de seus companheiros que, ao serem vistas por eles, sem opinião e desejos próprios, perdem todo o encanto.

As mulheres, em geral, estão mais dispostas a abdicar do que gostam e terminam virando reflexo do marido. No princípio, ele pode até gostar, mas com o tempo vai olhar para o lado e ver a própria imagem. Aí ela vira uma paspalha, sem as qualidades que ele admirava (ARATANGY, 2007, p. 66).

Podemos perceber que desta forma está marcado o destino da mulher, que por muitos anos, e ainda hoje, sofre as conseqüências. Foi mantida em total submissão ao jugo masculino no lar e na sociedade. Mas há constante batalha em conquistar a igualdade, através do crescente nível educacional, optando pelo casamento cada vez mais tardio, uma carreira profissional, determinar o número de filhos, muitas escolhendo até não conhecer a maternidade.

Porém, é inegável que a responsabilidade pelas próprias escolhas traz consigo um medo maior de errar. Muitas vezes as mulheres tornam-se infelizes e angustiadas, pois têm

de ter sucesso profissional, sem esquecer que devem ser excelentes donas-de-casa e mães exemplares, além de exibirem um belo corpo e um rosto saudável e sem rugas. Parece que ao sair do jugo de pais e maridos, estão agora submissas à tirania do relógio, do chefe, da balança e de si mesmas (ARATANGY, 2007). Mas o desejo de proteção e de segurança, a necessidade de amor e compreensão e o medo da solidão permanecem, é inerente a todo ser humano, não é exclusividade das mulheres. Mesmo a independência financeira, o sucesso profissional, a emancipação feminina não garantiram que não sentissem necessidade de serem amadas, acolhidas e protegidas.

Em outros momentos, as heroínas nem mesmo esperam, nem lutam pela própria sobrevivência, ao contrário, assumem a postura de mártires, aceitando toda e qualquer fatalidade. São consideradas inferiores, fracas e choram com facilidade, desmaiam, não resistem à própria curiosidade. Outras vezes devem humilhar-se, implorar e suplicar. Estas são atitudes femininas esperadas pela sociedade, inculcadas em suas mentes para que sentissem esta fragilidade e incapacidade. O estereótipo de submissão total foi criado ao valorizar-se a aparência, a humildade, a aceitação passiva, como postura exemplar da mulher, que alimentado através dos tempos, a persegue até os dias atuais.

Ao final, devem receber o reconhecimento da sociedade, deixar o sofrimento para trás, encontrar a felicidade nos braços de alguém especial e ser benevolente àqueles que lhe fizeram tanto mal no momento de receber o castigo merecido! Para Corso & Corso (2006) nada é mais romântico que um amor que triunfa sob qualquer circunstância.

Os casamentos atuais estão baseados nesse ideal e os Contos de Fadas falam muito de amor, especialmente sobre os pares que viveram “felizes para sempre”. Bettelheim (1980) afirma que esta ilusão provoca a idéia de que não haverá mais angústias, nem frustrações após o encontro do amor. Sob o efeito dos ideais românticos, quem ainda não encontrou seu “amor verdadeiro” acaba criando o pensamento de não ser merecedor deste prêmio: o amor.

Se pararmos para observar os Contos de Fadas que as crianças ouvem desde a tenra idade, podemos perceber que há uma ligação entre cada história: em todas elas, há uma jovem, bela, frágil, doce e em perigo. Há também um jovem que surge, cedo ou tarde, para salvá-la e desposá-la e certamente será rico, sensível, viril e também terá um título de

nobreza. Nestes contos encontraremos um elemento mágico, como um feitiço, uma maldição, uma fada ou uma bruxa, elementos estes que se opondo ao bem, o ressaltam e solicitam o comprometimento à proposta feita pela história.

No final do conto, o prêmio sempre vem por interferência ou auxílio de elementos mágicos, que podem ser as fadas-madrinha, animais com poderes mágicos, figuras divinas ou a quebra de encantos ou maldições, como no caso de A Bela e a Fera:

Perto da roseira encontrou a Fera que morria. Então, Bela a abraçou forte, dizendo: — Oh! Eu te suplico: não morras! Acreditava ter por ti só uma grande estima, mas como sofro, percebo que te amo. Com aquelas palavras a Fera abriu os olhos e soltou um sorriso radioso e diante de grande espanto de Bela começou a transformar-se em um esplêndido jovem, o qual a olhou comovido e disse: — Um malvado encantamento havia-me preso naquele corpo monstruoso. Somente fazendo uma moça apaixonar-se podia vencê-lo e tu és a escolhida. Queres casar-te comigo agora? Bela não fez repetir o pedido e a partir de então viveram felizes e apaixonados (LEPRINCE DE BEAUMONT, 2007, p. 41).

Outro exemplo é o conto da Bela Adormecida, que após o beijo do príncipe, tem o encanto quebrado após cem anos de sono profundo:

(...) Decorridos cerca de cem anos, um dia, andando à caça, um belo príncipe calhou passar na floresta e viu o castelo. Intrigado por não avistar ninguém, resolveu entrar. Na torre mais alta a linda princesa dormia. Quando encontrou Aurora, o príncipe, maravilhado com tanta beleza e com o ar bondoso dela, beijou-a com todo o amor. O feitiço desfez-se! Aurora acordou. E acordou o rei. E a rainha também. E acordou toda a corte. E a alegria voltou ao castelo, e fizeram-se grandes festejos, com música e danças por todo o lado. O príncipe pediu Aurora em casamento. Foi o maior casamento de todos os tempos, e foram muito felizes para sempre (PERRAULT, 1962, p.114).

No decorrer da história, muitos obstáculos surgirão e deverão ser transpostos para que o casal encontre caminhos novos, e/ou alternativos, para que, ao final da história, encontrem o famoso “e viveram felizes para sempre”.

O que mais chama atenção, inicialmente, na história da Bela Adormecida, é o fato da jovem ter dormido por 100 anos e o mais incrível é que continuasse jovem e bela, à espera de seu salvador. Na verdade, nada sabemos de sua personalidade, de seus gostos, seu jeito de ser, que só poderão ser conhecidos após o surgimento do príncipe, que quebrando o encanto de uma bruxa, salva a princesa e todo o reino, e ainda casa-se com ela.

Podemos dizer que as mulheres trazem dentro de si o desejo de serem “salvas” da solidão por um príncipe? Que enquanto aguardam a chegada do “homem perfeito”, ficam adormecidas? Seria este o significado ou a interpretação que podemos dar a este sono tão longo?

O que dizer então, sobre a bela e meiga Cinderela? Uma jovem que passou por tantas perdas e humilhações, de repente recebe a ajuda de um elemento mágico, a Fada-Madrinha, que a transforma na mulher mais bela de todo um reino, fazendo com que o príncipe não tenha olhos para mais nenhuma moça do baile.

Mas por que Cinderela deve voltar para sua vida de escravidão e pobreza após a meia-noite? Por que ela perde toda a magia? Por que este prazo determinado pela Fada? Por que o sapatinho de cristal não desapareceu como o resto dos objetos mágicos? O que fez com que Cinderela deixasse cair o sapatinho? Será que podemos dizer que para conquistar o amor de um “príncipe” a mulher tudo faz, embeleza-se, torna-se sedutora, percebe seus gostos, torna-se meiga e interessante, e após a conquista, a jovem começa a mostrar sua verdadeira face, seus defeitos e dificuldades, o que talvez explique porque um conto nunca continua após o casamento dos jovens, fechando com o conhecido “... e foram felizes para sempre...”

O sapatinho nada mais é que a pista deixada por alguém, que quer ser encontrado e reconquistado. A idéia de que o cansaço do trabalho pode acabar com o encanto e a beleza, está presente em vários contos, não apenas em Cinderela, assim como a mensagem de que as roupas rústicas e empobrecidas de camponesa, tornam invisíveis os encantos de princesa, escondidos e/ou postergados e a afirmação de que há uma descida social ao trabalhar, pois quem trabalha não é nobre. Então esta é a sina da heroína: não receber amor em casa e trabalhar como uma escrava. Mas o caráter de nossa personagem é tão bom, que ela suporta o peso muito bem e trabalha muito e faz tudo com perfeição. A grande virada vem de forma clássica e dramática, com seu herói provando ao mundo o seu valor, qualidade que em casa ninguém percebia. Como comenta Corso & Corso (2006, p.87): “a boa alma, companheira da beleza, encontra o devido reconhecimento apesar dos trapos que a ocultam”.

E o que dizer sobre Bela, da história A Bela e a Fera, que mostra uma jovem que se sacrifica pela liberdade do pai, tornando-se prisioneira de um monstro muito feio, mas que

aos poucos, por sua doçura e beleza interna, vai “transformando-se” em um ser sensível, agradável, gentil e apaixonado. Porém, Bela ainda não aceita amar um ser tão feio, apesar de todas as suas qualidades, mas com o tempo, ao ver a Fera a beira da morte, percebe que também se apaixonara e beijando-lhe pede que não morra. Neste momento, o encanto que havia sido jogado sobre ele por uma bruxa, desfaz-se e ele se “transforma” num belo príncipe. Certamente, Bela e o agora jovem e lindo príncipe se casam e o resto já se sabe...

Este conto nos remete ao desejo interno e à crença que muitas mulheres têm, de que possuem o poder de transformar, através de seu amor, um homem comum, com seus defeitos, em um príncipe de Contos de Fadas. Acredita que através da sua forma de amar, com suas palavras e ações, poderão modificar toda a personalidade de um homem, fazendo-o tornar-se o homem perfeito e idealizado, possibilitando-lhe também a vivência de uma sexualidade como uma experiência não tão assustadora e agora permitida, já que o príncipe decidiu-se pelo casamento.

Já na história de Branca de Neve, a jovem é condenada à morte por sua beleza e juventude. Entretanto, é justamente por estes atributos que o caçador resolve poupá-la, sem coragem de matar uma moça tão bela, jovem e meiga. Branca de Neve não teme por sua vida, e apesar de todas as recomendações e conselhos dos sete anões para que não abrisse a porta para ninguém, Branca de Neve ingenuamente cai nas artimanhas da bruxa. E ao morrer, Branca de Neve conserva o brilho e o ar corado de pessoa viva, o que faz com que os anõezinhos não a enterrem, mas, a coloquem num caixão de vidro transparente, com uma indicação em ouro, de que se trata de uma princesa. Seu corpo não se deteriora, está bonita como sempre: sua pele branca como a neve, os lábios vermelhos como sangue e os cabelos pretos como a madeira de negro ébano da janela de sua mãe, que desejou ter uma filha com estas características. Morta em um caixão de vidro, no meio da floresta, Branca de Neve aguarda a chegada de seu salvador, na verdade, o segundo personagem masculino a salvá-la, pois o primeiro foi o caçador. Inerte, sem vida, sem reação, assim Branca de Neve aguarda o príncipe. Ele não a conhece, não sabe o que pensa, o que sente, o que deseja para o futuro, mas apaixonou-se por sua beleza, sua fragilidade e sua necessidade de ser salva, assim como na história da Bela Adormecida.

“O príncipe encantou-se por Branca de Neve, amou-a imediatamente e quis levá-la consigo, mesmo morta no caixão” (BONAVENTURE, 1992, p. 144). Porém, os anões não suportaram a idéia de que ela se fosse, por isso o príncipe pediu que lhe fosse permitido dar apenas um beijo em Branca de Neve. E assim, o beijo do príncipe, como no conto da Bela Adormecida, despertou a princesa.

Ao serem despertadas, Branca de Neve, do sono da morte e Bela Adormecida, do sono da maldição, demonstram gratidão aos seus salvadores e entregam seus corações a eles, como grande parte das mulheres faz: entrega seu coração ao homem escolhido depois de saber que esse é o seu desejo e o seu papel feminino.

Foi o amor dos anões e do príncipe que fez com que a princesa despertasse e percebesse o que tinha ocorrido com ela. Branca de Neve teria permanecido imóvel e envenenada no seu caixão.

Ao final, o príncipe resgata sua princesa, ultrapassando seus medos, suas dúvidas e acreditando que podem ser felizes. Se perguntado a qualquer jovem, o que acontece quando o príncipe salva a princesa?, ela certamente responderia: ela o salva também! Eis a crença das princesas Bela Adormecida e Branca de Neve, e talvez de todas as mulheres: é necessário que haja um salvador para que seja possível iniciar uma relação amorosa.

Os Contos de Fadas são reeditados constantemente em nossos dias, modernizados, com personagens atuais, mas que trazem em suas páginas ou cenas, momentos e atitudes que remetem-nos à situações já vistas em “algum país distante...” ou “há muitos e muitos anos...”. Esta reedição apenas busca aproximar-se um pouco das jovens que devoram as páginas de livros, ou lotam as salas de cinemas, para verem casais românticos, vivendo sempre as mesmas histórias de amor, cheias de sofrimento e lutas. Estas histórias povoam as mentes das moças que buscarão para si, a vivência de história semelhante, recheada de aventura, amor e um futuro eternamente feliz!

Os sonhos e idealizações ocorrem com maior intensidade no período da adolescência, pois esta fase se caracteriza por ser cercada de fantasia e romantismo, Charbonneau (1968) questiona: qual moça que nunca sonhou com um príncipe encantado? Desta forma, o amor está bem fundamentado em um mundo imaginário, que encontra reflexos no cinema, na literatura e em romances fáceis, portanto, não se apresenta mais

como imaginação, mas sob forma real, palpável, visível. As imagens vêm mascarar a realidade, criando uma capa envolvente de idealismo, fazendo com que o indivíduo sonhe, quando deveria pensar e viver (CHARBONNEAU, 1968).

E é dessa forma que muitas jovens chegam ao casamento: trazem resquícios da adolescência, que são as fantasias e os sonhos. Através do vidro da imaginação, imaginam o futuro, sua vida, seu amor, seu lar e criam ilusões, deixando de viver a realidade.

Aratangy (2007, p.126-127) declara:

As histórias de fadas não são mentirosas. Elas ressaltam as armadilhas e perigos que marcam o caminho dos apaixonados, e também na vida real é verdade que o encontro amoroso só acontece depois que os amantes vencem as forças a serviço do desamor – medo da entrega, o egoísmo, a insegurança. Mas os Contos de Fadas terminam quando a vida começa: não ensinam a mágica que faz com que os heróis sejam “felizes para sempre”.

Então passamos a acreditar, influenciados pelas histórias que povoam nossas mentes desde crianças, que o casamento tem a garantia de completude eterna, que ao encontrarmos alguém teremos a certeza de sermos amados incondicionalmente, de que este amor jamais perderá o brilho, a paixão e que, sem dor, nem sofrimento, viveremos eternamente esta magia. Então descansam, na certeza de que o vínculo construído é forte o suficiente para superar qualquer obstáculo, qualquer armadilha que se coloque entre eles. E os príncipes e as princesas não percebem que este é um engano perigoso, desconhecem que a ‘batalha do amor’ é diária, e necessita ser renovado, cuidado constantemente. É preciso buscar valentia, sabedoria e tolerância para enfrentar os inimigos deste sentimento tão precioso: o amor!

1.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR IDEAL E REAL

Amor é uma palavra usada com inúmeros significados. Mesmo quando busca descrever um mesmo sentimento pode significar diferentes sensações. Esta é uma palavra antiga e chega com sentidos modificados ao longo dos tempos, mas já a própria palavra traz consigo a “essência de seu significado e valor excepcional” (GIKOVATE, 2006, p.16).

May (1992, p.39), em seus escritos afirma existirem quatro tipos de amor, de acordo com a cultura ocidental, e define:

Uma é sexual, ou o que chamamos sensualidade, libido. A segunda é *eros*, o impulso de amor para procriar ou criar – o ímpeto, segundo os gregos, em direção a formas mais elevadas de ser e relacionar-se. A terceira é *phila*, ou amizade, o amor fraterno. A quarta é *ágape*, ou *caritas*, como a chamavam os latinos, o amor dedicado ao bem do próximo, do qual o protótipo é o amor de Deus pelo homem. Toda experiência humana de amor autêntico é uma mistura, em proporções variáveis, das quatro espécies de amor.

May (1992), deixa claro que o amor, este que conhecemos e sobre o qual falamos constantemente, necessita de uma pitada de cada um dos tipos descritos acima: libido, desejo de procriação, amizade e dedicação ao próximo, que comporão o sentimento que une um homem a uma mulher, a fim de, juntos, construírem uma família, um relacionamento satisfatório.

Não se busca razão para amar, não se ama porque alguém tem qualidades interessantes a seu ver, ou porque é bonito. O amor é simplesmente amar, ação que para os seres humanos é algo de imensa dificuldade, pois o amor é algo praticamente inexplicável somente com palavras. Talvez possa ser definido com gestos, porém, isso não basta para responder os questionamentos em relação a ele.

Quando pensamos ter encontrado o amor verdadeiro, impomos barreiras para vivê-lo, porque não sabemos lidar com tal sentimento, já que é algo desconhecido e incontrolável. Algumas definições são realmente muito esclarecedoras, umas filosóficas, outras românticas e outras racionais, porém, fica bastante claro que não é possível uma definição completa e final.

Macfarlane (1990, p. 186/7), define o amor como “uma planta sensível que requer grande delicadeza para viver”, e ressalta para o casamento um essencial pré-requisito: “não terá nenhuma esperança de felicidade sem um verdadeiro afeto, de um lado, e a correspondência desse afeto, de outro”, vimos que o cuidado e a correspondência são essenciais para o amor manter-se vivo, Já Campbell (2002) comenta que o amor não tem nada a ver com a ordem social. É uma experiência espiritual mais elevada do que aquela do

matrimônio socialmente organizado, o que é confirmado pelo fato do amor sempre ter existido, mesmo não estando ligado ao casamento.

Milan (1983), busca definir o amor em sua complexidade:

[...] o amor é indissociável de um certo não saber. Apresenta-se como um enigma e nunca se deixa decifrar inteiramente. Impossível saber por que quero tanto e a tal ponto disso dependo, por que ele me ama ou é ele que amo. Ainda que consiga individualizar algo de cativante no seu rosto, no corpo, na postura, no seu modo de sorrir ou de falar, nenhum destes elementos é suficiente para me explicar a razão do amor, que se furta invariavelmente. (MILAN, 1983, p. 12).

Podemos perceber que Milan retrata a dificuldade de definirmos e entendermos este sentimento, deixando clara a confusão de emoções que o amor envolve, o mistério de escolher este e não aquele para ocupar os pensamentos e o coração. Gikovate (2006) considera insuficiente o que se sabe sobre o amor e acredita que a pesquisa deve continuar, sem preconceitos, em busca de sua essência, e que sendo este tema tão complexo, jamais poderá ser considerado esgotado, quanto mais profundo, mais variáveis surgirão e as dificuldades de integrá-las serão maiores e deverão substituí-las por outras mais abrangentes e à medida que o tempo passar, também ficarão envelhecidas e substituídas por outras teorias mais completas e sofisticadas.

Uma definição bastante significativa, por sua essência e profundidade é a do sociólogo polonês Bauman (2004, p. 21):

Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor.

O século XX é considerado a era do amor, tão valorizado que as expectativas de felicidade dependem deste sentimento. Amar e ser amado passam a ser condições para ser

feliz, combina-se sexo, amizade, afeto e procriação, sendo a atração romântica, necessária para escolher o parceiro e há uma expectativa de mistério e excitação aliada à rotina, aos cuidados com filhos e com a casa. Ricotta (2002) também confirma a necessidade dos quatro tipos de amor citados por May (1992): para o nascimento do amor entre um casal, o problema é quando nos deparamos com uma visão romantizada do casamento e o "...e viveram felizes para sempre" tem base na certeza de que todas as necessidades da vida serão preenchidas pelo amor romântico, os sonhos passam a ser alimentados pelos mitos de felicidade e a vida a dois passa a buscar a tão sonhada felicidade, colocando nas mãos do outro a responsabilidade por sua própria felicidade.

Mesmo que a palavra amor tenha significados diferentes para cada um, o conceito abrange um conjunto de sentimentos positivos, que exaltam a pessoa amada. Relvas (1996) salienta que o amor romântico traz consigo o desejo de enriquecer a vida através de atributos oferecidos pelo amor: um sentido para a vida, o reconhecimento de qualidades pessoais, os filhos, o sentir-se necessário e desejado, etc.

Anton (2000), sugere que o mito do Casal XX seguiu o do "e foram felizes para sempre" presente nos Contos de Fadas e ainda relaciona-se um conjunto de mitos que são associados ao casamento, que segundo Relvas (1996, p.30), podem ser descritos como segue:

"O nosso amor, o desejo e a paixão não vão se alterar com o passar do tempo."

"O meu companheiro deverá ser capaz de antecipar todos os meus desejos, pensamentos e necessidades."

"Se me amas de verdade esforçar-te-ás sempre por me agradar."

"Amar significa nunca me aborrecer com o meu companheiro."

"Amar significa estarmos sempre juntos."

"Os níveis de sexo, carinho e compromisso, presentes na nossa relação, não diminuirão nunca."

"Devemos estar sempre de acordo com qualquer tipo de assunto."

Esta listagem que poderia continuar com muitos outros mitos, todos utilizando as expressões radicais do sempre e do nunca e, por mais incrível que possa parecer, ainda está

presente e utilizada pela maioria dos casais jovens ou não. Viver e acreditar nesses mitos leva à decepção e atrapalha a resolução dos conflitos e o crescimento da relação conjugal.

Percebe-se que, para muitas pessoas, o que justifica o casamento é um amor apaixonado, idealizado, absoluto. O grande número de divórcios e recasamentos está ligado à decepção com histórias vividas, somadas ao despertar da esperança em busca de novas ilusões. Relações paralelas ao casamento, em grande número, são proibidas e escondidas, mas nascem do desejo que não cessa, por viver um amor apaixonado. Mas o mágico não sobrevive à rotina, não suporta a realidade.

Um casal vive uma decepção profunda ao perceber que em um relacionamento é necessário que haja esforço por parte dos parceiros para que o amor se fortaleça. E esta decepção está ligada à descoberta que o amor não ocorre espontaneamente e sem dedicação, além de que, mesmo com amor, sempre existirão problemas, segundo Dattilio & Podesky (1995).

Por que as pessoas se casam? Quais outras finalidades pode um casamento ter, além da procriação? A idéia de amar para casar passou a ser aceita somente no fim do século XIX. Para Relvas (1996), as pessoas não deixam de se casar porque assim tinha sido combinado pelos seus pais ou famílias, em função de razões econômicas, étnicas, políticas, religiosas ou outras, o amor reúne o consenso, quase geral, como causa do grande número de casamentos.

O ato de procriar passa a ter como prioridade o amor, assim como a satisfação sexual passa a ser necessária e saudável. A mulher passa a viver o casamento dissociado do sustento, conseqüência da independência financeira que conquistou. O compromisso e a responsabilidade passam a ser maiores entre o casal, tendo mais liberdade na escolha de parceiros, baseada no amor e na afinidade psicológica. Cria-se a idéia de que o casamento é uma fusão de duas pessoas, em uma só, preservando a identidade de cada um, nascendo as expressões de conjugalidade e individualidade e a procriação deixa de ser a única finalidade do casamento (RICCOTTA, 2002).

É no final do século XX que o casamento parece ter atingido uma maturidade, passando a representar, verdadeiramente, um ato de vontade, regido pelas necessidades e anseios de prazer e realização estabelecidos livremente pelo casal, podemos dizer que os

casais se casam porque estão apaixonados e esta é a verdade que continua a traduzir a justificação dada pelos próprios noivos. Lins, psicanalista que estuda as relações amorosas, explica:

A entrada do amor romântico fez do casamento o meio para as pessoas realizarem suas necessidades afetivas. Idealiza-se o par amoroso e, para manter essa idealização, não se medem esforços, o que acaba sobrecarregando a relação entre os cônjuges. Imagina-se que no casamento se alcançará uma complementação total, que as duas pessoas se transformarão numa só, que nada mais irá lhes faltar e, para isso, fica implícito que cada um espera ter todas as suas necessidades pessoais satisfeitas pelo outro (LINS, 1997, p. 148).

O ideal romântico faz com que o casal deposite na relação conjugal todas as expectativas em realizar os sonhos e fantasias, mesmo os que foram protelados, e é através desta idealização, produzindo esperanças irreais, que entram as frustrações no relacionamento.

Os ideais do amor romântico, durante muito tempo, afetaram mais as aspirações das mulheres do que dos homens, embora, é claro, os homens também tenham recebido influência deles. Apesar dos homens terem mais dificuldade de falar a linguagem do carinho, eles foram criados por mulheres que passaram suas idealizações de amor e expectativas quanto ao encontro do grande amor, aquele que será perfeito e para sempre.

Branden (1998), Psicoterapeuta de casais, busca entender os relacionamentos homem/mulher tomando por base o amor romântico, que para o autor, é definido como uma apaixonada atração, que pode proporcionar o mais profundo êxtase, mas também quando frustrada, pode causar, um indescritível sofrimento. Para muitas pessoas o amor romântico é uma tempestade emocional de vida inevitavelmente curta, que deixa desilusão e desencanto em seu rastro. Para outros, é um ideal que, se nunca alcançado, deixa a sensação de que falta de algum modo, o segredo da vida. Portanto, Branden entende que o amor romântico é algo saudável, que ainda será vivido por cada um de nós, ao encontrarmos a pessoa que nos proporcionará felicidade e nos elevará a níveis mais altos de crescimento pessoal.

Quando o homem e uma mulher com significativas afinidades espirituais e psicológicas se encontram e se apaixonam um pelo outro, se eles já dominaram a

ansiedade que os problemas e as dificuldades pessoais provocam e ultrapassaram o nível de simplesmente lutar para fazer seu relacionamento "funcionar", o amor romântico proporciona-lhes então não apenas a felicidade sexual e emocional, mas também os ajuda a atingir níveis mais elevados de crescimento pessoal. Ele torna-se o contexto para um contínuo encontro com o self, o si - mesmo, através do processo de interação com outro self. Duas consciências, cada uma dedicada à sua evolução pessoal, podem proporcionar, uma à outra, um extraordinário estímulo e desafio. O êxtase pode, então, tornar-se parte de sua vida. O amor romântico não é um mito que deve ser rejeitado, pois, para a maioria de nós, é uma revelação que ainda aguarda sua hora de nascer (BRANDEN, 1998, p. 94).

O grande perigo na afirmação deste autor está em depositarmos todas as expectativas e aspirações sobre este ideal e ao nos depararmos com a pessoa amada, com suas características pessoais e traços de personalidade, inicia-se um processo de decepção e rejeição ao descobrir que toda e qualquer relação passa por crises e que a nossa não é diferente, muito pelo contrário, não fugirá desta regra: também haverá frustração, também será imperfeita.

Há um questionamento a ser feito: a felicidade depende do outro ou depende de nós mesmos? Para sermos verdadeiramente felizes precisamos estar amando e sendo amados? Existe felicidade sem um grande amor? Se existe, porque estamos constantemente em busca do amor e fugindo da solidão? Estas perguntas não têm respostas exatas e certas, são encontradas somente internamente, de acordo com os anseios e crenças de cada um.

O amor romântico é específico da cultura ocidental, e somente esta sociedade assume o risco de ter o amor como base para o casamento. Este período pode ser exemplificado por muitas histórias que surgiram através de filmes, livros e novelas. Começa com a publicação de pequenos livros que se tornam hábito entre as jovens e senhoras, contendo histórias românticas de uma heroína moderna, jovem, linda, inteligente e independente, que encontra de forma sempre inusitada um jovem belo, viril e normalmente rico, inicialmente mostra-se antipático, rude e amargo, a princípio nasce um antagonismo entre eles, que após algumas situações entre divertidas e excitantes, começa, a desenvolver uma paixão sem limites. Várias tentativas são feitas para separá-los, porém, conseguem vencer os obstáculos e descobrir o amor. Após conhecerem-se sexualmente e

desvendarem juntos os verdadeiros prazeres do sexo, casam-se, em meio a cenários exóticos ou luxuosos, e são felizes para sempre! Estes pequenos livros, lançados semanalmente nas bancas de revistas, chamam-se Sabrina, Bianca e Júlia e seu consumo tinha a mesma intensidade com que eram publicados.

As relações, atualmente, buscam afeto, companheirismo, individualidade e liberdade. As uniões não são necessariamente formais, sendo o importante nas relações, a satisfação que esta proporciona. Pode-se afirmar que o casamento é hoje, a união de indivíduos que se relacionam por razões próprias e pessoais. A literatura sobre a história da sexualidade aponta para um fenômeno muito importante e prevalente até o século XVIII no mundo ocidental, que é a diferença entre o amor no casamento e o amor fora do casamento.

Flandrin (1991), ressalta que o amor esteve presente na literatura ocidental pelo menos desde o século XII. Mas, este amor, salvo raras exceções, não é um amor conjugal, já que o amor-paixão é essencialmente extraconjugal. Porém, a partir do século XVIII, este quadro se modifica e as duas formas de amor, tradicionalmente opostas, são aproximadas. Um novo ideal de casamento vai-se constituindo aos poucos no Ocidente, em que se impõe aos cônjuges que se amem ou que pareçam se amar, e que tenham expectativas a respeito do amor. Hoje, ninguém duvida da dignidade do amor conjugal. A sociedade contemporânea não aceita mais que alguém possa se casar sem desejo e sem amor.

No decorrer da história da humanidade, diversos tipos de amor surgiram e marcaram as histórias e as épocas. O amor cavaleiresco, surgido no século XII, caracterizava-se pela ligação a um adultério carnal, ou uma proeza que resultava no casamento. Colocava a mulher numa atitude passiva, inferior ao homem e dependente de sua iniciativa.

O amor cortês, que aparece já no século XIII, apresenta-se como um amor adúltero espiritual, que jamais implicava no casamento entre amantes, onde o homem era sempre inferior socialmente à dama cortejada e se dispunha a qualquer sacrifício como prova de seu amor. Disposto ao sacrifício, este herói não buscava o encontro carnal com sua amada. Através de declarações, conversas amáveis, gestos ou simplesmente um olhar, assim se fazia a confissão de amor. Esperava-se apenas, da mulher, um ato de carinho, um reconhecimento, mas nunca a entrega do corpo. Exaltava a mulher, colocando-a a um plano superior ao homem. Não havia ligação entre o amor cortês e o casamento, já que a mulher

era sempre casada e seu amante jamais o marido. Enlace de corações que nunca mistura os corpos.

Rougemont (2003), explica que o amor cortês seria uma idealização do amor carnal ou a sublimação do desejo sexual. Em contrapartida, o amor conjugal, que surgiu já no século XV, exigindo dos esposos por sua própria natureza, uma fidelidade inviolável. O amor quer ser definitivo.

Uma união íntima, cuja doação é recíproca das duas pessoas, o bem dos filhos exige a perfeita fidelidade dos cônjuges e uma unidade indissolúvel. “O amor conjugal é um laço afetivo criado e cultivado, fruto de um relacionamento a dois, um vínculo, como descrito por Troya (1989)¹, separado de cada um, individualmente, mas que pertence aos dois cônjuges e não é autônomo, por não substituir por si” (MUNHOZ, 2001, p.25).

Surge então, no século XVI, o amor-paixão, este ao contrário do amor conjugal que com o tempo tornava-se mais forte, tende a acabar com o tempo. É marcado por uma urgência, o que causa conflito com a vida cotidiana e sua rotina. O envolvimento com o outro é invasivo e perturba as relações pessoais e as obrigações habituais. Pode tornar-se, do ponto de vista da ordem e do dever sociais, perigoso. Foi o amor-paixão que abriu caminho para o Amor-Romântico.

O Amor Romântico surgiu a partir do final do século XIX, é considerado para Rougemont (2003) como base do casamento moderno no Ocidente e, embora este considere paradoxal esta ligação entre o matrimônio e o amor paixão, o qual é intrínseco ao amor romântico, posto que este último se alimenta dos obstáculos e dos sonhos e tende a ser efêmero e o matrimônio constitui-se pelo que é rotineiro e monótono e se pretende duradouro, não se concebe para o matrimônio outra razão que não seja o amor romântico. A livre escolha de parceiros estaria em grande medida associada ao enamoramento do parceiro e tem como alvo a busca de uma pessoa especial, influenciada pelos Contos de Fadas que causam a idealização do casamento e seu poder sobre o êxito da relação.

De acordo com Ricotta (2002), músicos, poetas líricos e trovadores enobreciam o amor e concebiam-no como paixão ardente, elevando a mulher amada e a fidelidade entre os amantes enquanto durasse a paixão. Inicialmente, fez parte da vida dos aristocratas

¹ TROYA, E.P. Acerca de la pareja romántica, seminário apresentado no II Curso Internacional Familias Y Sistemas, en Instituto Latinoamericano de Estudios de la Familia, Mexico, 1989.

feudais, chegando depois a todas as classes sociais, passando então a unir o sentimento do amor e o casamento, denominado de “casamento romântico”.

Porém, Ariés (1987), esclarece que no século XVII há o início de um processo de grandes mudanças no casamento, com a valorização do amor individual, estabelecendo o ideal de casamento por amor, amor-paixão, predominando o erotismo na relação conjugal. Este ideal exige que o casal se ame, ou pareçam se amar e que tenham expectativas a respeito do amor e da felicidade no casamento. Esta exigência criou um problema à medida que se acentuaram as idealizações, os conflitos resultantes da desilusão e o não atendimento das expectativas cresceram também.

O amor romântico não é construído na relação com a pessoa real, mas sobre a imagem que se faz dela, trazendo a ilusão de amor verdadeiro. Deseja-se tanto vivê-lo que, quando alguém o critica, provoca grande desapontamento. Nada pode unir tanto duas pessoas como a fusão romântica. A questão é que, por mais encantamento e exaltação que cause num primeiro momento, ela se torna opressiva por se opor à nossa individualidade.

As expectativas e conceitos do amor romântico chegam até as pessoas como a única forma de amor e aprende-se a sonhar e a buscar viver tal encantamento, porém, são várias as mentiras que o amor romântico impõe para manter a fantasia do par amoroso idealizado, em que duas pessoas se completam, nada mais lhes faltando:

“ (...) no amor romântico idealizamos a pessoa amada e projetamos nela tudo que gostaríamos de ser ou como gostaríamos que ela fosse. Não nos relacionamos com a pessoa real, mas com a inventada. É claro que, na intimidade da convivência do dia-a-dia, para manter a idealização a consequência natural é o desencanto” (LINS, 1997, p. 15).

Murstein (1988), afirma que o século XX tornou-se “o século do casamento por amor”, onde as pessoas escolhem pela atração física, pela inteligência, posição social e compatibilidade de personalidade. Já Hunt (1994) destaca a importância do amor, acreditando que tanto para o homem como para a mulher do século XX, o amor ocupa uma condição fundamental para uma vida feliz, porque combinam o desafogo sexual, a amizade aperfeiçoada e as funções procriadoras da família. Escolher o parceiro pela atração romântica é considerado uma base adequada, o que demonstra a diferença de outras épocas

históricas anteriores, em que o amor, o sexo e o casamento tinham diferentes destaques e não possuíam, necessariamente, ligação entre si.

O amor romântico tem a tendência de se manter acima do ardor sexual, porém, a atração imediata faz parte do amor romântico, como considera Giddens (1993, p. 51): para quem “o primeiro olhar do amor à primeira vista é uma atitude comunicativa total, abrangente, de apreensão intuitiva das qualidades do outro, um processo de atração por alguém que lhe torna a vida mais completa.”

As mulheres, para Giddens (1993), foram as mais afetadas e também as maiores divulgadoras do amor romântico. Através da fantasia, realizavam seus desejos reprimidos: “o outro seja lá quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece... E este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade, em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro”. Giddens (1993, p.56) escreveu que “o amor idealizado se projeta em dois sentidos: apóia-se no outro e idealiza o outro, e projeta um curso do desenvolvimento futuro”, o autor também estabelece um paralelo entre o surgimento da idéia do amor romântico e todo conjunto de influências a afetarem a vida social, a partir do final do século XVIII, principalmente no que se refere a mulher. Assim associa o amor romântico à instituição do lar e à idealização do casamento.

As mulheres sonham, em suas fantasias, com um amor mágico, que lhes traga um príncipe encantado, riquíssimo, capaz de afastar qualquer preocupação com dinheiro e que lhes dê o que for desejado. Este príncipe também deveria ser extremamente sensível, um verdadeiro artista, mas sem narcisismo e sem inseguranças. Deveria gostar de tudo o que a mulher gosta, entender seus sentimentos e atitudes, ser gentil, amoroso, carinhoso, bonito e sensual. Mas a maior qualidade que este homem imaginário pode ter é o amor que nutre por sua mulher! E mais: a necessidade é que este amor cheio de magia e fantasia, seja eterno!

O divórcio coloca-se como uma possibilidade, não como uma forma de reparar o erro, mas como a sanção normal de um sentimento que não pode, nem deve mudar, e que deve dar lugar ao seguinte. Segundo Ariés (1987, p.161), “esta é uma das principais características do casamento moderno, já que alguns jovens de hoje, começam a mostrarem-se contrários a um compromisso longo”.

Canevaro (2002) salienta que os poetas e dramaturgos foram responsáveis por alimentar os conceitos e as idéias sobre a convivência e a relação amorosa dos casais, criando fantasias de que duas pessoas devem ser uma, dificultando a vida autônoma de cada parceiro. Para Johnson (1997, p.11) “o amor romântico é o maior sistema singular da psique ocidental, ou seja, este tomou o lugar da religião, de forma que homens e mulheres buscam significado, plenitude, êxtase e transcendência nesse fenômeno”.

Como fenômeno de massa, o amor romântico é peculiar somente à sociedade ocidental. Nas sociedades orientais, como a japonesa e a indiana, o amor existe como respeito e ternura, mas sem nenhuma imposição ao outro dos mesmos ideais relacionais tal como acontece entre nós: o amor romântico não é somente uma forma de amor, mas um pacote psicológico completo, uma combinação de crenças, ideais, atitudes e expectativas.

Rizley (1980) citado por Canevaro (2002, p 81) levanta a seguinte hipótese sobre o amor romântico:

(...) é uma reação psicobiológica baseada em processos hormonais e neuroquímicos, funcionando às vezes em circunstâncias difíceis, para aumentar a aproximação e a probabilidade de união entre dois indivíduos geneticamente diversos, a fim de garantir a sobrevivência da espécie.

A característica mais marcante do amor romântico é o seu caráter efêmero, tendência rápida a se desvanecer, o que provavelmente contribui para construir a idéia de passionalidade e tragédia, que envolve este amor. Um dos momentos mais dolorosos e também libertadores é quando ocorre o fim da idealização, que cega os companheiros da relação amorosa. Porém, quando este sofrimento diminui, inicia-se o sentimento de perplexidade por falta de meios de administrar o fim desta idealização, porque o amor romântico apresenta o casamento como um fim e não como o início de uma busca de complementação e união de interesses para permanentemente serem cúmplices e companheiros em um longo caminho. Não há consciência do dia seguinte, os momentos de tristeza, de decepções, que com certeza contribuem para a morte do amor em uma relação, que certamente poderia ser evitada. O casal é deixado só para enfrentar a realidade do dia-

a-dia, o que se torna difícil de ser administrado frente às expectativas e as novas e difíceis regras de convivência.

Giddens (1993, p. 73), afirma que o século XXI vem marcado por um novo tipo de amor, o amor confluyente, que se caracteriza pela busca de um relacionamento especial, e que segundo este autor, é uma forma de amor que estaria mais próxima ao contexto contemporâneo. Nele se busca um relacionamento especial diferentemente do amor romântico que busca uma pessoa especial. É amor que presume uma igualdade no dar e receber afeto e se desenvolve a partir da intimidade. Ele conceitua o laço conjugal como um relacionamento que só se mantém se for capaz de proporcionar satisfações a ambos os parceiros. Este tipo de amor é acima de tudo uma questão de comunicação pessoal, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal.

O amor tornou-se o complemento essencial e insubstituível ao relacionamento conjugal, sendo até considerado como base legítima do casamento, isto só aumenta o peso sobre os casais, já que alguns acabam depositando na relação, expectativas, exigências e a esperanças de que os sonhos e as fantasias serão realizados. Descobrir que todos estes depósitos são impossíveis de serem realizados pelo casamento, união, e tornam esse relacionamento uma armadilha pesada demais, rodeada de frustrações e ressentimentos, levando estes casais a se distanciarem um do outro.

Sabemos que não existe um modelo de união perfeita, cada casal deve determinar o alcance do vínculo que vai uni-lo, com disposição, coragem, humildade para empreender as reformas e consertos necessários para que o relacionamento mantenha-se agradável e desejado, adequando as mudanças de medidas que a vida impõe para que o casal perceba o quanto o relacionamento talhado na realidade, sem perder o desejo, a sedução e o companheirismo, pode ser satisfatório e proporcionar felicidade.

1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASAMENTO IDEAL E REAL

Casamento sempre causa grande interesse em todas as camadas sociais, principalmente pela importância que assume socialmente através da história como instituição básica para formação da família.

Atualmente, muitas questões e críticas quanto aos princípios relacionados ao casamento têm surgido, principalmente pelo aparecimento de novas configurações de uniões e relacionamentos. E é neste contexto que as famílias têm se desenvolvido e construído diferentes modelos de casamento, tendo como referência para escolhas e futuras relações conjugais (MUNHOZ, 2001).

O casamento é uma das instituições mais antigas do mundo civilizado, cuja celebração conserva suas características há mais de dois mil anos. Apesar das profundas mudanças dos costumes, nas últimas décadas, o casamento continuou sendo um dos preciosos sonhos que o ser humano mais ambiciona realizar, mesmo após o fracasso, de uma ou mais experiências, como evidenciam as estatísticas das mais variadas partes do mundo. Falar de casamento é sinônimo de dizer história ou cultura. Cada sociedade esculpiu um ou mais modelos institucionais para operacionalização de ações relativas à familiaridade e a conjugalidade. Costa (2000, p. 33), afirma: “Uma relação conjugal que não tenha por base o amor sexual, a livre decisão dos cônjuges e a igualdade de obrigações e direitos tornou-se humanamente inaceitável”.

Uma relação conjugal ou amorosa é definida por Ricotta (2002) como uma disposição para estarem próximos um do outro, conversar, ajudar, querer estar perto, trocar informações entre ambos em alto grau, acelerando o crescimento do vínculo à medida que se conhecem, a necessidade de encontrar algo que preencha, sentir completude, viver emoções nunca sentidas antes, compensar a falta de certas qualidades que não se possui e que existam no outro.

A autora refere-se à complementaridade, ou seja, a busca de compreensão mútua, que é colocar-se no lugar do outro e sentir o que o outro sente, segurança e confiança na receptividade do outro, principalmente em ser amado, sensação de estar vivendo algo cósmico e de que está “andando nas nuvens”, forte sensação de realização e transformação pessoal.

Quando duas pessoas se unem, ambas adquirem em suas identidades, uma parte comum ao outro, o que lhes dá o significado de uma identidade do casal, representando o conjunto de valores, atitudes, compromissos, lealdade, companheirismo que servem por considerar as necessidades de ambos. Isto significa a construção de uma base necessária

para “a fertilização e manutenção do vínculo, do contrário não há terreno para o florescimento do mesmo” (RICOTTA, 2002, p.54).

Andolfi (1995, p. 39) define o casamento como um modelo adulto de intimidade, como sendo uma união e separação, com um sistema de normas e regulamentos, ele explica:

O casamento é diferente de todas as outras relações. (...) No começo da vida adulta, o indivíduo é impelido a se realizar numa série de objetivos vitais, que fazem parte de sua potencialidade evolutiva. A infância e a adolescência serviram como preparação para se experimentar, para reunir experiências. Agora, chegou a idade em que o jovem adulto sente-se impelido a realizar os objetivos que elaborou em sua vivência, em experiências anteriores.

O casamento é uma das mais complexas relações humanas, pois através da evolução sócio-histórica, deixa marcas dos mitos, crenças, regras e valores, que influenciam nas condutas e concepções do casal, segundo Munhoz (2001).

A relação conjugal integra o processo de desenvolvimento do indivíduo, possibilitando-lhe uma ordem de satisfações distinta da correspondente das satisfações da vida de solteiro.

Provavelmente o casamento é o mais universal, tradicional e comemorado evento da civilização. Inicialmente restrito às relações familiares, com o tempo foi integrado às normas do Estado e aos sacramentos da Igreja.

Na Antigüidade, todo casamento era colocado sobre a proteção de certas divindades. Características que representam o casamento através de uma solenidade festiva vêm sendo mantidas desde os tempos mais remotos até os nossos dias, como revela a rica iconografia da Idade Antiga até os dias atuais, exemplificado pelas bodas do príncipe Charles com a princesa Diana, presenciada por centenas de milhões de pessoas pela televisão (Costa, 2000).

O casamento, segundo Aratangy (2007), foi inventado para promover e consolidar alianças, garantir o direito de herança e garantir proteção às mulheres. Um contrato que estabelece regras para o comportamento sexual, organizando os interesses econômicos e

determina a quem cabe o poder. Escolher o parceiro era tarefa que cabia aos pais ou a alguma autoridade reconhecida pela família. O prazer e a felicidade amorosa não estavam previstos no contrato, já que o casamento “por amor” é um evento recente na história da humanidade, pois não muito tempo atrás, os pais escolhiam de forma sutil ou declaradamente, os cônjuges de seus filhos, de acordo com os interesses familiares, econômicos ou políticos, como já visto, o amor apaixonado é um fenômeno encontrado em todas as épocas e lugares, mas se diferencia do amor romântico, específico culturalmente do Ocidente e a partir do final do século XIX.

O casamento é, portanto, uma instituição vinculada ao amor há pouquíssimo tempo. Sua função era, para todos os níveis sociais, a união de duas famílias e a permissão para perpetuarem-se, muito mais do que a satisfação do amor de dois jovens.

Costa (1987), estabelece que em qualquer classe social, as considerações materiais e prestígio social eram fundamentais para a escolha do cônjuge. O casamento primitivo acontecia por fatores determinantes, como a procriação e a preservação da espécie. Mas o que percebemos é que hoje não são estes os fatores que contam para que se forme uma união, e sim os sentimentos que unem o casal, como a atração, os planos, o desejo sexual, as semelhanças e diferenças que encantam um ao outro.

O que se exigia do casamento era o cumprimento dos deveres conjugais, esclarece Flandrin (1988), não importando se o que o casal sentia era amor um pelo outro, e quando havia interesse pelo amor, por parte da sociedade, era para condenar os excessos. Tudo isso começa a mudar no final do século XIX, quando o amor conjugal começa a ser tratado com maior valor dentro do casamento ao ponto de, em nossa sociedade atual, não ser aceita a idéia de que se possa casar ou manter um casamento sem amor, sendo o casamento, para aqueles que amam uma consequência necessária.

No Brasil, no período Colonial, o predominante era o celibato e as uniões ilegítimas em todas as classes sociais. A legalização do casamento era exigida pela família, assim como o consentimento do pai na escolha do parceiro, tanto para os homens, quanto para as mulheres (SÂMARA, 1997).

O casamento representava a união de interesses, especialmente entre a elite branca, cujo critério de escolha era os grupos de origem, a mesma raça, em que riqueza e religião

eram fatores determinantes. Munhoz (2001) explica que o nível social e cultural no casamento deveria ter igualdade para que fosse possível manter a felicidade do casal.

O Brasil acompanha, um tanto timidamente, as vias abertas pela historiografia no exterior. Os temas tratados respondem a aspectos fundamentais da história social da família: casamento, educação dos filhos, posição da mulher.

Em sentido amplo, a família pode ser conceituada como organização de vários indivíduos, constituída por uma descendência comum e destinada a conservar e a transmitir no tempo certos caracteres, disposições, habilidades e tipos de vida física, mental e moral.

(...) a família para a elite brasileira, significou por muito tempo, uma estrutura social que inclui não só a família nuclear e a família extensa, mas a mais ampla parentela, constituída pelo patriarca, sua mulher e concubinas, todos os parentes consangüíneos reconhecidos dos lados paterno e materno, padrinhos e afilhados, amigos ritualmente adotados e dependentes e mesmo escravos (CAMPOS, 2003, p. 241)

Atualmente, o relacionamento entre homens e mulheres é marcado pela busca de igualdade. Exigências maiores e mútuas com relação à satisfação emocional e sexual e menor preocupação do casal em preservar a imagem de respeito e harmonia no casamento, valorizando o diálogo entre pais e filhos. Em contrapartida, os pais estão mais ausentes de casa, principalmente a mulher, que busca ascensão à carreira profissional.

Alguns casais sentem-se obrigados a passar uma imagem de perfeição, buscando provar ao mundo que são capazes de viver um casamento feliz, mas esta idealização exagerada certamente levará à frustração. Podemos afirmar que um toque de imperfeição, emoções fortes, vivências mais humanas, passíveis de erros e retomadas, desculpas e tentativas, são necessárias para estruturar um casamento real entre seres humanos. Um relacionamento muito perfeito, calmo demais, monótono demais, certamente está com a luzinha de alerta acesa, piscando incessantemente, avisando que a distância pode estar muito curta entre a vida e a morte da relação.

Olhar para o parceiro como alguém real não o transforma em sapo, apenas o despe de fantasias trazidas da adolescência, quando se sonhava com um belo príncipe encantado, montado em seu cavalo branco, passando a ver um ser humano, capaz de errar, ter desejos e

planos diferentes da parceira, porém, capaz de amar, trazendo consigo qualidades e características por si só, dignas de serem amadas.

No casamento contemporâneo, os ideais do amor romântico tendem a se fragmentar, sobretudo pela pressão da emancipação da mulher e da autonomia feminina. As categorias de "para sempre e único" do amor romântico, não prevalecem na conjugalidade contemporânea.

Feres-Carneiro (1998) aponta para as sérias conseqüências que o ideal casamento contemporâneo pode trazer, pois se deseja o outro por inteiro e pretende-se penetrar em sua intimidade por completo. Os indivíduos têm que funcionar como reservatórios inesgotáveis de conteúdos psicológicos latentes e a satisfação da entrega total pode produzir uma sensação de esvaziamento. Há um aumento das expectativas, uma extrema idealização do outro e uma superexigência consigo mesmo, provocando tensão e conflito na relação conjugal, podendo levar à separação.

O fato de que o ser humano vive mais tempo do que no passado, dificulta a expectativa de que o casamento dure até a morte, correndo-se o risco de que o amor morra primeiro. Sobre isso, Andolfi (1995, p.25) declara:

(...) Diz-se que hoje as pessoas precisam de três casamentos: na juventude, um amor romântico e apaixonado; para criar os filhos, um relacionamento com responsabilidades compartilhadas; mais tarde, um relacionamento com um companheiro com fortes capacidades afetivas e de assistência recíproca. Mais que de novos parceiros, as pessoas precisam de alterações no contrato relacional conforme as diversas fases do ciclo vital, já que o necessário para a satisfação dentro do relacionamento muda ao longo do tempo de acordo com os requisitos familiares.

Quando o encantamento do "... e foram felizes para sempre" acaba, ficando restrito aos Contos de Fadas, o mundo real com suas relações conflitantes aparece e o casal se sente traído porque a realidade é dura e distante do que fora idealizado.

Como muitas vezes o casamento é usado para compensar os fracassos do passado - fracasso das relações interpessoais e parentais - não há compensação que possa substituir o afeto, e as cobranças e acusações mútuas são inevitáveis. A história de vida de cada um vai determinar as necessidades individuais que levam para a nova relação, assim como a capacidade de suprir ou não, as lacunas deixadas pelos fracassos mencionados.

Existem muitas razões para o término de uma relação, porém, na maioria dos casos a causa está no turbilhão emocional: desapontamento, perplexidade, confusão, embotamento, desorganização da conduta, raiva, depressão e a sensação de ter sido enganado. A tentativa de manter o mito da felicidade plena o maior tempo possível, leva a negação em aceitar a realidade e quando esta se torna inevitável, passa-se a usar um número cada vez maior e aparentemente mais forte de razões para a continuação da relação: família, filhos, amigos, status, etc, quando a relação não vai bem, passa a interferir no relacionamento sexual. Quando o prazer e o desejo se tornam menos intensos ou deixam de existir, podem levar ao afastamento do casal. Esse afastamento pode ser o fator que leva muitas mulheres a começarem a apresentar queixas de dor durante o ato sexual e muitos homens, disfunção erétil, numa somatização do problema.

A questão é que quando casamos com alguém corremos o risco de também passarmos a conhecer a nós mesmos. O difícil é assumir que quanto mais tempo passamos juntos, mais temos contato com características que temos mais dificuldades de assumir e o que era atraente no início, começa a ser repelente e passa a ser irritante, já que ao reprimirmos o que é nosso, passamos a ser mais intolerantes com os outros.

Com o passar do tempo, após a paixão, encontramos as diferenças, o que se torna insuportável se não entendermos que o outro passa a ser um espelho de nós mesmos, e nela enxergaremos refletidos os nossos próprios aspectos indesejados.

Muitos fatores influenciam na escolha do cônjuge, fatores que estão diretamente ligados ao inconsciente e também à história de vida de cada um, fazendo o indivíduo buscar alguém de acordo com as transmissões deixadas por sua família. Na literatura psicanalítica das relações amorosas, prevalece a idéia de que a conjugalidade, desde sua fundação, o momento da escolha amorosa, estrutura-se sobre o processo identificatório. Esse processo identificatório não se limita a uma reprodução da cena edípica, no sentido de uma imitação estéril. Ao contrário, o enquadre conjugal apresenta-se como terreno fértil, pleno de possibilidades de novas configurações subjetivas (FÉRES-CARNEIRO, 2005, p. 2).

Passamos a considerar, portanto, de grande importância a compreensão de como se dá a formação dos relacionamentos conjugais, analisando quais são os critérios para a escolha de um parceiro na relação amorosa. Fazem parte deste processo, conteúdos conscientes e inconscientes e estão subordinados às representações psíquicas transmitidas pelos pais, ou seja, a história familiar precedente servirá de base para que o indivíduo retire dela, material necessário para suas escolhas.

Case-se comigo

Composição: Liminha e Vanessa da Mata

Case-se comigo
Antes que amanheça
Antes que não pareça tão bom pedido
Antes que eu padeça
Case comigo
Quero dizer pra sempre
Que eu te mereço
Que eu me pareço
Com o seu estilo
E existe um forte pressentimento dizendo
Que eu sem você é como você sem mim
Antes que amanheça, que seja sem fim
Antes que eu acorde, seja um pouco mais assim
Meu príncipe, meu hóspede, meu homem, meu marido

CAPÍTULO II – A ESCOLHA DO COMPANHEIRO

Qualquer pessoa ao escolher um companheiro, com certeza terá fantasias pessoais sobre o casamento, porém, segundo Gottlieb (1993), poucas têm consciência dessas fantasias. De fato, não sabemos as razões inconscientes que atuam quando escolhemos nossos companheiros. No início do relacionamento temos desejos, sonhos, esperanças e expectativas, tantas que nem conseguimos enumerá-las. Em geral, se viemos de uma família da qual gostamos, nossa fantasia é recriá-la, com um casamento “ideal”, e se viemos de uma família marcada por dificuldade, nossa fantasia é de que a nossa nova família representará um progresso em relação àquela que sempre tivemos.

Segundo Turkenicz (1995, p.6): "Não parece haver muita dúvida que a cultura humana recomenda que o viver em casal seja um importante recurso ou de construção de felicidade ou de evitação de infelicidade para imensa maioria das pessoas".

Tais constatações nos dão a impressão de que as pessoas buscam na relação de casal a realização de um objetivo que nem sempre é atingido, um ideal de felicidade que quase nunca é alcançado.

O ser humano, naturalmente busca sentir-se pertencente a alguém, o desejo de companhia e aconchego, ter com quem contar, com quem compartilhar. Porém, com um leque de opções tão vasto, muitas alternativas e muitas opções, a escolha é feita de forma, aparentemente, aleatória e mostra com o tempo que a escolha foi feita, parcial ou totalmente inconsciente, mas com uma intenção individual, extremamente enraizada, utilizando aspectos que tornam a pessoa escolhida mais atraente do que as outras, através de mensagens não-verbais se estabelece a escolha, pelos atributos propostos, pelo estabelecimento de um contrato, que definirá as regras principais de uma união (ANTON, 2000).

Pesquisas realizadas por Viorst (1988), revelam que mais mulheres do que homens estão insatisfeitos com o casamento. É maior o número de mulheres que se queixam dos maridos. Mais mulheres do que homens falam de problemas conjugais. Mais mulheres do que homens consideram seus casamentos infelizes e se arrependem do casamento que fizeram. Mais mulheres do que homens já pensaram em separação. No entanto, as

pesquisadoras americanas Carter e McGoldrick (1995, p.25), apontam características gerais dos casados:

O casamento representa um fenômeno tão diferente para os homens e para as mulheres que, na verdade, deveríamos falar do casamento "dele" e do casamento "dela". As mulheres tendem a antecipar o casamento com entusiasmo, embora estatisticamente ele não tenha sido um estado saudável para elas. Os homens, por outro lado, aproximam-se do casamento com uma típica ambivalência e medo de ser "apanhado numa armadilha", mas, de fato, eles se saem melhor no estado casado, em termos psicológicos e físicos, do que as mulheres. Embora as mulheres sejam mais positivas do que os homens em relação ao prospecto de casamento, geralmente elas estão menos satisfeitas do que eles com a realidade do casamento.

Estes estudos realizados por Viorst (1988) mostram que as mulheres estão mais a altura das expectativas dos homens do que eles à de suas esposas, certamente porque as mulheres sonham mais, fantasias mais, ouvem mais histórias de Contos de Fadas quando crianças, assim como assistem filmes e lêem livros mais românticos que os rapazes, tornando-as mais exigentes, com o grau de expectativa maior, pois as mulheres são educadas de modo diferente do homem, o que é valorizado no menino, não o é nas meninas. Apesar de serem mais adaptativas e fazerem mais concessões, as mulheres vêem o casamento como a fonte maior de felicidade e com a necessidade de amor, companheirismo e relacionamento duradouro, bem maior que seus maridos, que permanecem firmes ao casamento, por pior que seja.

Quando as expectativas morrem, iniciam-se os conflitos, surgem as inimizades, e todas as falhas do companheiro tomam uma grande proporção. Muitas exigências são feitas, dentro do casamento, sem serem percebidas, por desejos inconscientes e sentimentos mal resolvidos, buscando atender aos anseios do passado, passando a desenvolver e revelar por vezes, sentimentos negativos pelo companheiro por não satisfazer suas expectativas e desejos impossíveis (VIORST, 1988).

Em principio e segundo Dicks (1967), a última coisa que se espera do companheiro é que seja de fato o que é. Em muitos aspectos, o homem e a mulher são exatamente opostos. Mas, em geral, não o percebem quanto, antes de tentarem viver juntos. Talvez ambos tenham sempre desejado coisas diferentes, ou desejado as mesmas coisas, mas de

maneira diferente. De qualquer forma, usam linguagens diferentes; portanto, o problema de tentar conseguir o que desejam é infinitamente complicado pela dificuldade de dizer com exatidão do que necessitam.

A intenção de formar um casal vem acompanhada de escolhas, e estas comprovam o quanto a vivência de um vínculo amoroso é complexa, já que além da escolha e dos critérios aparentes, existe também a presença de outros critérios que estão implícitos, porque uma escolha ocorre tanto em nível consciente como inconsciente, sendo que nesta última é que acontece a escolha de uma pessoa e não de outra.

Embora se diga, que se pode escolher o companheiro, entende-se que as projeções e desejos, envolvidos nesse processo, interferem na formação e quebra do vínculo conjugal.

Os conflitos conjugais e suas conseqüências, quer para a dissolução do casal, quer para a manutenção de um equilíbrio satisfatório, quer para a possível resolução dos problemas, perpassam por três grandes áreas: a primeira diz respeito às expectativas mútuas, conscientes, quanto àquilo que o relacionamento conjugal deve prover; a segunda refere-se à extensão em que tais expectativas permitem a integração do casal ao seu meio cultural; e a terceira está relacionada à ativação inconsciente de relações patogênicas passadas, internalizadas por cada cônjuge, levando complementaridade de papéis que se estabelecem entre eles. Para Dicks (1967), os casais estabelecem uma formação de compromisso entre suas relações objetais inconscientes, que na maior parte das vezes estão em conflito com seus desejos conscientes e suas expectativas mútuas.

Anton (2000, p.21) explica:

O estudo do inconsciente coloca-nos diante de um paradoxo, pois mostra que o homem não tem o poder de decisão que imagina ter, mas também não pode inocentar-se, atribuindo seus sucessos e insucessos a agentes externos. A felicidade de um casamento não é obra do acaso, nem se encontra à mercê de forças do além. Por outro lado, a adoção de determinadas posturas e as diversas opções feitas ao longo da vida sofrem marcante influência de fatores internos, fora do alcance da consciência.

De acordo com o referido autor, os terapeutas recebem em seus consultórios muitos casais e indivíduos que cultivam a idéia de que é possível casar e ser feliz para sempre, mas

a aproximação real dos parceiros seguida por um convívio continuado não subsiste a um confronto com aquilo que é idealizado, de uma ou de outra forma a realidade se impõe. "Não há príncipes, nem princesas capazes de, ao se encontrarem, dissolver todos os sofrimentos passados tornando-se, enfim, felizes para sempre" (ANTON, 2000, p. 69).

Alguma espécie de ressonância, positiva ou negativa, de acordo com o mesmo autor, é necessária para que se forme um casal, ocorrendo por afinidade ou por complementaridade, assim, como as motivações inconscientes para a atração sexual, amorosa e, especialmente, para a escolha do cônjuge, considerando-se como casamento a relação mais íntima e estável entre um homem e uma mulher.

Na escolha, utilizam-se conteúdos conscientes e inconscientes, como os impulsos, os fantasmas e os mecanismos de defesa. Percebe-se os motivos superficiais e conscientes, enquanto uma grande parte da motivação fica retida no inconsciente: "qualquer relacionamento significativo, por mais realista que seja, implica nesta mistura entre passado e presente, realidade e fantasia" (ANTON, 2000, p.39).

A escolha pode se basear, portanto, na percepção inconsciente de que o objeto se dispõe a exercer o papel que lhe atribui o sujeito (e vice-versa). É possível, inclusive, que as características supervalorizadas de um parceiro não passem de meras projeções das fantasias do outro. O objetivo inconsciente da eleição objetual é, em inúmeros casos, obter alívio para as feridas do passado, ainda vivas e dolorosas. O reconhecimento de motivações pessoais e a elaboração de conflitos podem ser meios eficazes, capacitando o sujeito a romper com um círculo vicioso, a fazer, conservar e desenvolver escolhas mais sadias (ANTON, 2000, p.42).

Loriedo e Strom (2002, p.129), também falam sobre a escolha do parceiro e acordos que se estabelecem para que ocorra um vínculo conjugal:

Supõe-se que as exigências pessoais do indivíduo o orientam na escolha da pessoa com a qual se casar e das características que ele entende que o casamento deva ter. Entretanto, não raramente, também as exigências pessoais acabam dependendo, de forma substancial, das expectativas parentais, ou são substituídas explicitamente por elas. Outras vezes, a escolha e o próprio contrato são realizados diretamente pela família de origem e são aceitos ou suportados pelo indivíduo que não consegue exercer pessoalmente seu próprio direito.

As escolhas conjugais, afirma Munhoz (2001, p. 36), constroem-se “a partir das interações familiares em seus aspectos interacionais, tendo como embasamento teórico a perspectiva de desenvolvimento familiar e individual”, e ainda considera os seguintes elementos como definitivos: os elementos de um casal como subsistema de um sistema familiar, os sistemas familiares, em nível intergeracional, que acompanham as etapas do ciclo de vida familiar e as influências sócio-culturais recebidas de um momento historicamente definido.

O casamento continuou sendo um dos preciosos sonhos que o ser humano mais ambiciona realizar, mesmo após o fracasso, de uma ou mais experiências, como evidenciam as estatísticas das mais variadas partes do mundo. Isto ocorre porque, para obtenção do prazer, necessitamos da ação complementar de um parceiro que, na infância, são os pais ou substitutos e, na vida adulta, o cônjuge. (COSTA, 2000, p.17).

Observemos que a escolha do parceiro certamente não acontece ao acaso, inconscientemente os parceiros cruzam os caminhos de seus objetos inconscientes, de maneira que a relação se alimente da escolha de um companheiro que é a consequência do amor infantil.

Para entender essa escolha, é preciso buscar a teoria de Freud (1914) e de Eiguer (1989), baseada na teoria psicanalítica do complexo de Édipo e sua resolução. A família é composta de membros que se integram como grupo e têm modalidades de funcionamento psíquico inconsciente diferente de seu funcionamento individual. Eiguer (1989, p.29) considera que:

(...) o organizador do grupo familiar se define como uma formação coletiva, para a qual contribuem os psiquismos pessoais, que concentram um jogo de representações psíquicas específicas da família e um denominador comum de emoções freqüentemente exaltadores.

Ainda conforme Eiguer (1989), existem três organizadores da vida familiar: a escolha do objeto, o eu familiar e a interfantasmática. Dos três organizadores propostos pelo autor, concentraremos-nos, nos dois primeiros: a escolha do parceiro e o eu-familiar. O primeiro inaugura o mundo de objetos inconscientes do casal e da família, e que propõe o

primeiro modelo de vínculo objetal e o segundo, é o sentimento de reconhecer que determinada família é a sua, da qual faz parte e que dá continuidade a ela.

A escolha do objeto ocorre no início da relação e no plano inconsciente. Nessa escolha, a partilha dos objetos é que vai construir o mundo interior grupal. Para compreender a escolha do objeto, é necessário considerar o inconsciente individual. O objeto inconsciente de um se junta com o objeto inconsciente do outro e, nesse jogo de desejos, forma-se o mundo objetal partilhado, assumindo uma dimensão organizadora (EIGUER, 1995).

De acordo com esta teoria, destacamos os três modos de escolha objetal apontados: começamos pela escolha objetal analítica ou assimétrica, a qual é baseada no desejo de reconstituir uma relação de cuidado, alimentação e proteção que foi vivida no início da vida. Representa a busca do homem ou da mulher por um parceiro que ampare e apóie, alimentando a pulsão de conservação dos pais da infância, e domine a angústia da perda das figuras parentais. Ama-se segundo o modelo do amor recebido na relação com as figuras parentais, aquela que alimenta, aquele que protege.

A identificação seria mútua e cada um idealiza o outro, julgando-se conhecedor do que deve fazer para suprir as necessidades do outro. Um dos dois caminhos deve ser escolhido: a) defensivo – quando o cônjuge escolhe seu companheiro por ser o oposto do pai e vice-versa e b) regressivo – quando se identifica no parceiro, um sucessor da figura parental de identificação. É uma escolha regressiva em relação à etapa da dissolução do Complexo de Édipo, onde há uma relação complementar infantilizante para um e parental para o outro.

A escolha objetal narcisista ou simétrica foi distinguida por Freud (1914) como uma escolha que busca um objeto que se assemelhe ao que se é, ao que se foi, ao que se gostaria de ser ou à pessoa que foi uma parte de si próprio. É uma proposta infantilizante para um e acentua o papel parental para o outro. O vínculo se estabelece a partir de uma idéia de onipotência, orgulho e ambição. Há um jogo sadomasoquista na relação, esse poder de um, desperta forte atração no outro, que fascinado, idealiza o parceiro e projeta sobre ele seu ego ideal narcisista, para identificar-se com ele e a ele empresta um Ego aceitável

(WILLI, 1995). É uma relação onde prevalece a onipotência entre os parceiros, sendo eles incapazes do reconhecimento para com o outro, incapazes de aceitar que ambos possam se enganar, enfim, uma relação muito pouco gratificante.

A escolha objetal edípica ou dissimétrica trata-se de uma escolha regida pela identificação madura e adulta ao pai do mesmo sexo, procurando o significado de sua relação amorosa, de interação homem-mulher, baseados nas vivências satisfatórias em suas famílias de origem. É própria das estruturas neuróticas e normais. Esta escolha é feita buscando-se alguém que seja o oposto do pai do outro sexo.

Não se pode acreditar que a escolha de objeto é uma questão simples, deve-se admitir que as variantes para esta escolha podem associar-se, os aspectos intervirem simultaneamente, tornando-se muito complexos, podendo também evoluir historicamente de um modelo para outro, de modo a permitir níveis crescentes de integração.

O objeto inconsciente de um se encontra com o objeto inconsciente do outro e os dois objetos unidos constituem um mundo objetal partilhado, adotando assim uma dimensão organizadora: “A constituição da escolha do parceiro, provavelmente, dará forma à organização inconsciente específica da família, à interação entre os cônjuges e entre pais e filhos” (EIGUER, 1989, p.37).

Falemos agora, do segundo organizador a vida familiar, definido por Eigner (1989), o eu-familiar, que é dividido em três suborganizadores: o habitat interior, o sentimento de pertença e o ideal do ego familiar. E pode ser definido, de acordo com Eigner (1989, p. 38) como o “investimento perceptual de cada membro da família, que lhe permite reconhecê-la como sua, numa continuidade têmporo-espacial”. Assim, o eu familiar pode ser definido como o investimento perceptual de cada membro da família, que lhe permite reconhecê-lo como sua, numa continuidade têmporo-espacial (EIGUER, 1989).

O habitat interior é o local onde a família faz seu investimento, considerando os desejos individuais que se juntam, e a sua soma coletiva é depositada num lugar geográfico real. Ele traduz a representação simbólica de cada uma das pessoas: seus papéis, suas alianças manifestas, latentes ou desconhecidas e definem as afinidades e rivalidades, é a base do reconhecimento grupal, construído no inconsciente do grupo, que reflete objetivamente no espaço que a família habita: o lar.

O sentimento de pertença engloba os sentimentos que cada membro da família nutre em relação ao grupo, alimentado de percepções inconscientes. Uma percepção inconsciente cheia de afetividade. O espaço da família como uma extensão do seu próprio corpo. É o local onde se pode depositar seus desejos e formar uma vinculação afetiva. O sentimento de pertença pode ser conservado por cada membro da família.

O terceiro sub-organizador, o ideal do ego familiar, tem como base o futuro, como um projeto, uma representação da “perfectibilidade do grupo em relação a seu próprio destino”, quanto ao social, cultural, educacional e habitacional para a família, assim como um projeto relativo às realizações dos filhos, já na fase adulta e estabelecendo ideais a atingir. O ideal de ego tem como base o futuro. É a instância onde se traçam os desejos de perfeição dos pais, principalmente, a imagem idealizada dos mesmos, que aparece como um objetivo a ser alcançado. É a perfeição imaginária que nunca será atingida, mas atrai o sujeito em sua direção, como ideal de si mesmo. Este é um organizador fundamental dos vínculos e da estabilidade da família, porque permite tanto as expectativas quanto o adiamento da satisfação das pulsões. Para satisfazer o ideal do ego familiar é necessário que a família possua um projeto, um plano organizado e disponibilizar os meios necessários para atingi-lo.

Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal.

No entanto o casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais: individualidade e conjugalidade. Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais.

A vida a dois é certamente a relação mais difícil, principalmente quando o assunto é preservação.

Canevaro (2002, p.80), esclarece que a valorização da dimensão íntima e da recíproca atenção entre os parceiros, tem ganhado terreno:

O fenômeno da maior longevidade, os processos de autonomia e autoconscientização da mulher, a nuclearização progressiva da família e outros macrofenômenos sociais relacionados (as migração interna, as mudanças socioeconômicas, a urbanização, o mercado de trabalho com as famílias de “carreira duplas”) modificam, de modo irreversível, a percepção individual e coletiva da vida a dois. A desvinculação dos filhos exige uma maior disponibilidade para a experiência da intimidade e para o amor co-terapêutico entre os cônjuges, como valores a serem buscados e vivificados no ciclo da vida, estabelecendo uma posterior e definitiva diferença em relação aos valores que caracterizam a família tradicional: a estabilidade e a ênfase na procriação e o crescimento das gerações sucessivas.

Essa concepção atual do casamento, que prioriza a igualdade e o respeito à mútua individualidade, estabeleceu uma ordem diferente na questão da felicidade, representando uma conquista do amor maduro dentro dos limites da condição humana. Féres-Carneiro (1998), ressalta que todo fascínio e toda dificuldade de ser casal reside no fato de encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções no mundo, duas história de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal.

Féres-Carneiro (1998), continua dizendo que a constituição e manutenção do casamento contemporâneo são muito influenciadas pelos valores do individualismo. Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. Assim, o casal contemporâneo é confrontado o tempo todo por duas forças paradoxais individualidade e conjugalidade. Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais.

Araújo (1999, p. 2), destaca que em sua pesquisa:

Os casais entrevistados afirmaram ter consciência de que para um casamento “dar certo” é preciso investir na relação, é preciso aprender a lidar com os conflitos como forma de crescimento e amadurecimento da relação. Para isso, é necessário muita disposição para o diálogo, tolerância e respeito às diferenças. Para esses casais, a luta pela própria individualidade e o respeito pela individualidade do outro é defendida como um valor fundamental, embora admitam que na prática seja algo difícil de realizar. O companheirismo, o afeto e amizade aparecem como os sentimentos que dão sustentação ao novo modelo de casamento que estão construindo com base em relações mais democráticas.

E as pessoas continuam, segundo Araújo (1999, p.7), buscando felicidade no casamento, na vida a dois, sendo a conjugalidade um desejo e uma necessidade do ser humano, mas:

Nos casamentos de hoje observa-se uma revisão dos ideais de conjugalidade. Alguns especialistas apontam para uma mudança significativa no casamento contemporâneo e defendem que o segredo de um relacionamento conjugal estável está exatamente na capacidade de se desfazer das idealizações e não ter grandes expectativas.

Mas se hoje o casamento contemporâneo tem buscado mudanças quanto às idealizações, por que os sentimentos de frustração e desencanto estão tão presentes nas falas dos maridos e mulheres, ao se referirem aos seus casamentos? Aratangy (2007) percebe que isso ocorre porque a grande maioria dos casais ainda busca em sua relação, um relacionamento romantizado, onde só há magia e amor, esquecendo que vivem em um mundo real, onde o casamento é real e que ao entrar a intimidade por uma porta, que é característica do casamento, possivelmente por outra saiam a gentileza, o mistério e a sedução.

2.1 TRANSMISSÃO PSÍQUICA

Para Kaës (2001b), a psicanálise propõe a transmissão através da formação do inconsciente e dos afetos subjetivos que derivam da intersubjetividade. O sujeito faz parte de um grupo e possui dois determinantes para constituir-se, primeiro o funcionamento do

próprio inconsciente no espaço intrapsíquico e o segundo, é a exigência de trabalho psíquico imposto à psique pelas ligações com os conjuntos dos quais procede ao sujeito, como a família, o grupo, as instituições, a sociedade.

Freud (1914), refere-se a uma continuidade na vida psíquica entre gerações, considerando que o sentimento de culpa se constitui em organizador da cultura, e apontando a dimensão do assujeitamento a uma corrente geracional como elo da transmissão, o que deixa claro uma preocupação pelo contexto da intersubjetividade na vida psíquica.

Freud desenvolve a atribuição de lugares e os significantes presentes no processo de transmissão em que o filho é o herdeiro dos sonhos e desejos não realizados pelos seus pais, ponto crucial a partir do qual o sujeito deve, em seu processo de subjetivação, assumir seu lugar e apropriar-se do sentido de seu próprio desejo, em relação ao desejo de seus predecessores.

A construção da subjetividade se dá no tempo e no espaço da geração, do familiar e do grupal, e o estudo da transmissão psíquica entre gerações, leva à reflexão:

O que é que me vem do outro, que me é transmitido, e que eu transmito - ou transfiro - a que me submeto, do qual me benefico, ou que me arruína, do qual posso ou não me constituir herdeiro? E o que me vem de alguns outros? (...) preferencialmente o que não contém, aquilo que não se retém, aquilo de que não se lembra, como a vergonha, a falta, a doença, o recalamento, os objetos perdidos e ainda enlutados (KAËS, 1998, p.6-9).

O processo de transmissão entre as gerações sustenta valores, crenças e saberes que asseguram a continuidade grupal e cultural como tradição, porém, esta transmissão direta foi considerada insuficiente como resposta para a questão da continuidade da vida psíquica entre as gerações. Kaës (2001b, p. 59/60), ao focar a transmissão psíquica entre gerações, afirma:

(...) que o sujeito humano, mesmo antes de nascer, já está inserido num conjunto intersubjetivo que o tem e o sustém, sendo um intersujeito. (...) Não existe psique humana sem que se efetuem essas ações psíquicas, e apenas sob essas condições o sujeito poderá utilizar a linguagem e a palavra das gerações anteriores.(...) Pensamos que algumas formações do

A transmissão psíquica geracional acontece através de imagens psíquicas originadas na vida libidinal do sujeito e alimentadas pelas experiências dolorosas dos pais ou ascendentes ou pela censura e segredos não traumáticos inicialmente, mas que assim se tornam pela confluência de diversas situações.

Kaës (2001a, p.13), mostra, que pode haver urgência em transmitir como em interromper esse processo, no entanto, em ambos os casos, há uma relação às exigências narcísicas poderosas de comunicação e de continuidade da vida psíquica.

Freud aponta duas formas de transmissão do psiquismo entre gerações, em Totem e Tabu (1913): a primeira refere-se “à identificação com os modelos parentais, cujo processo está ligado à história do indivíduo” e a segunda é “a transmissão genérica, caracterizada por traços mnemônicos de relações com as gerações precedentes, sendo que seu processo se refere à pré-história do indivíduo”.

O progenitor faz uso do espaço psíquico do filho, sem fazer discriminação de si próprio. O filho fica preso a lutos não elaborados, segredos ou vergonhas implantados em seu psiquismo, que o alienam, por sua necessidade de investimento narcísico, sujeitando-se à fala e ao silêncio dos pais, sem liberdade para interpretar com o seu psiquismo as verdades familiares e vinculares (TRACHTENBERG, ET AL., 2005). Kaës (1998), também enfoca este assunto e acredita que os investimentos e discursos dos pais são de grande importância:

(...) o infante é o depositário, o servidor e o herdeiro dos sonhos e dos desejos não realizados dos pais, ele é quem dará lugar e sentido a essas predisposições que o precedem, que o violentam, mas que são as condições de sua concepção propriamente psíquica (KAËS, 1998, p. 7).

Correa (2000, p. 65), seguindo a mesma linha de raciocínio e apresenta a transmissão psíquica geracional de duas formas distintas: A Intergeracional, que é aquela que inclui “um espaço de metabolização do material psíquico transmitido pela geração mais próxima e que, transformado, passará à seguinte”, ou seja, são organizadas através de vivências elaboradas, como fantasias, imagens e identificações que se fundem em uma

história familiar. E a Transgeracional que se refere “a um material psíquico da herança genealógica não transformada e não simbolizada, apresentando assim vazios e lacunas na transmissão, de modo que o significado aponta para o fato psíquico inconsciente que atravessa diversas gerações”, que são elementos brutos, provenientes de vivências traumáticas, de não-ditos (segredos) e de lutos não elaborados. Justamente pela falta de elaboração em gerações anteriores é que esses elementos reaparecem assimilados pelos sujeitos de uma geração atual.

Assim, vários pesquisadores e terapeutas de família dimensionam o impacto das heranças familiares advindas da família de origem no estabelecimento dos relacionamentos conjugais e se dedicaram a examinar a influência da família de origem nas escolhas conjugais e na determinação dos motivos (conscientes e inconscientes) que levam as pessoas a elegerem seus parceiros. Em seus escritos, Wagner e Falcke (2001), revisaram a literatura da última década, e verificaram os artigos que englobam as várias correntes teóricas da Psicologia, e confirmam a existência de “uma forte tendência à repetição de padrões de relacionamentos afetivos experimentados na infância” e destacam a “repetição de padrões destrutivos aprendidos nas famílias de origem”.

Vejamos o que Gomes (2005), afirma sobre algumas escolhas conjugais e em que são baseadas:

Sua história de vida demonstra o determinismo causal das situações traumáticas ocorridas na infância; das repetições como fixações desses traumas ou como tentativas pouco elaboradas de soluções do problema; dos não-ditos transmitidos pela herança familiar; e das relações de poder que surgem no interior da família, de acordo com os estudos psicossociais, principalmente nos modelos tradicionais de casamento. Portanto, sob esse ponto de vista, podemos supor que as escolhas conjugais realizadas desta forma estão necessariamente fadadas à psicopatologia das relações amorosas, gerando modelos transgeracionais enraizados, paralisantes, com casamentos que se tornam duradouros, entretanto, visando à morte psíquica dos pares, ou seja, a antítese do ditado popular: “felizes para sempre” (GOMES, 2005, p. 8).

A escolha do parceiro é feita a partir do modelo de “um ou outro” dos objetos infantis, o que estreita os vínculos. A transferência em relação aos objetos do passado

familiar: o ancestral encarregado pelos vínculos libidinais de objeto desce pela árvore genealógica até o indivíduo.

As representações transgeracionais são as representações de antepassados, com seus mitos e fantasias relacionados com eles. É uma reconstrução fantasmática inconsciente de eventos às vezes traumáticos, aderidos por todos os membros da família. O mito familiar é uma fantasia consciente, sob a forma de fábula ou lenda, relacionada com a história familiar (os avós) ou sua pré-história (os antepassados). As representações transgeracionais estão ligadas a cada membro da família por ser o modelo objetal e relacional dessa representação. Cada família tem uma representação mítica de uma família ideal. A família transgeracional fantasiada pode entrar em conflito com a família ampliada real.

As figuras parentais trazem cada uma, seus desejos inspirados nas representações de seus respectivos antepassados, o filho recebe a projeção desses desejos, que encontra em seus pais um modelo de identificação. De acordo com Kaës (1998), os conteúdos que ficam no inconsciente é que são “preferencialmente transmitidos, projetados e depositados no outro ou em mais de um outro”. São conteúdos como a falta, a doença, a vergonha e os objetos reprimidos, ainda não elaborados, entretanto, não são somente conteúdos negativos que são transmitidos, conteúdos narcísicos e vínculos intersubjetivos também o são, a fim de assegurar a manutenção e a continuidade, bem como as identificações, dúvidas, certezas e mecanismos de defesa, esses conteúdos são transmitidos por meio das alianças inconscientes, que possibilitam a criação do vínculo.

Podemos afirmar que alguns indicadores relativos à formação do sujeito no contexto familiar, sob o ponto de vista da psicanálise, dá-se, em primeiro lugar, no espaço intrapsíquico da família, e um de seus componentes essenciais é a identificação. O grupo familiar, portanto, não pode ser considerado estático, pois é um grupo dinâmico e sua transformação é constante, trazendo novos padrões de funcionamento e de criação, pelos elementos, que advém de novos núcleos relacionais, diferentes daqueles marcados pela hegemonia patriarcal.

Rock Estrela

Composição: Leo Jaime

Quem sou eu e quem é você
Nessa história eu não sei dizer
Mas eu acredito que ninguém
Tenha vindo pro mundo a passeio
De onde se vem pra onde se vai
Só importa saber pra quê e pra quem...

CAPÍTULO III - A PESQUISA

Esta pesquisa se propôs conhecer e refletir sobre o ideal e o real existentes no pensamento feminino, sobre o casamento, investigar conteúdos presentes no imaginário que podem ser revelados através da análise de alguns Contos de Fadas.

Mitos e fantasias sempre povoaram o pensamento humano, permitindo as idealizações de relacionamentos amorosos e fantasias que englobam toda a gama de sentimentos correlatos ao tema do amor e casamento - tempo de duração, convívio conjugal, sexualidade, filhos, status econômico, companheirismo, intimidade, fidelidade, paixão, ciúme, maturidade.

Afinal, o “e foram felizes para sempre” ao invés de encerrar uma narrativa maravilhosa que remeta ao fantástico, desperta a vontade de conhecer como as mulheres de verdade viviam e vivem em seus casamentos reais com maridos reais e não príncipes encantados.

Assim, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de conhecer mais detalhadamente este aspecto tão importante do relacionamento humano que mobiliza desejos, vontades, conhecimentos e paixões de homens e mulheres desde sempre.

3.1 OBJETIVOS

3.1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho consiste em investigar o pensamento das mulheres sobre o casamento, considerando a influência dos Contos de Fadas e da Transmissão Psíquica.

3.1.2 Objetivos Específicos

- Conhecer algumas das idealizações sobre o tema do amor e do casamento encontradas na fantasia e pensamento feminino;
- Entender como são vividos os relacionamentos amorosos, as expectativas, os dilemas, as contradições e as conquistas obtidas em casamentos reais;
- Perceber como o ideal que foi fantasiado pode conviver com o real do casamento que foi estabelecido pelos nossos sujeitos.

3.2 METODOLOGIA

3.2.1 Referencial Teórico-Metodológico

Ao buscar bases teóricas para melhor compreender a família e sua importância na vida dos jovens, encontramos o aprofundamento teórico necessário, presente na psicanálise de família e de casal. A partir daí, percebemos que o método psicanalítico seria o mais adequado a ser utilizado na estruturação deste trabalho.

Portanto, aliar a compreensão teórica da psicanálise de família com a visão simbólica da psicologia dos Contos de Fada, buscando uma maneira de pensar que contribuísse para o conhecimento da subjetividade das pessoas e sua busca pela individualidade e conjugalidade.

Mezan (2002), explica que pesquisa significa identificar um problema, preparar os instrumentos conceituais, buscar o referencial teórico pertinente e procurar a resolução, ou pelo menos avançar na sua representação, e continua detalhando como pesquisa, o elaborar o projeto, selecionar a bibliografia, construir a dissertação e decidir o que é importante para tema, o que exige muito esforço, concentração, persistência, com a certeza de encontrar muita frustração e desânimo, mesmo quando tudo parece inalcançável.

Os aspectos do processo psicanalítico devem ser abordados, segundo Mezan (2002), por meio do método de pesquisa qualitativa e não quantitativa, que exige uma reedição, própria do modelo positivista de ciência incompatível com o método psicanalítico.

No caso da investigação psicanalítica esta deve ser qualitativa, quer dizer, trabalhar com particularidade casos específicos. É o aprofundamento nesta singularidade que permite retirar o que há de exclusivo e o que há de geral com outros casos, tornando-o valioso como exemplo.

Safra (1993, p.119), esclarece que “ao mesmo tempo em que Freud trabalhava com seus pacientes, auxiliando-os na superação das suas dificuldades psicológicas, mantinha-se com o espírito aberto observando as produções psíquicas de seus analisados e as dificuldades que apareciam ao longo do processo”.

A psicanálise é definida por Freud (1922) como:

(...) 1) Um procedimento para a investigação de processos mentais que, de outra forma, são praticamente inacessíveis. 2) Um método, baseado nessa investigação, para o tratamento de distúrbios neuróticos. 3) Uma série de concepções psicológicas adquiridas por esse meio e que se somam uma às outras para formarem uma nova disciplina científica (FREUD, 1922, p 2661).

A teoria criada por Freud, a Psicanálise, não foi construída para trabalhar especificamente com famílias ou casais, todavia, Freud utilizou estes temas como cenário para o estudo dos seus casos e para a construção de sua teoria. A Psicanálise busca encontrar no discurso de seus pacientes, as relações trazidas em suas falas, no inconsciente revelado, sejam elas reais, idealizadas ou introjetadas.

Para contribuir com a pesquisa, encontramos um instrumento de grande poder: a construção do Genossociograma, ou seja, “uma representação sociométrica (afetiva) calcada na árvore genealógica familiar, com suas características de nomes, prenomes, lugares, datas, sinais, vínculos e principais acontecimentos da vida: casamentos, mortes, doenças graves, acidentes, mudanças de moradia, ocupações, aposentadoria” (SCHUTZENBERGER, 1997, p.19).

Para o genossociograma utilizam-se setas sociométricas colocadas em destaque, assim como os diferentes tipos de relações do sujeito e os vínculos entre as diferentes personagens.

A pesquisa com método e referencial teórico psicanalítico, vê na interpretação o contato com a exposição do inconsciente do sujeito, de seus desejos, seus mecanismos de defesa, assim como as fantasias sobre suas relações com seus pais e outros parentes.

3.2.2 Sujeitos e Material de Estudo

Os dados da pesquisa foram colhidos no conjunto de sujeitos composto por cinco mulheres da mesma família: mãe, filha e três netas, sendo uma casada, uma recém-casada e uma noiva, através de entrevistas semi-estruturadas, que possibilitou um clima bastante propício para o trabalho, com um pré-estabelecimento dos temas de nosso interesse, e abordados da maneira mais espontânea possível. As entrevistas foram feitas nas residências dos sujeitos, gravadas e transcritas. A decisão de trabalhar com mulheres da mesma família ocorreu pela possibilidade de verificar como as questões da transmissão psíquica e das heranças foram passadas entre mães e filhas, num processo geracional.

Considerando que a entrevista é um processo de interação, de trocas emocionais, afetivas e cognitivas, entre entrevistado e entrevistador **XXXXXXXX**.

As entrevistas foram utilizadas como instrumento de pesquisa e serviu como investigação que possibilitou aflorar profundas informações sobre as vidas dos sujeitos.

Trabalhamos com a entrevista semi-estruturada, porque esta modalidade tem a vantagem de oferecer grande flexibilidade, tanto para o entrevistador como para o entrevistado, permitindo que o pesquisador elabore um roteiro que permita as adaptações necessárias a cada entrevistado, para que assim obtenha as informações desejadas, permitindo retomar e aprofundar questões que não foram satisfatoriamente respondidas no decorrer da entrevista. Esse tipo de entrevista também dá liberdade ao entrevistado de organizar sua fala de acordo com o que é significativo para ele, possibilitando a emergência

de conteúdos afetivos não elaborados uma vez que não há censura ou bloqueio à sua espontaneidade.

Antes de cada entrevista ser realizada, os objetivos e os assuntos da pesquisa foram esclarecidos aos sujeitos, deixando durante as entrevistas, que os mesmos fossem abordados livremente pelas entrevistadas.

As cinco mulheres entrevistadas deram seu consentimento para que a transcrição completa das entrevistas fosse realizada e utilizada. Paralelo às entrevistas, foi confeccionado o Genossociograma da família, tomando-se o devido cuidado para que todos os nomes fossem trocados, a fim de preservar as suas identidades, mas, mantendo as iniciais semelhantes aos nomes originais, com exceção dos sujeitos, que receberam nomes de princesas, para auxiliar na análise dos dados.

Os sujeitos da pesquisa, apresentados com nomes fictícios, são:

Ariel – 77 anos, do lar;

Branca de Neve – 53 anos, professora;

Cinderela – 34 anos, psicóloga;

Bela - 33 anos, publicitária;

Bela Adormecida – 30 anos, Assistente Social.

3.2.3 Procedimentos para a Coleta de Dados

As entrevistas foram realizadas na residência de cada mulher, com uma estruturação invisível, considerando o referencial teórico apresentado e buscando abordar todos os itens propostos em nossos objetivos para este trabalho. Foi definido, com cada uma, um contrato psicológico, constituído dos seguintes dados: a explanação dos objetivos da pesquisa e o vínculo com o programa de mestrado, a garantia de completo sigilo sobre seu nome verdadeiro e ainda a solicitação de consentimento livre e esclarecido (ver anexo), para a coleta e a utilização dos dados obtidos através da entrevista, que serviram para a confecção do Genossociograma e também para a análise das seguintes categorias: história de vida, história do casamento, bem como o casamento dos pais, a opinião sobre o casamento, as

alegrias e tristezas que o casamento trouxe, a identificação feminina, influência dos Contos de Fadas tradicionais e as perspectivas futuras.

3.2.4 Análise dos Dados

A análise dos dados foi realizada seguindo algumas etapas, como a leitura atenta de todas as entrevistas, seguida da leitura de cada uma, a fim de compreender a história de cada entrevistada, suas decepções e expectativas sobre o casamento, assim como a influência dos Contos de Fadas.

O próximo passo foi o exame dos dados obtidos, identificando os dados comuns entre as entrevistas e os pontos que se diferenciavam e por fim a análise dos dados, relacionando-os com a teoria que norteou o presente estudo.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de outubro a dezembro de 2006.

3.2.5 Aspectos Éticos

Assegurando o sigilo e preservando a identidade das mulheres entrevistadas, optamos por adotar nomes fictícios, preservando a ligação dada ao significado de cada um. As normas regulamentadoras do Conselho Nacional de Saúde (C. N. S.), resolução 196/96 sobre pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, 2000) foram a base para os aspectos éticos do estudo, o que significa que todas as informações foram obtidas mediante consentimento livre e esclarecido, elaborado de acordo com as especificações apontadas pelo C. N. S. O Projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da Faculdade de Medicina de Marília e aprovado em 07 de maio de 2007, sob o nº 192/07.

Ainda Bem

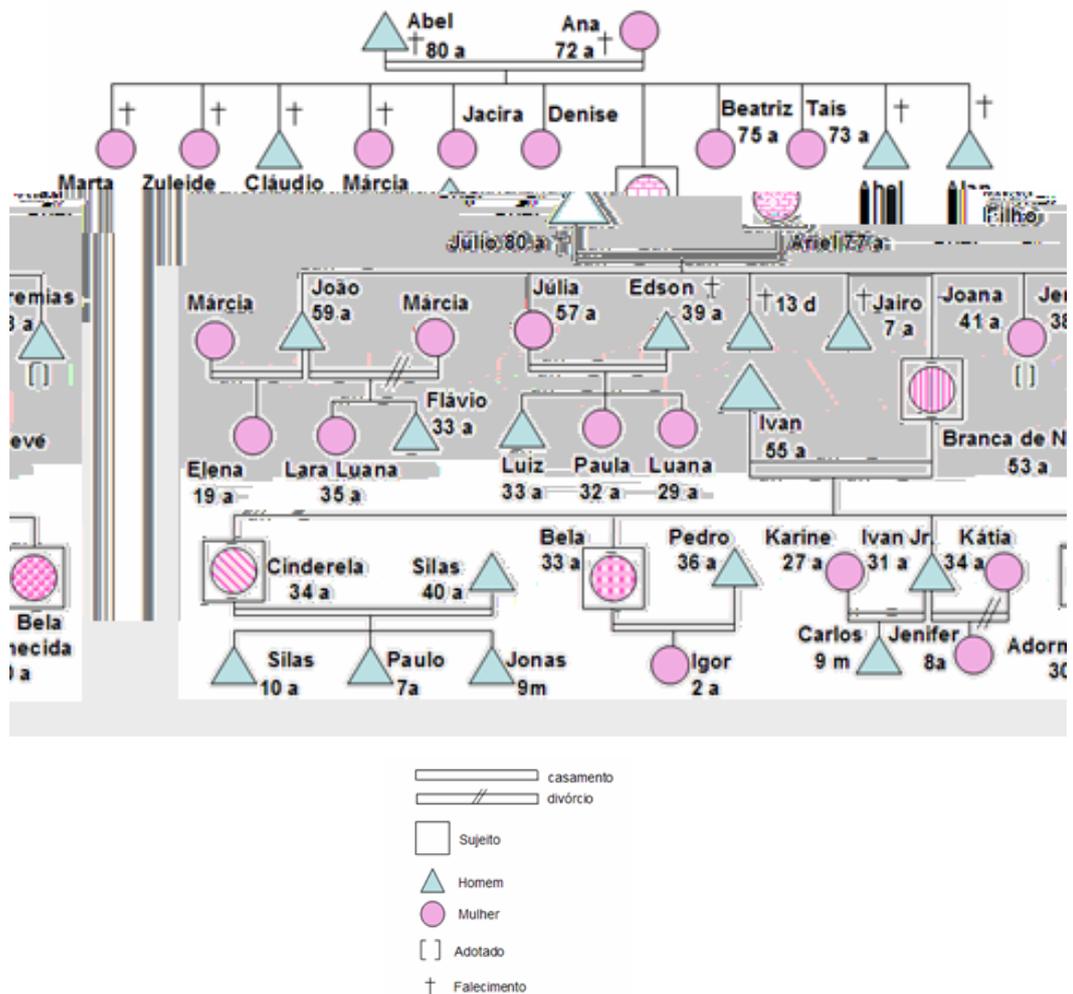
Composição: Liminha/Vanessa da Mata

Ainda bem
Que você vive comigo
Porque se não
Como seria essa vida?
Sei lá, sei lá
Nos dias frios em que nós estamos juntos
Nos abraçamos sob o nosso conforto de amar, de amar
Se há dores tudo fica mais fácil
Seu rosto silencia e faz parar
As flores que me manda são fato
Do nosso cuidado e entrega
Meus beijos sem os seus não daria
Os dias chegariam sem paixão
Meu corpo sem o seu uma parte
Seria o acaso e não sorte
Neste mundo de tantos anos
Entre tantos outros
Que sorte a nossa,hein?
Entre tantas paixões
Esse encontro
Nós dois, esse amor.

CAPÍTULO IV – AS TRÊS GERAÇÕES E SUAS HISTÓRIAS

4.1 O GENOSSOCIOGRAMA

Representar graficamente a família das mulheres entrevistadas permite estabelecer laços entre gerações e entre elas, permite ao verificar o grau de parentesco que há, assim como verificar visualmente as relações descritas. Em nossa pesquisa o foco são as relações amorosas e o casamento de cada uma delas. A confecção do genossociograma foi baseado nos dados coletados durante as entrevistas, seguindo o modelo de Schützenberger (1997), que resume-se em uma árvore genealógica criada a partir da memória das entrevistadas.



morte do marido, a felicidade entrou em sua casa! O casamento foi, para ela, uma decepção.

Está só porque acredita que só se casa uma vez. Para ela é melhor estar só do que “mal-acompanhada”! Diz que sua maior alegria foi o nascimento dos filhos que teve. Agradece a Deus por ter tido a iniciativa de saber criá-los. O marido não era muito presente, saía muito, não falava para onde ia, nem sabia quando voltaria.

Além dos sete filhos legítimos (dois morreram na infância), criou mais três, um deles até os 13 anos, era um afilhado, mas não obedecia, nem respeitava, então mandou chamar o pai e o entregou.

A filha adotiva pegou no dia em que nasceu, e o filho adotivo pegou com 9 anos. Acredita que mãe é aquela que dá respeito, educação e atenção.

Diz não ter tido tempo de ser romântica, não pensava no que iria acontecer, então ia em frente. Quando criança, não tinha TV em casa, só rádio, a mãe e as tias não conversavam, não contavam histórias. Diz estar muito decepcionada com o casamento!

Ariel nos recebeu com muita simpatia em sua casa, com tranquilidade participou da pesquisa, rapidamente sentiu-se à vontade para falar de sua vida conjugal, como se sentisse necessidade de desabafar sobre isto. Seu semblante era diferente quando falava dos filhos, mostrando um sorriso terno, pois quando falava do marido, seu rosto se fechava e mostrava em seu tom de voz, mágoa e ressentimento.

4.2.2 A Princesa Branca de Neve:

Branca de Neve nasceu em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul e conheceu seu esposo quando tinha 14 anos. Foi-lhe apresentado por uma amiga de infância e logo começaram a namorar. O namoro durou um mês e ele terminou o relacionamento, porque queria namorar outra moça. Durante um ano ficaram separados, não conversavam e evitavam um encontro. Ao final de um ano, ele encontrou uma vizinha sua e perguntou como poderia encontrá-la, a vizinha então lhe disse onde encontrá-la e ele então foi procurá-la. Ao encontrá-la ele disse que gostava muito dela e que queria voltar a namorar com ela. Ela então decidiu voltar e vingar-se, decidiu que iria arrumar um namorado para

que sentisse o que ela sentiu. Começaram a namorar, ela com 15 e ele com 17. Namoraram dois anos e quando ela tinha 17 para 18 e ele 19 para 20, resolveram casar.

O namoro resumia-se a abraços, beijos e pegar na mão, não permitia maiores intimidades. Casaram-se em 1971, estão com 36 anos de casados.

Declara que sentia amor verdadeiro pelo seu noivo e hoje mais ainda, por causa da convivência, dos filhos, criou-se um companheirismo maior, mas sabe que é amor.

Conta que seus pais gostavam do seu noivo. Esperava, como todas as moças casadas, ter filhos, ter uma família, principalmente os filhos, que eram seu maior sonho! Achava o noivo perfeito, que iria casar para ser feliz, achava que o marido era um príncipe, que seria tudo bonito no casamento, tudo perfeito, que não teria problemas. Só que descobriu que casamento não é assim, começou a enfrentar os problemas do dia-a-dia, não foi como imaginava, ele viajava muito, o trabalho dele exigia viagens constantes e ela ficava sozinha com as crianças, mas afirma que não se arrepende de ter casado e que ama os filhos.

Relembra que demorou muito para engravidar da primeira filha, demorou dois anos, só engravidou depois de fazer um tratamento. Teve quatro filhos, engravidar logo, por isso fez o tratamento. A melhor alegria declara, foi quando nasceram os seus filhos e sua maior decepção foi quando o marido optou em ficar com os amigos, em vez da família. Já pensou em separar, porque ele viajava demais, quando ele chegava no fim de semana, ele saía com os amigos, então pensou que era melhor separar, se quando voltava das viagens ele não ficava com ela, preferia ficar com os amigos, nos bares e chegava tarde.

Branca de Neve relembra que em certa ocasião, ficou brava e conversou firmemente com ele, dizendo que iria se separar, que havia conversado com seus pais e que vivia a semana toda sozinha, fim de semana sozinha, porque ele saía sexta, sábado e que era melhor ficar sozinha mesmo. Quando ele viu que ela estava falando sério, decidiu mudar e realmente o fez.

Acredita que se pudesse, faria muita coisa diferente, a educação dos filhos, por exemplo, acha que apesar de ter se dedicado ao máximo, ficando em casa, parar de trabalhar, acha que faltou um pouco, ficar mais próximo, conversar mais.

Quando as crianças começaram a ir para a escola, começou a trabalhar na secretaria da escola dos filhos, levava as crianças e no período de aula deles, ela trabalhava.

Após as filhas se formarem, voltou a estudar, foi fazer faculdade e em 2000 terminou o curso de Pedagogia.

No começo, o marido ficou com ciúmes e reclamou, igualmente quando foi trabalhar, mas segundo ela é só no começo porque depois dá apoio.

A mãe, segundo Branca de Neve, foi quem lhe passou a idéia do que era casamento e que casamento é pra vida toda. Os pais passaram essa formação, esse exemplo: casar é pra vida toda – lembra de ouvir a mãe sempre falar: “eu agüento, eu vivo com seu pai por causa de vocês, eu casei com ele, não existe outro”, e dessa forma a formação que ela passou para os filhos.

Não considera que a relação dos pais foi muito boa. A mãe era, segundo Branca de Neve, muito rígida, muito brava, não a deixava sair, só para ir à escola (que era dirigida por freiras) e a igreja. O pai era uma pessoa muito boa, muito carinhosa, era de origem pernambucana e quando ficava bravo, ficava agressivo, não era de bater, mas era muito agressivo e difícil. Com os filhos era carinhoso, um bom pai, mas com a mãe não tinha um relacionamento muito bom. A mãe foi guardando mágoa, revolta pelas coisas e pelo jeito que ele era. Quando ele ficou doente, por causa das mágoas, os filhos tiveram que conversar muito, para que ela perdoasse e cuidasse dele.

Hoje, considera seu marido uma ótima pessoa, com um coração muito bom, bom pai, muito carinhoso, tanto com ela quanto com os filhos. Ele tem uma chácara e ele passa muito tempo cuidando do local, mas seus planos são, após o casamento da filha caçula, ou ela vai morar com ele na chácara, ou ele vende tudo e vai voltar a morar na cidade com ela.

Sua idéia sobre ser mulher foi influenciada pela mãe. A mãe contava muitas histórias, afirma ter sido uma infância muito boa, porque naquela época não tinha TV e lembra que na casa onde morava tinha um grande gramado e os filhos ficavam deitados na grama, olhando o céu estrelado, ouvindo histórias de contos de fadas e histórias que a mãe inventava.

A história que mais marcou foi a Branca de Neve, porque uma vez fez um teatro na escola e ela fez a personagem Branca de Neve, isso lhe marcou muito. A influência que

percebe dos Contos de Fadas é que quando menina e moça, teve muitos sonhos, da espera e da chegada de um príncipe encantado, principalmente, porque naquela época não tinha TV e ficava sonhando.

Branca de Neve nos recebeu em sua casa, sentamos em volta da mesa da cozinha e conversamos alegre e relaxadamente, como se a vida não tivesse preocupações, de forma muito paciente, tirou todas as dúvidas e falou sobre sua vida e de suas filhas com carinho e de forma muito meiga, característica muito marcante em sua voz e seus gestos.

4.2.3 A Princesa Cinderela:

Cinderela nasceu em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul e sua vida sempre foi de estudante, ficava em casa e ajudava a mãe. Fez magistério e logo começou a dar aula. Conheceu seu marido com 16 anos, ele estava com 22 anos e, namoraram por 5 anos. Com 22 anos casou-se e está hoje com 12 anos de casada.

Conheceu seu marido em um centro de tradição gaúcha (CTG), num baile, nenhum deles é gaúcho, mas gostam das tradições e até hoje freqüentam o CTG e os filhos seguem e gostam. Um dos filhos dança chula (dança típica gaúcha) e o outro declama poesias gaúchas. O namoro começou por iniciativa dela, já que ele, amedrontado, achou melhor ficar longe, por ser ela, em sua opinião, muito nova.

Ele tinha 22 anos e quando ela demonstrou interesse ele aceitou, mesmo com medo. Eles ainda hoje brincam de que foi ela que tomou iniciativa de começar o namoro. O namoro já era mais atual, tinham relações sexuais. No início era um namoro mais contido, pois ela era virgem, ficavam nas carícias, depois, por terem tido um relacionamento mais longo, aconteceu. Mas o namorado era muito responsável e por terem medo de uma gravidez, foi tudo muito devagar e com precaução.

O noivo teve a iniciativa de casar. Compraram um terreno e construíram uma casa e só casaram depois que ficou pronta.

O casamento foi muito bom e especial e crê que para ele também, porque planejaram com muita antecedência a cerimônia, o dia não foi especial só para os dois, mas

para as famílias também. A família do marido é de fora, a mãe dele é do Paraguai e os parentes vinham de fora para o casamento. Então chegaram ao salão e dançaram na festa juntos uma música gaúcha com os amigos. Foi isso que sonharam juntos.

Então, saíram do salão e foram para o hotel, passaram a noite e depois de 2 dias viajaram, foram para Santa Catarina. E desde este 1º ano, todos os anos, vão ao final de ano para lá, há 12 anos passam férias neste estado.

Pelo noivo, afirma que sentia amor e paixão, declara que até hoje é assim, pois acha que a convivência ajuda. O relacionamento fica mais tranquilo, vão aceitando melhor as diferenças.

Acha que o que deu certo com eles, foi o fato de poderem construir algo juntos. E realmente, acredita que era apaixonada por ele e ele por ela. Afirma que o relacionamento não é fácil por conta das diferenças, mas acha que hoje muito mais do que antes, estão conhecendo e conseguindo entender o outro e até muitas vezes não entendem um ao outro.

No começo achou o casamento complicado. Não diria que se arrepende, mas no início viver junto, dividir as coisas com o outro, ficar mais perto do outro e ver como ele funciona e saber que tem coisas que o outro não aceita, porém por sua experiência, afirma que vale a pena.

Acha que esperava encontrar um sonho, viver bem, não brigar. Acha que por isso que as pessoas se casam, porque se fossem pelo outro lado, o lado das dificuldades de aceitação, das diferenças, a pessoa desistiria, não casaria.

Acredita que encontrou o que esperava: uma pessoa em quem pudesse confiar, contar e apoiar-se. O marido é professor universitário e ela é psicóloga, tem consultório e também dá aula na universidade e ainda faz um curso de formação em psicanálise, que toma muito de seu tempo, mas recebe muito apoio do marido, e era isso que esperava, alguém que apoiasse suas decisões e nas lutas, e como ele dá muitas aulas, às vezes, por mais que ela trabalhe muito, acaba ficando com as responsabilidades da casa e com as crianças, mas ele ajuda bastante, afirma.

Sempre brinca que casaria com o mesmo marido. A maior alegria que afirma ter tido com o casamento foi o nascimento dos filhos, ver a família reunida e a participação em família de atividades no CTG. A construção dessa identificação e de poder contar um com

os outros. Quanto a maior decepção, afirma que há algum tempo atrás teria várias respostas para dar, mas hoje percebe que não há decepção e sim coisas que não conseguia aceitar no marido, ou coisas que não conseguia entender em si, como achar que o marido tem que entender a mulher, mas hoje acha que não é porque ele não quer, acha que é porque não pode, não consegue.

Não é uma decepção com o casamento, mas é uma exigência com algo que não vai mudar, porque ele não tem. Segundo ela, ninguém dá o que não tem. Acha que são estas coisas que são difíceis no casamento, as expectativas do casamento.

Acha que o que faria diferente seriam estas exigências, que às vezes coloca-se na cabeça e nem fala para o outro e quer que ele adivinhe. Uma coisa meio mágica, que por ser marido ou por ser mulher, tem que fazer.

Quanto ao casamento dos pais, acha que é uma relação calcada muito no companheirismo, pois vê um precisando do outro: de fazerem as coisas juntos, apoiando um ao outro. O pai, explica, fica muito pouco na cidade, muito mais na chácara, então quando ele chega, ela percebe o quanto ele precisa que a sua mãe fique junto dele. Acredita que um precisa do outro e que ficam bem quando estão juntos. Mesmo com algumas discussões, acredita que sempre foi assim, o pai muito carente, que gosta de atenção e acha que a mãe consegue suprir isso.

Com relação aos avós, lembra mais da relação no final. Lembra que houve uma época que o avô quis separar da avó porque ele dizia que ela tinha um caso com o padre. Chegou a ir até no juiz. Tudo isso é visto por Cinderela como a maior demonstração de amor, que ele estava fazendo para ela, porque ele estava com ciúmes dela. A avó não conseguia entender e ficava muito brava com isso.

Acha que o casamento deles foi um casamento um pouco diferente, talvez por causa da época, que não tiveram tempo de se conhecer, de namorar. Tem a impressão que o casamento foi assim: casaram sem um conhecer o outro, e até que isso trouxe alguma consequência – o que não aconteceu com o casamento de sua mãe, mas sente que a sua avó fica ressentida com algumas coisas do casamento.

Afirma que sua mãe foi quem lhe transmitiu a idéia sobre casamento e sobre ser mulher. Acha que isso aconteceu por causa das coisas que viveram juntas. Não se lembra

shopping, na época o pai não queria que trabalhasse, mas acabou convencendo-o e continuou estudando. Fez Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda, acabou fazendo um estágio em uma agência, ganhava pouco e trabalhava muito, por isso quando surgiu o concurso do Banco do Brasil, fez inscrição, passou e agora é bancária há 7 anos. Está agora fazendo Faculdade de Administração à distância por uma Universidade Pública, está no 2º ano (o curso tem duração de 4 anos) e decidiu fazê-lo pela rotina do banco que exige muito conhecimento desta área.

Seu sonho era ter feito Odontologia, mas não passou quando prestou vestibular na Federal, então fez vestibular para a Particular em Comunicação Social, passou, e assim resolveu fazer o curso.

Conheceu o marido há muito tempo, quando estudava na escola e quando voltava para casa, passava na frente da casa dele. Tinham um amigo em comum e ele pediu para os apresentar. Tinha 18 anos quando começaram a namorar. Terminaram uma vez, e ficaram uma semana separados porque ela estava desconfiada que ele a estava traindo, estava estranho, mas conversou com a irmã mais velha e ela lhe aconselhou a voltar, porque tinha certeza que ele a amava e que era tudo fantasia de sua cabeça. Os dois então conversaram e acabaram voltando.

Namoraram por 13 anos e pensavam em casar. Ele falava e queria ficar noivo e casar, mas ela não achava que era a hora certa.

Quando adolescente, acreditava que aos 18 anos já estaria casada e ao completar 19 anos já teria o primeiro filho, então quando fez 18 anos, descobriu ser muito nova para casar, achava que devia ter e estruturar uma casa, ter condições financeiras, para depois casar e ter filhos.

Acredita que a verdade é que tinha medo de sair da casa da mãe, porque lá tinha café e almoço prontos, a roupa passada pela mãe, tudo à mão. Diz que a mãe a mimava muito e ao sair de casa teria que assumir toda esta responsabilidade e conciliar o trabalho, casa e o filho.

Sente-se culpada, pois não cozinha (quem cozinha é o marido e ele acaba depois lhe cobrando isto). Acostumou-se com a mãe fazendo tudo e por isso tornou-se desorganizada

O namoro, segundo Bela, foi tranqüilo, viam-se todos os dias, com exceção de uma época que ele foi para Cuiabá-MT, a trabalho. Não brigavam, não discutiam e não acha que sejam ciumentos.

Quanto ao marido, considera muito atencioso, generoso, autêntico, tem as qualidades que sempre quis em uma pessoa, mas é também bastante estressado e impaciente. Quando brigam, fica emburrada, e se deixar, conta, fica um mês sem falar, mas ele não, já conversa, já tenta resolver. Ele é empresário, arrenda dois bares grandes na cidade.

Não ficaram noivos, foram morar junto, por decisão dos dois. Ele sempre quis ficar noivo e casar, mas ela resistia. Então, há dois anos ela engravidou e começaram a planejar a casa e enfim, há seis meses foram morar juntos.

Já tinham planos de casar, mas compraram a casa, arrumaram a casa e já foram morar juntos e não se incomoda de não ter casado. A festa, o vestido de noiva, não acredita nisso, já acreditou.

O casamento (cerimônia religiosa) seria para a sociedade porque para ela não é importante, para ele é mais importante e ele ainda pensa nisso. Mas ela não faz questão, mas pela mãe, pelo pai e por ele faria, mas não vê necessidade. Às vezes, conta, ele diz que não sabe como deve se apresentar: como namorado ou como marido.

Quanto à gravidez, diz que tomava remédio por muito tempo mas o anticoncepcional começou, sem razão, a dar enjoô e o namorado começou a falar que não podia ter filhos, porque tinha tido um relacionamento por três anos com outra pessoa e não tivera filhos e então Bela relaxou, acreditou que ele não podia ter filhos e acabou engravidando.

Os pais, ao saberem da gravidez, reagiram bem, até o pai que ela achava que iria ficar mais bravo, reagiu de forma bem tranqüila, talvez pelos dois serem maiores e estáveis financeiramente, mas querem o casamento religioso, até hoje eles falam que querem ver o casamento dela e do irmão, que também não é casado no religioso.

Quanto ao casamento dos pais, vê como um relacionamento tranqüilo, acha que uma vez viu, quando pequena, os dois discutindo, são muito carinhosos um com o outro. O pai é

mais bravo, mais nervoso, mas sua mãe, com aquele jeito meigo, acalmava as coisas e ficava bem. Acha que é amor mesmo o que um sente pelo outro.

Acha que o casamento dos avós foi meio arranjado, na verdade acha que a avó acabou se casando, mas sem noção do que era o casamento. Ela acabou sendo escolhida, sem saber o que era o casamento e o sexo, e o relacionamento não era muito bom, ela dormia em um quarto e ele em outro, quase não se falavam. Ela tinha, e tem, segundo Bela, muito ressentimento da relação que viveram, das coisas que ela passou.

Acha que o casamento é bom, é gostoso. Acordar ao lado da pessoa que ama, tem as dificuldades do dia-a-dia, o estresse que cada um passa e chega em casa e tem que administrar. Acha que por estarem ainda em fase de adaptação, está sendo muito difícil.

Acha que o que está acontecendo é um misto de alegria e dificuldades: ter um filho, morar juntos e ainda há os problemas práticos da vida, que atrapalham.

Pelo marido acha que aos poucos foi conhecendo, sentindo atração, carinho, no começo até achava que não daria certo, mas agora sente que o ama. Quanto às expectativas em relação ao casamento, imaginava que seria assim, por isto tinha tanto medo de casar! Mas hoje afirma que casaria de novo.

Faria algo diferente, se pudesse, trabalharia menos, para conciliar mais a casa, a relação, pois acha que nem sempre tem dado a atenção que deveria dar. Trabalha 12 horas por dia e gostaria de trabalhar menos tempo, para ter uma vida mais saudável e ficar mais com os dois.

A maior alegria que um casamento pode dar, segundo Bela, é a proximidade, de acordar ao lado, de dividir as coisas. E a maior tristeza é a rotina que acaba trazendo a acomodação, fazendo com que um descuide do outro, desgastando a relação e separando um do outro.

A identificação feminina que teve foi com a mãe, porque admira a mãe, o jeito dela, o que ela representa para ela, como mãe.

Não ouvia muitas histórias dos Contos de Fadas, mas conhece todas, e cita Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida e Rapunzel.

Acha que os filmes e as novelas influenciaram muito mais, porém acha que estes não deixam de ser Contos de Fadas modernos.

perguntava por que o padre não chamava a atenção daquele rapaz, porque achava que ele era seminarista. Só depois foi descobrir que ele não era e aí tudo mudou, ele já estava interessado e ela também ficou. Foram se aproximando muito rápido e quando ele descobriu que morava perto de sua casa, começou a ir freqüentemente e a fazer amizade com sua mãe.

Namoraram 6 anos, no princípio o namoro era muito bom e tranqüilo. Eram muito parceiros um do outro, ele muito próximo de sua família, conquistou sua mãe e seu pai. Já têm relacionamento sexual, não é uma coisa declarada, mas acredita que todos de sua família sabem.

Há um ano e meio quando ele foi embora transferido, pois é oficial do exército, tudo ficou mais difícil, agora se vêem pouco. Quando ele foi embora para Brasília falavam-se muito, todas as noites, hoje por causa da distância esfriaram um pouco. Mas ele prometeu que ficariam noivos ao vir visitá-la pela primeira vez, e assim fez. O plano era casar no final de 2006, mas como ainda faltam alguns arranjos a serem feitos, ainda nem marcaram a data para o casamento.

Acha que o casamento é algo muito importante, algo que sempre sonhou, desde pequena. Na verdade, achou que iria se casar muito mais cedo, desde criança achava que quando tivesse 17 anos já estaria casada e logo teria filhos.

Vê o casamento como algo bom que causa felicidade, pois traz um companheiro e os filhos, enfim uma família. Acredita que há dificuldades e problemas, mas é uma meta que ela tem.

Seus sonhos e expectativas são: ter filhos, casar, ter alguém para viajar, conhecer outros lugares com essa pessoa e ficar com esta pessoa para o resto da vida.

Acredita que sabe como é o casamento, o dia-a-dia. Ela gosta muito de estudar e sabe que tem que dar apoio para que ele estude, faça o mestrado e o doutorado. Imagina os dois participando da Igreja. Ele é formado em Geografia e tem 36 anos. Quando questionada sobre o que sente pelo noivo, diz sentir muita paixão, carinho e desejo de ficar junto dele.

Imagina seu casamento na igreja, ela de véu e grinalda. Ela conta que ele prometeu fazer uma poesia para ela e ele quer que ela cante para ele, mas acha que não vai ter

coragem de cantar. Imagina muitos amigos, muitas pessoas, que será uma celebração muito bonita, preparada por eles com muito carinho. Será um dia de muita alegria, um dia de festa. Os parentes dele, os dela e os amigos estarão presentes.

Sempre sonhou com a lua-de-mel no Nordeste, mas viram fotos da Itália e acharam lindo. Ele também quer viajar e gostaria de ir para fora, porque por ser militar, já conhece muito o Brasil, porém é preciso ver as condições financeiras, mesmo assim, deseja conhecer novos lugares, ficar bem próximos e aproveitar bastante a companhia um do outro.

A infidelidade e a agressão física são as maiores decepções que pode haver num casamento, afirma. Em sua opinião, o que justifica uma separação é a violência sexual dentro de casa em relação a uma criança. Quanto à infidelidade, acredita que se o casal achar que não dá mais, é um direito deles, mas se os dois quiserem continuar, admira esta atitude de se perdoarem e continuarem.

A maior alegria acredita que seja o companheirismo, na hora da dificuldade ter o apoio e o amor do companheiro!

Acha que o casamento é uma fonte de felicidade, acredita que é a maior, ou melhor fonte de felicidade. Percebe que existem outros momentos que a pessoa se sente feliz, mas reafirma que onde há um companheiro, um lar, uma família, um ambiente que se está construindo com o outro, há felicidade.

O casamento é uma construção, não depende só de um, depende dos dois, mas é um ambiente onde se pode encontrar a felicidade. Encontrará problemas também, talvez incompreensão, infidelidade, discussões, mas mesmo assim, vê que vale a pena tentar e que se esse casamento não der certo, acredita que é válido tentar novamente.

Crê que a mãe passou a idéia de casamento, assim como a igreja, à avó, a família. A irmã do meio (Princesa Bela) também, influenciou bastante, pois quando brincavam, a irmã gostava muito de arrumar a casa e ela sempre falava o que iria fazer quando tivesse a sua casa e então já falava no marido e nos filhos e Bela adormecida acabava entrando neste sonho, cada uma sonhando com a sua casa e sua família.

Quanto ao casamento dos pais, percebe que foi um relacionamento que teve alguns defeitos. Lembra de seus pais brigando, deles pensando em separação, mas acredita que são

vitoriosos, pois já tem muitos anos de casados, mais de 35 anos, hoje são muito unidos, são companheiros um do outro. Acha que venceram várias barreiras, várias dificuldades juntos, mas não desistiram, até pensaram, mas fizeram força para ficar um com o outro e venceram.

Quando criança, conta que a mãe nunca expôs os erros do pai e que até os viam brigando. Hoje, vê que ele foi sempre um ótimo pai.

Percebia o carinho entre eles, o pai viajava muito a trabalho, então ele não ficava muito tempo em casa, mas na fase de adolescência para fase adulta, ele conviveu mais com os filhos e ele foi um bom marido, em sua opinião, sempre tratou a sua mãe com muito respeito e carinho, nunca houve agressão física. Até mesmo nas discussões, procuravam não discutir na frente dos filhos, tentavam poupá-los, não que escondessem, mas não presenciavam as discussões.

Já o casamento dos avós, percebe que era um casamento um pouco distante. Quando vê fotos da avó e do avô abraçados, diz ficar feliz em vê-los juntinhos. Para ela foi a morte que separou os dois, mas eles já não conversavam mais, pensa que teria sido melhor que eles tivessem se reconciliado antes da morte do avô. O que lembra dos avós é que não os via brigando, mas também não os via conversando, só sobre coisas banais. Não havia carinho, abraços, o toque em si, já os pais são muito carinhosos, assistem TV de mãos dadas, até hoje vão caminhar de mãos dadas, são muito próximos. Bela Adormecida conta que ela e seu noivo são muito próximos também, tanto com palavras quanto com gestos.

Sobre a influência feminina, considera sua mãe a maior influência, por ser muito dedicada no cuidado com os filhos, com a casa. Ela deixou de trabalhar e estudar por muito tempo para ficar com os filhos. Sempre cuidando dos filhos com muito carinho, muita dedicação ao lar e a todos.

Conta que ouvia muitas histórias, sempre gostou de histórias, principalmente, de Contos de Fadas. Ouvia histórias da mãe e também na escola, lembra do primeiro dia de aula que se encantou com os livros de história, a mãe achava que ela iria chorar ou não iria ficar sozinha na sala, mas quando entrou na sala ao invés de ir para os muitos brinquedos que estavam a disposição, foi direto para os livros de historinhas e ficou tão entretida que quanto olhou para cima, a mãe já havia ido embora há muito tempo.

Lembra que quando dava aula para as crianças, tinha 19 ou 20 anos e contou uma história que tinha um casal, o Rei e a Rainha, e a Rainha descobriu que estava grávida. Era a história de Bela Adormecida, sua preferida, e aí ela contou para o marido: “querido, eu tenho uma notícia para te dar: eu estou grávida e estou muito feliz! Aí ele ficou muito feliz! E disse: Nossa, querida, que bom!”. Então uma criança que estava prestando muita atenção na história e provavelmente ela tenha gostado muito do vínculo entre eles, de chamarem-se de queridos e perguntou para ela: “Professora, você tem um querido?”.

Uma outra princesa que gostava muito, era a Branca de Neve, por ser prestativa e cuidadosa. Mas tem a Bela Adormecida que está dormindo e de repente vem o príncipe, o herdeiro do trono e acorda com aquele beijo e tem uma bela surpresa.

Acha que foi influenciada pelos Contos de Fadas, porque espera e acredita que vai chegar um príncipe, que vai ser seu companheiro e que vai ser feliz para sempre.

Acredita que seu noivo é o seu príncipe encantado, acredita que ele não seja tão encantado, que seja mais real. Descreve seu noivo como sendo muito bom com as palavras, muito convincente, um poeta, além de ser carinhoso e estar sempre elogiando.

Bela Adormecida, de todas as entrevistadas, apesar de ser a caçula, é a que sabe mais sobre a família, as histórias de cada uma, os casamentos, as idades, os filhos, os nomes. Sua entrevista foi a mais longa, pois forneceu a maior parte das informações necessárias para a confecção do Genossociograma. O primeiro contato para que esta pesquisa fosse realizada com esta família, foi com Bela Adormecida, que se mostrou muito receptiva e auxiliando no agendamento das entrevistas com as demais.

Discutível Perfeição

Composição: Sandy/Tatiana Parra

Por favor, não me idealize
 Assim você está fadado ao deslize
 Verdade seja dita
 Nada mais me irrita
 Do que essa estupidez.
 É melhor você ter certeza
 Tô longe de ser a Madre Tereza
 Não pise no meu calo
 Ou viro bicho e falo o que não quer ouvir.
 Admito, eu vivo maquiada
 Minha vida é mesmo tão sofisticada
 Saiba, esse glamour não dura o tempo inteiro
 Eu também preciso ir ao banheiro.
 A princesa também sente,chora,sofre,
 Sonha e ouve não.
 Eu prefiro a verdade a essa discutível perfeição.
 A princesa também briga, encrenca, berra e fala palavrão
 Me recuso a buscar essa discutível perfeição.
 Já tá mais do que comprovado
 Mentira um dia escorre pelo ralo
 Taxada de mimada,
 Rapunzel aprisionada
 Eu nem vou ligar.
 Mas vê se pelo menos
 Mude o texto
 Ou tá arriscando o seu emprego
 Pense grande, o seu destino é bem maior
 Tenha fé
 Do que ficar caçando alguém pra pegar no pé.
 Preste atenção, tome cuidado
 Boca fechada não entra mosquito, diz o ditado
 Respeite meus longos anos de estrada
 De boba é que eu não tenho nada, não, não, não!
 A princesa também
 Sente, chora, sofre,
 Sonha e ouve não,
 Também mente, é incoseqüente,
 Tem preguiça,
 Perde a direção
 Porque ninguém nesse mundo é cem por cento
 Cheio de razão.
 Me recuso a buscar essa Discutível perfeição.

CAPÍTULO V – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A seguir, iniciamos a análise, com base na literatura e na leitura das entrevistas feitas, levando em consideração alguns teóricos e alguns pressupostos, algumas categorias foram selecionadas para serem consideradas, como a história de vida e a história do casamento de cada entrevistada, como vêm o casamento dos pais e dos avós, suas opiniões sobre o casamento, as alegrias e tristezas advindas do casamento, a identificação feminina, a influência dos Contos de Fadas e as perspectivas futuras. Todas as entrevistas foram analisadas tomando-se por base o objeto de estudo proposto. Na análise de cada categoria construiu-se uma articulação entre os dados teóricos e os dados das entrevistas, salientando as semelhanças e particularidades entre as entrevistas e então se apresenta o resultado de cada categoria.

No capítulo 3 destacamos que cada entrevistada recebeu o nome de uma princesa, neste momento vamos justificar as escolhas de cada nome.

A princípio buscou-se basear a escolha na preferência da entrevistada, o que foi possível em três casos, em outros dois foram escolhidos pela pesquisadora, como no caso da primeira entrevistada, mesmo afirmando não ter sido influenciada por nenhum Conto de Fadas e não citando nenhuma princesa de sua preferência, ao analisarmos sua entrevista e todo o seu relato, encontramos certa semelhança com o Conto da Sereiazinha Ariel, princesa dos mares, que levava uma vida agradável com suas irmãs e outros seres das águas, mas por curiosidade e por apaixonar-se por um belo príncipe, decide trocar tudo o que possuía para tornar-se humana e a partir daí passa a ser muda, pois sua voz foi o preço para ter seu desejo atendido e também sentindo dores terríveis nos pés, que antes era sua cauda de sereia.

A semelhança a que a pesquisadora se refere, neste caso, deve-se ao fato de nossa entrevistada ter passado tantos anos casada, suportando vários acontecimentos e atitudes de seu marido, em função de acreditar que casamento é para a vida toda e que valeria a pena, pelos filhos que tiveram, manter o casamento e esta postura submissa. As princesas Branca de Neve, Cinderela e Bela Adormecida foram escolhidas pelas próprias entrevistadas e

percebeu-se, a medida que conhecemos seus relatos, que há semelhanças entre suas histórias e as histórias de cada princesa escolhida.

A princesa Branca de Neve foi escolhida como preferida pela filha de Ariel. Podemos ver a semelhança com a princesa do conto ao ver seu cuidado e capricho com a casa, seu desejo de agradar os filhos e por sua característica mais marcante: sua doçura!

Ao falarmos da filha mais velha de Branca de Neve, pensamos em uma mulher preocupada em alimentar sua relação, renovando-se e buscando mostrar-se sempre sedutora e companheira ao marido. Estas características podem justificar a sua escolha pela princesa Cinderela.

A quarta entrevistada também se tornou uma exceção. Filha do meio, mostrou-se mais racional, menos romântica, uma jovem moderna, independente e que ao ser questionada sobre os Contos de Fadas, não negou a influência que tiveram em sua vida, porém, escolheu uma princesa que para os escritores e analistas do tema, é considerada um personagem de um anti-Contos de Fadas, que é a princesa Fiona, do Filme Shrek. Pela dificuldade de encontrar material para análise do perfil desta princesa, por ser um personagem muito novo, buscou-se uma outra princesa, que através da observação de sua entrevista, percebeu-se bastante semelhança. Com a princesa Bela, do Conto A Bela e a Fera. Nossa entrevistada demonstrou ter tido muita dificuldade de tomar a decisão de casar e assumir uma família, tinha a vida bastante facilitada pela mãe e com o pensamento muito racional, buscava esquivar-se, características encontradas na princesa Bela, que relutou muito em aceitar o convite da Fera: que passasse a morar definitivamente com ele no castelo.

A filha caçula escolheu a princesa Bela Adormecida e consegue-se, ao ler sua entrevista, perceber que ao aguardar a vinda de seu noivo para marcarem a data de seu casamento e assim terem uma vida juntos, encontra-se em inação, ou seja, em um momento de inércia para o resto do mundo.

Vamos começar com a categoria história de vida de cada mulher entrevistada:

Precisamos ressaltar que Ariel, nossa primeira entrevistada, é a maior exceção entre todas. Ela conta que sua vida, até o casamento, foi uma vida normal, entretanto, após a avó escolher para ela um marido, sua vida, cheia de sonhos, como todas as moças de sua idade,

passou a ter um outro significado: opressão, sofrimento e tristeza. Os 51 anos que viveu casada, não trazem para Ariel, nenhuma lembrança de felicidade ou amor, no entanto, passa para suas filhas e netas uma visão positiva sobre o casamento: “(...)sentia como toda moça. Ah, vamos casar! A vizinha começou a fazer o vestido de noiva! Achava que ia ter uma vida de casada. Achava que tudo era bom, tudo às mil maravilhas como toda noiva!”(Ariel).

Podemos perceber que Ariel divide sua história de vida em três fases: antes do casamento, que ela define como uma vida tranqüila, cheia de sonhos e expectativas; o casamento, que lhe trouxe decepções, desencantos e amarguras e após a morte do marido, momento em que se renova e volta a sentir-se motivada a cuidar da casa, dos filhos e netos, enfim, encontra nova razão para viver.

Passemos agora para a história de vida da segunda entrevistada, Branca de Neve, filha de Ariel:

Branca de Neve também fala de sua vida como sendo muito agradável na infância, com muitas brincadeiras e histórias: “Tive uma infância muito boa, porque naquela época não tinha TV e então eu lembro que na casa que eu morava tinha um gramado grande e então, a gente deitava na grama, ficava olhando o céu estrelado ouvindo história, hoje não tem mais isso, a gente não vê mais as crianças brincando, brincava de roda, de passa-anel, ouvia e contava histórias, a gente jogava, brincava muito, então, eu tive uma infância muito boa, muito feliz..” (Branca de Neve).

Assim como a mãe, as outras três entrevistadas demonstram que suas histórias também se assemelham. Começaram a trabalhar cedo por iniciativa própria e todas puderam continuar estudando, cursando faculdades e desejando casarem e ter filhos, como uma complementação essencial para a felicidade.

“Minha vida sempre foi de estudante, ficava em casa, ajudava minha mãe e estudava. Fiz magistério e logo comecei a dar aula. Conheci meu marido com 16 anos, ele estava com 22 anos e, namoramos por 5 anos.” (Cinderela)

“Minha infância foi muito boa, tenho boas recordações de meu convívio com a família e os primos. Considero que minha relação com meus pais é boa, são muito carinhosos e tenho muito orgulho dos pais que tenho e dos irmãos também.” (Bela)

“Sempre gostei de estudar, principalmente quando comecei o magistério. Desde os 17 anos comecei a dar aula na Educação Infantil e mesmo durante os 4 anos de faculdade continuei trabalhando. Quando terminei a faculdade em 1999, pedi demissão da escola e decidi trabalhar na área, e, já em fevereiro de 2000, comecei a trabalhar na assistência social do Estado de MS.. (...)minha vida ficou melhor quando conheci meu noivo, porque saíamos muito e como nunca fui muito de sair e ele morava sozinho, saíamos todas as noites, ele gosta de dançar e me levava para dançar..” (Bela Adormecida)

Quanto aos relacionamentos, no tocante à história do casamento, elas se parecem, porém, mais uma vez ressaltamos que Ariel é uma exceção, as outras quatro mulheres fizeram individualmente suas escolhas, sem pressão ou oposição de qualquer pessoa. Estas escolhas foram respeitadas.

Passamos a conhecer os relatos sobre as histórias do casamento de cada uma:

Ariel: “Conheci meu marido em Água Clara (cidade do interior de Mato Grosso do Sul), aí eu casei, mas casei assim, um casamento ajeitado, naquela época os pais que escolhiam. Minha avó gostava muito desse rapaz, então eu casei, vivi 51 anos com ele. Ele foi na minha casa, convidado pela minha avó, ela ajeitando, falando que ele queria casar comigo e a gente, muito nova, não tem experiência...não foi um casamento forçado, mas ao mesmo tempo sinto que foi arranjado.”

Branca de Neve: “Uma amiga de infância me apresentou, quando tinha 14 anos e comecei a namorar, conhecemos-nos e começamos a namorar, namoramos um tempo e terminamos e ficamos um ano certinho separados, terminamos em abril e na novena do Perpétuo Socorro (Igreja que fica ligada ao colégio) no abril do outro ano, voltamos, nós começamos a namorar, namoramos 2 anos, nessa época eu já tinha 15 anos e com 17 anos pra 18, eu casei e ele com 19 pra 20, ele é dois anos mais velho, as pessoas falavam: Meu Deus, duas crianças casando...por causa das idades!”

Cinderela: “Eu o conheci em um CTG (Centro de Tradições Gaúchas), num baile, nenhum de nós é gaúcho mas gostamos das tradições e até hoje a gente frequenta o CTG e nossos filhos seguem e gostam, um dança chula e o outro faz declamação dentro da cultura e até hoje a gente frequenta...foi interessante porque ele me conheceu e aí eu que fiquei mais assim, interessada, ele ficou um pouco amedrontado porque eu era muito nova, tinha

16 e ele 23, ele perguntou: mas nós vamos namorar mesmo? E a gente até brinca hoje que fui eu que tomei a iniciativa, porque se dependesse dele, iria demorar muito, porque ele me achava muito nova, mas não me achava nova não, eu gostei dele, encantei-me por ele e quis namorar. “

Bela: “Já o conhecia há muito tempo, quando estudava na escola e quando voltava para casa, passava na frente da casa dele. Ele namorou uma amiga nossa e sempre me perguntava o que ela achou nesse cara, achava que ele era um playboy, que se achava. Tínhamos um amigo em comum e um dia eles estavam conversando em frente à casa e meu irmão passou e cumprimentou esse amigo, então ele percebeu que se conheciam e perguntou se me conhecia e pediu para nos apresentar. Marcamos para comer pizza, eu, ele, nosso amigo e a namorada dele, depois marcamos outros encontros, mas já sem o amigo.”

Bela Adormecida: “Nos conhecemos na missa, foi na igreja, eu percebi que ele me olhava, ele ajudava o padre no altar e ele ficava me olhando lá do altar e eu achava até falta de respeito, ele ficava olhando e eu pensava: por quê o Padre não olha e não chama a atenção deste moço? Eu achava que ele era seminarista, depois eu fui descobrir que ele não era, e que morava bem próximo da minha casa, e eu não conhecia ainda, daí a gente foi se aproximando muito rápido, quando ele descobriu que morava perto da minha casa, começou a ir na minha casa, fez amizade com minha mãe. Quando descobriu que ele não era seminarista tudo mudou, porque ele já estava interessado e daí eu também fiquei interessada.”

Nenhuma delas demonstrou buscar o casamento como fuga, já que todas afirmaram ter tido uma vida boa e tranqüila. Tanto as mães, quanto as filhas, revelaram suas opiniões sobre o escolhido, o que se torna importante neste momento, já que estamos afirmando que cada uma delas escolheu livremente seus companheiros:

Branca de Neve: “Pra mim ele é uma pessoa ótima, tem muito bom coração, um bom pai, muito carinhoso, tanto comigo como com os filhos..”

Cinderela: “Eu acho que o amo, até hoje, mas acho que a convivência vai ajudando e a maturidade; vai ajudando o relacionamento ficar mais tranqüilo, um aceitando melhor as coisas do outro, e na época, eu acho que realmente eu estava apaixonada, como eu

disse, o que eu acho que deu certo na gente é essa questão da gente poder construir alguma coisa juntos, nós dois.

Bela: “Ele é muito atencioso, generoso, autêntico, tem as qualidades que sempre quis em uma pessoa, mas é também bastante estressado e impaciente. Quando brigamos, fico emburrada, e se deixar, fico um mês sem falar, mas ele não, já conversa, já tenta resolver..”

Bela Adormecida: “... somos bastante próximos, tanto com palavras como em gestos. O diferencial do meu relacionamento com ele, com os que eu tive com outros, foi uma coisa que até eu achava muito estranho: ele me chamava de paixão, chamava de linda, de amor, eu ficava com muita vergonha, mas depois entrei na dele, mais na troca...sinto paixão, muito desejo de ficar com ele, muito carinho...”

Há uma grande influência da família de origem nas escolhas conjugais e na determinação dos motivos (conscientes e inconscientes) que levam as pessoas a elegerem seus parceiros, e também uma forte inclinação à repetição de padrões de relacionamentos afetivos experimentados na infância, o que pode destacar a repetição de padrões, positivos ou não, aprendidos nas famílias de origem.

Ao serem questionadas sobre o casamento dos pais e avós, a maioria demonstra que as lembranças que guardam da infância e adolescência influenciaram em suas idealizações.

Branca de Neve: “Não considero a relação dos meus pais muito boa. Meu pai era uma pessoa muito boa, muito carinhosa, era de origem pernambucana e quando ficava bravo, ficava agressivo, não era de bater, mas era muito agressivo e difícil. Com os filhos era carinhoso, um bom pai, mas com minha mãe não tinha um relacionamento muito bom. Então ela foi guardando mágoa, revolta pelas coisas e pelo jeito que ele era. Quando ele ficou doente, por causa das mágoas, nós tivemos que conversar muito, para que ela perdoasse e cuidasse dele, mas ela nunca largou, foi até o fim, como o povo antigo, hoje em dia, qualquer problema no casamento, já larga”.

Sobre o casamento da mãe, Cinderela comenta: *“Eu acho que é uma relação calcada também muito no companheirismo, eu vejo o meu pai precisando muito da minha mãe e minha mãe precisando muito do meu pai, uma coisa bem recíproca mesmo, assim de fazer coisas juntos, um apoiar o outro, e meu pai fica muito pouco aqui, muito mais na*

fazenda do que aqui, então a gente percebe quando ele chega, o quanto ele precisa que as vezes ela vá, que ele fique junto com ela que ela fique junto com ele, então eu acho que realmente um precisa do outro e o quanto ficam bem quando estão juntos. Sempre foi assim, mas como todo casamento em algum momento a gente ouvia umas discussões, alguma coisa, mas eu acho que sempre foi assim, meu pai é uma pessoa muito carente, eu acho que ele gosta de atenção e acho que minha mãe consegue fazer e suprir isso.”

Já sobre o casamento da avó, Cinderela diz: *“A relação da minha avó com o meu avô, a gente lembra mais do final, a gente até ria às vezes lá com os filhos, porque teve uma época, meu avô lá pro final da vida quis separar da minha avó porque ele dizia que ela tinha um caso com o padre, chegou a ir até no juiz e tudo e o que eu vejo é que era a maior demonstração de amor que ele estava fazendo para ela, porque ele estava com ciúmes dela naquela idade. Às vezes a minha avó, é lógico, não conseguia entender isso assim, ela ficava muito brava com tudo isso, eu acho que o casamento deles foi um casamento um pouco diferente, até por conta da época, então eu acho que não teve essa coisa do conhecer, do namorar, parece que foi uma coisa assim, a impressão que me dá, é que foi uma coisa mais assim: vamos casar, um não conhecia o outro e já casaram e acho que isso trouxe alguma coisa... já não foi assim com a minha mãe e nem comigo. Mas eu sinto que a minha avó fica ressentida com algumas coisas, do casamento e disso tudo.”*

Bela fala do casamento dos pais: *“O casamento deles é tranqüilo, acho que uma vez eu vi, quando pequena, os dois discutindo, mas são muito carinhosos um com o outro. Meu pai é mais bravo, mais esquentado, mas minha mãe, com aquele jeitinho meigo, acalma as coisas e fica legal. Vejo que é amor mesmo o que um sente pelo outro.”*

Do casamento da avó, Bela comenta: *“Vejo assim: que foi um casamento meio arranjado, na verdade minha avó acabou se casando, mas não tinha noção do que era. Ela acabou sendo escolhida, sem noção do que era casamento e sexo, e a relação não era muito boa, ela dormia em um quarto e ele em outro, quase não se falavam. Ela tinha, e tem muito ressentimento da relação que viveram, do que ela passou.”*

Sobre o casamento dos pais, Bela Adormecida dá sua opinião: *“É um relacionamento que teve alguns conflitos, eu lembro dos meus pais brigando, eu lembro dos meus pais pensando em se separar, mas eu penso que são vitoriosos, eles já tem muitos*

anos de casados, tem mais de 30 anos de casados, acho que 35 anos de casados, hoje eles são muito unidos, são um casal companheiro um do outro, eles então, eu penso que são vencedores, que eles venceram várias barreiras, várias dificuldades, eles enfrentaram muitas dificuldades, juntos, mas não desistiram, até pensaram, mas fizeram força para ficar um com o outro e venceram. Hoje vejo meus pais muito carinhosos, assistem TV de mãos dadas, até hoje eles são grudadinhos um no outro, vão caminhar, caminham de mãos dadas, eles são muito próximos”

Quanto ao relacionamento dos avôs: *“Eu já vejo que era um casamento um pouco distante, quando vejo foto da minha avó e meu avô abraçados, eu fico feliz de vê-los juntinhos. Foi a morte mesmo que separou meus avós, mas eles já não conversavam mais, eu penso que seria melhor que eles tivessem se reconciliados antes do falecimento do meu avô. Então o que eu me lembro da minha avó e do meu avô é que a gente não via os dois brigando, mas também não os via conversando, conversavam sobre coisas banais, mas não via carinho, abraçados, o toque em si.”*

Percebemos que com relação ao casamento dos pais, as irmãs demonstram ter a mesma percepção, de ser um casal companheiro, um precisando do outro e apoiando o outro, com conflitos e algumas dificuldades, mas, ao analisarem o casamento da avó, temos uma visão romantizada por parte da irmã mais velha, Cinderela parece negar que seus avós viviam um casamento de aparência e que não tinham nenhum tipo de relacionamento afetivo, ela fala de ciúmes, mas as outras entrevistadas, inclusive a própria Ariel conta a mesma história como sendo o desejo de seu marido de colocar outra mulher em seu lugar!

Quanto às opiniões sobre o casamento podemos perceber que se assemelham no processo de idealização, o que confirma o que Giddens (1993) escreveu, já citado no primeiro capítulo. À medida que a função do casamento torna-se mais importante, reproduz-se em alto e bom som, que o amor é parte essencial, e que nele está à maior fonte de felicidade.

Confirmando isto temos a história de Branca de Neve: *“O marido, você acha que é perfeito, vou casar pra ser feliz, fala assim...você acha que seu marido é um príncipe, aquele negócio de sonhos de fadas, que vai ser tudo bonito no casamento, tudo perfeito, que você não vai ter problemas. Só que eu comecei a enfrentar os problemas. Casamento*

não é assim..., e você começa a enfrentar os problemas do dia-a-dia, você sabe como é casamento, né? Não foi assim, mas mesmo assim eu não me arrependo de ter casado, adoro meus filhos.”

O mesmo é reafirmado pelas demais, mesmo Bela que declarou ter medo e relutou casar-se, todavia, está casada há seis meses: *“Aos 18 anos descobri que era muito nova para casar, achava que tinha que ter uma casa, estruturar a casa, ter condições financeiras, para depois casar e ter filhos. Na verdade, acho que eu tinha medo de sair da casa da mãe, tinha café, ela passava minha roupa, fazia meu almoço, tudo na mão, ela me mimava muito e sair de casa é assumir toda esta responsabilidade, conciliar o trabalho, casa e filho.”*

Percebe-se então, que a idéia do casamento vem do objetivo de melhorar a vida, completar-se, formar uma família: *“Era muito em constituir uma família, ter alguém para dividir os sonhos, as conquistas, né? A gente queria construir alguma coisa juntos, era isso que eu pensava para nós.”*(Cinderela)

“Acho que o casamento é bom, é gostoso. Acordar ao lado da pessoa que ama, tem as dificuldades do dia-a-dia, o estresse que cada um passa e chega em casa e tem que administrar. Acho que por estarmos ainda em fase de adaptação, está sendo muito estressante.” (Bela)

“Casamento eu acho que ele é muito importante, é algo que sempre sonhei, desde pequena. Na verdade, achei que ia me casar muito mais cedo, desde quando eu era criança eu achava que lá pelos 17 anos eu já estaria casada e logo teria filhos. Vejo o casamento como algo bom, que traz felicidade. Acredito que vai ter dificuldades, pode ter problemas, mas é uma meta que eu tenho.”(Bela Adormecida)

A influência da relação familiar na preservação do casamento e do relacionamento é percebida de forma clara e concreta, confirmando o que Kaes (1977) escreveu sobre a transmissão psíquica, de que sua incidência nas gerações, requer inicialmente, o crédito do conceito de um aparelho psíquico familiar. A estrutura deste aparelho é inconsciente e diz respeito a uma série de normas que operam em conjunto e dão sentido às relações familiares. Além da noção do aparelho psíquico familiar, também devemos considerar o enredo intersubjetivo que envolve o casal parental e seus descendentes. Cada sujeito traz

para o casal sua própria história, seus mitos e sua herança. A partir da conjugalidade, na geração de filhos, transmitem-se conteúdos vindos das histórias familiares de ambos os parceiros. A família é, pois, o contexto no qual se transfere desejos, expectativas, fantasias, valores e crenças que são reproduzidos e modificados em cada nova geração, e isto é reafirmado em todas as entrevistadas.

“Hoje em dia as moças não tem respeito de nada, ouço muitas dizerem: vou casar, se não der certo, eu largo...Estou até hoje só, porque acho que casamento é uma vez só. Eu achava que a missão era minha...fiquei com ele até ele morrer.” (Ariel)

“Minha mãe passou uma formação de que casamento é pra vida toda, um exemplo, testemunho, recebi dos meus pais de que casar é pra vida toda, ela sempre falava: ah eu agüento, eu vivo com seu pai por causa de vocês...eu casei com ele, não existe outro...então foi essa formação que ela passou pra gente.”(Branca de Neve)

“Acho que encontrei o que eu esperava: um parceiro para a vida toda, uma pessoa com quem eu possa contar, que eu possa confiar, que me apóia, e eu acho que também o apóio, hoje eu estou bem profissionalmente, ele me ajuda, me incentiva, acho que por conta dele estudar muito também, ele sabe o significado disto, mas ele sempre me apoiou, era o que eu esperava alguém que me apoiasse nas minhas decisões, nas minhas batalhas e acho que eu também.” (Cinderela)

“Meu desejo é que eu consiga me organizar mais e que passe a fase de adaptação e que fiquemos velhinhos e contando as histórias de quando éramos namorados.”(Bela)

“Acredito assim: que é ter filhos, casar, alguém para viajar, conhecer outros lugares com essa pessoa, penso em ficar com esta pessoa até o resto da vida!”(Bela Adormecida)

Ariel influencia e foi influenciada a favor do relacionamento e do casamento. Não foi feliz, escolheram um marido para ela, uma pessoa que não conseguiu alcançar suas expectativas, mesmo assim conseguiu passar às filhas e netas, uma opinião positiva. Entende-se que recebeu influência do que viu na mãe e na avó, mulheres fortes, através da transmissão psíquica geracional e através de seu relacionamento familiar com bases firmes, que casamento é para a vida toda.

Há uma grande influência da família de origem nas escolhas conjugais e na determinação dos motivos (conscientes e inconscientes) que levam as pessoas a elegerem seus parceiros.

Quando questionadas sobre as maiores alegrias e maiores tristeza de um casamento, as respostas recebidas confirmam o que alguns autores já afirmaram, ou seja, que com relação a alegria, a maternidade está em primeiro lugar, o que confirma a literatura sobre o assunto, o qual esclarece que desde o início dos tempos, a maternidade é percebida pelos povos como o início de um novo ciclo, assim, as mulheres desenvolvem dentro de si o desejo de ser mãe, um marco diferencial que consagra de forma concreta a abrangência do papel feminino na sociedade.

Eis as respostas: Ariel : *“Meus filhos maravilhosos. Agradeço a Deus por ter tido a iniciativa de saber criar eles. Tive a felicidade de ter meus filhos, além de ter os legítimos, criei mais três. Quando ele tentou me tirar a minha casa, na defensoria pública, me difamando, mas eu enfrentei e venci.”*.

Branca de Neve: *“A maior alegria foi quando nasceram meus filhos...A maior decepção foi essa...ele optar em ficar com os amigos em vez da família...”*

Cinderela: *“Ah, eu acho que são meus filhos, acho que é ver a família reunida, e ver, por exemplo, quando eu vejo as crianças indo pro CTG com a gente, ou se identificando com as minhas coisas ou com as coisas do pai. Então, é isso que me deixa emocionada, sabe, por conta de que é uma identificação, uma coisa gostosa. Sobre as tristezas, se você me perguntasse em outro momento, talvez eu dissesse: ah é isso, isso e isso, mas aí eu acabo percebendo que não é uma decepção com o casamento, mas é uma decepção ou é uma coisa que eu estou exigindo que não vai mudar, que ele não pode porque ele não tem e ninguém dá o que não tem, então eu acho que estas coisas é que são difíceis num relacionamento, as expectativas do casamento.”*

Bela: *“A maior alegria que um casamento pode trazer é a proximidade, de acordar ao lado, de dividir as coisas. É um misto: de melhor coisa do jeito que foi: ter um filho e morar junto, mas as dificuldades prática é que tem atrapalhado... acho que aos poucos fui conhecendo, sentindo atração, carinho, no começo até achava que não iria dar em nada,*

mas agora sinto que o amo. E a maior tristeza é a rotina porque acaba acomodando, descuidando um do outro, o que desgasta a relação, acaba separando um do outro.”

Bela Adormecida: *“A maior alegria é o companheirismo, acho que na hora da dificuldade você ter apoio, sentir o apoio do companheiro, o amor do companheiro! Porque você vai ter um companheiro, vai ter filhos, vai ter uma família. Ele pensa em 2 filhos e eu penso em 3 ou mais, eu tenho muito interesse em adotar uma criança, ele pensa na possibilidade. Quanto a tristeza é a infidelidade e a agressão física. Acho que o que justifica uma separação é, por exemplo: a violência sexual dentro de casa, em relação a uma criança, um filho, justificaria sim. Agora, a infidelidade eu acredito que se os dois acharem que não dá mais, eu acho que aceito, agora eu acredito também que se existiu a felicidade e quiserem continuar, eu louvo a atitude dos dois de se perdoarem e continuarem, mas um não querendo, não tem como manter um casamento sozinho.”*

Embora a maternidade não seja mais o único objetivo das mulheres, continua tendo um peso considerável no imaginário social. Para Badinter (1986), há uma construção mais moderna da maternidade e através dos ideais do amor romântico, o casamento por amor transformou a esposa na companheira desejada e aumentou o status da mulher. Dentro da família, a figura materna passou a desempenhar um papel mais importante, principalmente na criação dos filhos. Estas mudanças se devem a dois aspectos importantes: a importância adquirida pela criança na sociedade e a valorização da busca da felicidade e as imposições do amor.

Ao falarmos de tristezas ou decepções que podem surgir com o casamento, falemos da realidade, quando se prova que a fantasia não é igual à realidade e vem rodeada de rotina e diferenças. A vida moderna apresenta um conjunto de características incompatíveis, quando defrontadas com os ideais dos relacionamentos estáveis e do contrato matrimonial tradicional.

De um lado, os casais sofrem pressão para manterem valores e padrões morais tradicionais, como a realização do contrato matrimonial e o exercício da parentalidade. O meio familiar é valorizado como o ponto de conquistas de todas as expectativas emocionais e pessoais. Homens e mulheres são forçados a adaptarem-se às transformações sociais, tais como a valorização do crescimento individual, da independência financeira, as exigências

do mercado de trabalho e da flexibilidade no exercício dos papéis de gênero. Os casais acabam sentindo no cotidiano o peso da variedade e da carga dos papéis impostos por um estilo de vida que tenta conciliar vida pessoal, conjugal, familiar e as demandas do mundo do trabalho (JABLONSKI, 2001).

Quanto à identificação feminina, entendemos que seja a representação projetada e construída mediante as influências femininas durante a trajetória de cada uma, de que o processo de identificação com o progenitor do mesmo sexo faz com que o indivíduo deseje para si as qualidades além de desejar tornar-se aquilo que foi desejado para si por seus pais, nutrindo o desejo e a continuidade das gerações anteriores.

Soifer (1983, p. 37) afirma que os pais transmitem aos filhos os seus conhecimentos, “de acordo com as possibilidades psicológicas reais que possuem, determinadas pelos respectivos traços de caráter, e estes por sua vez configuram a cultura e a ideologia da família”.

A relação entre mãe e filha é a base para determinar a identidade do ego da filha, a sensação de segurança frente o mundo e os sentimentos sobre si e seu corpo. A mulher não constrói sua própria história, suas raízes são herdadas das gerações que a antecederam e esta herança é formada de vivências, imagens, identificações e fantasias:

Branca de Neve: *“Minha mãe era muito rígida, muito brava, não me deixava sair, só para ir à escola e a igreja, mas ela brincava e contava muitas histórias pra gente, também.”*

Cinderela: *“Eu acho que foi a minha mãe, por conta das coisas que a gente viveu juntas e acho também que alguma coisa que a gente não pode viver e que aí eu fui tentar resgatar isso com outras pessoas, mas não deixa de ser ela, né? Influenciada por ela também, e é uma coisa interessante que eu acho que quando a gente é adolescente ou quando a gente é mais nova, que também tem coisa que a gente não percebe, ou percebe só algumas coisas, por exemplo, eu achava em algum momento, que a minha mãe, até por conta de que ela não trabalhava, teve uma época que ela não trabalhava, eu achava que ela ficava muito dependente do meu pai e até, quem sabe por isso, eu fui trabalhar, eu fui fazer, mas é de novo identificação, é de novo uma busca e hoje eu vejo que não sei se era bem assim, foi assim que eu pude ver na época, e hoje eu vejo a minha mãe, hoje ela*

trabalha, eu vejo o quanto ela ajuda meu pai, o quanto ela decide as coisas, sabe? Coisas que eu não via. É interessante, porque eu vivi uma coisa também, eu às vezes queria que a minha mãe sáísse e dizia: mãe vamos não sei aonde? Vamos! E aí ela sempre tinha que voltar pra arrumar alguma coisa na casa, um copo fora de lugar, uma toalhinha ou alguma coisa assim, e um dia minha irmã veio na minha casa, nós íamos sair e aí nós estávamos na porta pra sair e eu voltei pra arrumar um trilha de mesa, daí minha irmã

ele era um dos caçadores, ele ficou bravo porque não foi o príncipe, foi um outro menino que fez o príncipe...”

Cinderela: “Não me lembro de ouvir histórias, mas eu lembro que dentro de mim, que na minha infância e na minha adolescência eu sempre construí dentro de mim, um mundo muito de fadas, né? Um mundo assim que vai dar tudo certo, do Príncipe encantado, eu acho que eu tinha isso dentro de mim, não me lembro das histórias, mas lembro de devaneios, de coisas assim de sonhos, né? Então esperava o Príncipe Encantado, e aí eu fui descobrir que príncipe vira sapo e o sapo vira príncipe, e no final são os dois juntos, se a gente for pensar. Eu me imaginava uma princesa, quando eu penso em algum personagem de faz-de-conta acho que é a Cinderela, não sei, a primeira que veio a minha cabeça foi ela e aí lembrei das imagens do filme, mas não sei porquê, talvez seja porque ela se transforma e aí seduz o príncipe e fui eu, fui eu que seduzi o príncipe, até hoje eu tenho seduzido, como a Cinderela faz, tem lógica... mas não pode virar gata borralheira, não pode mesmo... Não, acredito que não, não porque, até por conta dessa coisa de que eu percebo que o príncipe é aquele que adivinha, né? A coisa da mágica, que adivinha o que a princesa quer, que antecipa, e não é assim, a vida real não é assim e acho que não tem que ser, e a realidade é muito diferente, mas...é bom de viver também apesar de... e a realidade tem momentos muito bons, que não são mágicos, mas são muito bons também, e momentos difíceis também...e mesmo assim eu casaria de novo...”

Bela: “Não ouvia muitas histórias dos Contos de Fadas, mas conheço todas, como a Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida, Rapunzel, a Bela da Bela e a Fera. Acho que os filmes e as novelas me influenciaram muito mais, mas não deixam de serem Contos de Fadas modernos. Assisti e conheço mais a história da Branca de Neve, não que seja a mais legal, mas é a que tenho mais conhecimento... mas a mais legal é a história de Fiona (Shrek), porque é mais real”.

Bela Adormecida: “Ouvia muito, sempre gostei muito de histórias, principalmente Contos de Fadas. Ouvia de minha mãe e também na escola, lembro do primeiro dia de aula que fiquei encantada com os livros de história...Gosto muito da Bela Adormecida! Eu vou contar algo que quando eu dava aula para crianças, eu tinha 19, 20 anos e eu contei uma história que tinha um casal, o Rei e a Rainha. A Rainha descobriu que estava grávida,

era a história da Bela Adormecida, e aí ela chega e conta para o marido: “querido, eu tenho uma notícia para te dar: eu estou grávida e estou muito feliz! Aí ele ficou muito feliz! Ele diz: Nossa querida que bom!”. Depois disso, uma criança que estava prestando muita atenção na história, pergunta pra mim: Profe, você tem um “querido”? Entendo que meu aluno gostou muito do vínculo entre eles, o rei e a rainha. Na época eu não tinha um querido, tinha alguém que eu gostava muito... Acho que sim, a gente espera, todo mundo ainda acredita que vai chegar um príncipe, que vai ser seu companheiro e que vai ser feliz pra sempre. Acredito que o ele seja meu príncipe encantado, é possível que não seja tão encantado, seja mais real. Ele é muito bom de lábia, assim, com as palavras ele é muito convincente, ele é muito carinhoso, sempre elogiando, é um poeta!”

Entendemos, com estes relatos que os casamentos atuais estão baseados nos ideais românticos e nos Contos de Fadas, que falam muito de amor, especialmente sobre os pares que viveram “felizes para sempre”. Bettelheim (1980), afirma que esta ilusão provoca a idéia de que não haverá mais angústias, nem frustrações, após o encontro do amor. Os Contos de Fadas devem ser substituídos, para que não ocorram frustrações e decepções, pela realidade, pois eles não ensinam o que os príncipes e princesas devem fazer para serem “felizes para sempre”, ou após a cerimônia de casamento.

Cabe, antes de concluir esta análise, que se verifique sobre os sonhos e perspectivas futuras que cada uma das entrevistadas alimenta ao deparar-se à realidade de seus casamentos, no momento que vivem hoje:

Ariel: “Não casaria novamente porque para mim foi uma decepção, os homens de hoje, querem uma mulher que cozinhe, que cuide da casa, que faça tudo para eles. Não caso nem pintada...meu marido morreu e entrou a felicidade em minha casa! ...fiquei muito decepcionada com esse casamento...homem, só meus filhos! Não penso em casamento, isso me marcou muito, tenho a impressão que todo homem é igual, a base de interesse, já convivi com meu marido, para que vou voltar atrás, eu não, Deus me livre!”

Branca de Neve:”Esses dias eu falei pra ele: já pensou, você viajou o tempo todo e não viu seus filhos crescerem, então ele falou assim: Depois que a caçula casar, ou você vem morar comigo, ou eu vendo aqui e vou viver com você. Então vamos dar tempo ao tempo e ver o que vamos fazer, depois que a última casar a gente vê o que vai fazer...”

Cinderela: *A gente brinca assim: você não pode dizer que eu casei por interesse, por que nós não tínhamos nada, nem eu, nem ele, e realmente a gente pôde juntos, não construir só um relacionamento, mas construir outras coisas também. E realmente eu era apaixonada por ele e ele também por mim e a aí a gente foi...é lógico que o relacionamento não é fácil por conta das diferenças, eu acho que hoje, muito mais do que antes, a gente vai conhecendo e vai conseguindo entender o outro ou não entender algumas vezes também..”*

Bela: *“Tenho o ideal de trabalhar menos, para conciliar mais a casa, a relação, acho que nem sempre tenho dado atenção que devo dar. Trabalho 12 horas por dia e gostaria de trabalhar menos tempo, para ter uma vida mais saudável e ficar mais com os dois.”*

Bela Adormecida: *O casamento pra mim é uma fonte de felicidade, acredito que é a maior, ou melhor, não sei se posso dizer que é a maior, acho que existem outros momentos também que a gente se sente muito feliz, mas o casamento é uma fonte de felicidade. Onde se tem um companheiro, um lar, uma família, um ambiente que você está construindo com o outro. É uma construção, vejo o casamento como uma construção. Não depende só de você, depende do outro também, mas é um ambiente onde você pode encontrar a felicidade. Pode encontrar problemas também, talvez, incompreensões, infidelidade, discussões. E mesmo assim vale a pena tentar. É uma tentativa...”*

Fica-nos muito claro que o casamento para estas mulheres é de uma importância suprema, até mesmo para Ariel, que sofreu para mantê-lo e que ao acabar, sentiu-se reviver! Branca de Neve e suas filhas vêem o casamento como o caminho que leva a satisfação completa, pois possibilita a formação de uma família, com filhos e conquistas materiais, pessoais e o apoio necessário para a conquista profissional. É, de certa forma, uma vida idealizada, no entanto, em suas falas, podemos perceber que estas mulheres percebem que seus companheiros não são príncipes montados em cavalos brancos, e sim homens comuns, que lutam e desejam as mesmas conquistas que elas próprias.

Vamos concluir esta análise, após ter relacionado os dados colhidos com a fundamentação teórica, podemos inferir que todas as categorias investigadas estão diretamente relacionadas com a forma feminina de idealizar e compreender o ideal e o real do casamento.

Soneto de Fidelidade

Vinicius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudamos a influência dos Contos de Fadas e sua relação com o ideal e o real do casamento no pensamento das mulheres, com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre a idealização e a transmissão psíquica, identificando-os no cotidiano das relações amorosas.

Ao investigar o pensamento das mulheres sobre o casamento, verificamos que elas o vêem ainda de forma romantizada e idealizada, o que dificulta o casamento real ser visto como algo bom e capaz de tornar alguém feliz e satisfeito. A idéia do casamento como transmitida de forma intergeracional nos mostra que a cultura e a experiência de cada um, influencia na opinião e na formação deste, nos parece que, para qualquer mulher, as vivências dos pais e avós, podem ser determinantes para a escolha do companheiro e para a dinâmica conjugal.

Durante as entrevistas, verificamos a existência de algumas idealizações sobre o tema do amor e do casamento, encontradas na fantasia e pensamento feminino no tocante ao amor eterno, a serem felizes para sempre, ao príncipe encantado, ao homem ideal, perfeito, sensível e possuidor da capacidade de adivinhar pensamentos, além de realizar todos os desejos conscientes e inconscientes de sua amada.

Entendemos que os relacionamentos amorosos são vividos na intensa busca de realizar o idealizado, onde as expectativas e perspectivas se tornam frustradas ao deparar-se com o real, se não tiverem bem claras em suas mentes, as diferenças entre o real e o ideal, bem como as implicações que as fantasias podem trazer ao amor real, tornando-o assim, satisfatório e prazeroso.

Buscamos, também, estabelecer como a fantasia pode conviver com o real de um casamento, e os sujeitos demonstraram que, por diversas vezes, percebem o limite ténue entre o sonho e a realidade, detectando o que é pertinente ao parceiro do que é idealizado para o mesmo, para que isto aconteça, faz-se necessário que a mulher tenha em mente onde terminam seus desejos e idealizações e onde começa o que é real.

Os sujeitos escolhidos para este trabalho foram cinco mulheres da mesma família, sendo em três gerações distintas, a fim de que pudéssemos verificar questões de transmissão psíquica e as heranças passadas entre mães e filhas e entre avó e netas, os

nomes das mulheres foram substituídos por nomes de personagens dos Contos de Fadas, mais especificamente nomes de princesas, em função de sua relação com o tema proposto.

O Genossociograma foi confeccionado com o objetivo de facilitar o estabelecimento dos laços entre as três gerações, permitindo a verificação do parentesco que há e assim verificar as relações descritas. No momento de confeccioná-lo, verificamos uma relação bastante interessante ao observarmos as ligações amorosas de cada mulher, percebemos não haver casos de separações também entre as irmãs, tias ou tias avós, apesar dessas últimas não terem sido sujeitos diretos desta pesquisa e conseqüentemente não foram investigadas em seus relacionamentos conjugais.

O método Psicanalítico, escolhido para investigação desta pesquisa, contribuiu de forma considerável, pois possibilitou a expressão da memória e os sentimentos de cada mulher, através das entrevistas, da verbalização de seus relatos, das crenças e experiências de cada uma delas, revelando pontos únicos e pontos comuns entre elas. Percebemos que ao concordarem em participar da pesquisa e dar seus depoimentos sobre assuntos que englobaram suas intimidades, as mulheres entrevistadas passaram por um momento de reflexão e até mesmo de percepção de vários assuntos não explorados anteriormente.

À medida que realizávamos a análise dos dados, descobrimos vários outros temas que ultrapassavam os objetivos determinados para o trabalho, dignos de uma pesquisa mais aprofundada, mas não havia tempo para este estudo, nem a proposta era esta. A importância deste estudo deve-se ao fato de constatar a influência que os Contos de Fadas exercem sobre a idealização e organização dos relacionamentos conjugais e familiares, assim auxiliando, numa adequação de expectativas, motivações e intenções, das mulheres, quanto ao casamento.

Com este trabalho, levantamos algumas observações atraentes, quanto ao marco teórico, o material disponível é em quantidade aceitável, com diversos autores nacionais e internacionais, mas, que muitas vezes, percebemos uma certa repetição quanto ao assunto; quanto ao interesse feminino sobre o assunto, percebido através das muitas demonstrações de curiosidade e apreço sobre a temática; e por fim, a existência de muitas outras possibilidades de pesquisas sobre este assunto, sob outros enfoques, ainda não exploradas.

O que nos pareceu mais fácil neste trabalho, foi o encontro com mulheres que desejavam participar desta pesquisa, pois sempre que falávamos sobre o tema, demonstravam interesse e se dispunham a falar e contar sobre suas vivências, explicitando a necessidade de falar e o desejo de trocar experiências e assim encontrar novos caminhos que levassem a um relacionamento mais bem sucedido e feliz. Quando pensamos no que foi mais difícil, vemos que a dificuldade em encontrar literatura com o enfoque dos Contos de Fadas, referentes ao relacionamento conjugal, além das muitas opções das relações que poderiam ser estabelecidas com outros enfoques: novelas, músicas, poemas, mitos, entre outros, já que há uma vasta possibilidade sobre os tópicos que foram pesquisados.

Outro fator de dificuldade foi a necessidade de maior tempo e dedicação à pesquisa, porém, o trabalho realizado pela pesquisadora exigia que sua atenção fosse dividida e investida em outras ações, por várias horas, o que a forçava a retirar as horas do convívio familiar e do lazer.

Queremos finalizar esta nossa contribuição, reafirmando a força do amor romântico e sua interação com os Contos de Fadas em sua relevância no universo feminino, bem como as vivências afetivas, pois trazemos dentro de nós uma necessidade natural de completude que se torna preenchida no momento do encontro do amor idealizado e conquistado, sendo que muitas mulheres, em busca desse amor perfeito, perdem-se, quando acreditam que amor é sinônimo de tornar-se nula, confundindo autonomia com desprezo, intimidade com posse, apelando ao emocional para suprir suas carências, deixando até de viverem seus outros papéis na vida: mulher, parceira, mãe, filha, profissional, para viver exclusivamente em função do outro.

Algumas mulheres entendem o amor como algo mágico, cheio de sonho e felicidade, e tornam-se prisioneiras do mito do amor romântico. São relações que muitas vezes exigem que os pensamentos e sentimentos sejam voltados exclusivamente um para o outro, e necessitam dos detalhes, um completo relatório soberano e incessante, principalmente sobre o que se passa na mente do amado. Essa relação só trará sofrimento e dor para o casal, partindo da compreensão errônea de que o amor é sinônimo de invasão e individualidade é sinônimo de anulação.

Muitas mulheres acabam agindo como as princesas dos Contos de Fadas, acabam se sacrificando em “nome do amor”, para estarem ao lado de seu amado, como na história de Ariel, a sereiazinha, que abriu mão das coisas mais importantes e belas que tinha, sua voz, sua condição de sereia e conseqüentemente, de sua liberdade, ou como Cinderela, que se veste para seduzir, ou se transforma para agradar, muda completamente, a ponto de não ser reconhecida por aqueles com quem convive, em troca de ser amada pelo príncipe.

Talvez façam como Branca de Neve, inocentes, entregam-se nas mãos daqueles que não lhe querem bem, por várias vezes, sem entender que é preciso aprender com o erro, e assim aguardam, belas e puras, sob uma redoma de vidro, que alguém as proteja e as salve, muito semelhante a princesa Bela Adormecida, que em seu sono de cem anos, nada fez senão aguardar seu salvador, aquele que lhe traria graça e colorido à vida e a tiraria do marasmo completo.

Pode ser que algumas mulheres esperem realizar um milagre, como Bela, aquela princesa do conto A Bela e a Fera, que de forma mágica salvou seu amor, transformando um monstro em um belo príncipe, muitas mulheres acreditam poder transformar seus parceiros, de sapo para príncipe, esquecendo que os homens são simples homens, nem sapos, nem príncipes.

Uma relação amorosa pode ser vivida de forma muito mais satisfatória quando calcada no pensamento real, mesmo sabendo que a idealização estará presente em momentos de romantismos e sensualidade!

Certamente, se o pensamento estiver na realidade, serão evitadas as frustrações, as decepções e as separações. Os casais terão muito mais satisfação no convívio com seu parceiro real, pois saberão o que esperar do outro.

É necessário que percebamos uma nova forma de amar, uma forma que nos faça amar primeiro a nós mesmas e então poderemos abrir o coração para alguém que venha completar nossas vidas, alguém que não é o princípio, nem a razão, e sim o complemento, o algo mais, aquilo que dá o colorido especial de uma vida plena e feliz.

Assim como a princesa, de Márcia Grad (2001), que acordou de seu sonho infantil e romantizado, que nós mulheres também possamos acordar e perceber a melhor forma de amar:

- Tenho um *novo* conto de fadas. Um conto de fadas *diferente*. Um conto de fadas *melhor*. É que eu vivo feliz para sempre e encontro o verdadeiro amor com um príncipe que está vivendo feliz para sempre. E, juntos, celebramos a nossa felicidade!
- Você percorreu um longo caminho, princesa – disse Doc. – Você uma vez *precisou* amar *a fim* de sentir-se bem. Agora você pode *escolher* amar *porque* se sente bem.
- Viveremos em harmonia perfeita, meu príncipe e eu? – perguntou sonhadora.
- Será perfeita na sua imperfeição.
Ela poderia ter adivinhado esta, pensou a princesa.
- E nossos corações baterão como um só?
- Não, mas seus corações baterão juntos, como dois que sentem como um.
(GRAD, 2001, p. 274).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDOLFI, Maurizio; ANGELO, Cláudio; SACCU, Carmine. **O casal em crise**. São Paulo: Summus, 1995.

ANTON, Iara L. Camaratta. **A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ARATANGY, Lúcia Rosenberg. **O anel que tu me deste: o casamento no divã**. São Paulo: Artemeios, 2007.

ARIÉS, Philippe (org). **Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Casamento e sexualidade: a revisão dos mitos na perspectiva de gênero**. Tese apresentada ao IPUSP para o Programa de Doutorado. São Paulo: USP, 1999.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BONAVENTURE, Jette. **O que conta o conto?** São Paulo: Paulus, 1992.

BRANDEN, Nathaniel. **A psicologia do amor**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.

CALLIGARIS, Contardo. **O laço conjugal**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora, 1994.

CAMPBELL, Joseph. **Mitologia na Vida Moderna**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. **Casamento e família em São Paulo colonial: caminhos e descaminhos**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CANEVARO, Alfredo. *Nec Sine Te Nec Tecum Vivere Possum*. In: ANDOLFI, Maurizio (org.). **A crise do casal**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARTER, Betty & MCGOLDRICK, Monica. As mudanças do ciclo de vida familiar. In: **As mudanças no ciclo familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **O perigo do sonho**. São Paulo: Herder, 1968.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1991.

CORREA, Olga B. Ruiz (Org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Carlos Celso Orcesi da. **Tratado do casamento e do divórcio; constituição, invalidade, dissolução**. São Paulo: Saraiva, 1987.

COSTA, Gley P. **A Cena Conjugal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DATTILIO, Frank M.; PADESKY, Christine A. **Terapia Cognitiva com Casais**. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

DICKS, Henry V. **Marital Tension**. New York: Basic Books, 1967.

DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva. **Era uma vez o belo, o bom e o bem comportado... o discurso ideológico nos Contos de Fadas**. Dissertação de Mestrado em Letras, Unesp, Assis-SP, 1993.

EIGUER, Alberto. **O parentesco fantasmático: transferências e contratransferências em terapia familiar psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

_____. **Um divã para a família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio, 2005.

_____. **Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. Psicologia - Reflexão e Crítica [on line]. 1998, vol.11, nº 2 [citado em 23 fevereiro 2003], p.379-394.

FLANDRIN, Jean-Louis. **Famílias - parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga**. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.

_____. **O sexo e o Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FREUD, Sigmund. (1922). Sonhos e telepatia. **In: Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1985. Vol. XVIII.

_____. (1914). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. **In: Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1985. Vol. XIV.

_____. (1913) Totem e Tabu. **In: Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

FUNDAÇÃO IBGE. **Anuário Estatístico Brasileiro**, 2003. Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> . <Acesso em 02 de maio de 2007>.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GIKOVATE, Flávio. **Ensaio sobre o amor e a solidão**. São Paulo: MG Editores, 2006.

GOMES, Isabel Cristina. Transmissão psíquica transgeracional e violência conjugal: um relato de caso. In: **Revista Estudos Feministas**. vol.13, no.2, Florianópolis: May/Aug. 2005.

GOTTLIEB, Daniel. **Assuntos de Família: dos desencontros a união afetiva**. São Paulo. Saraiva, 1993.

GRAD, Márcia. **A princesa que acreditava em conto de fadas: uma Fábula para toda mulher que já sonhou com o Príncipe Encantado**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.

HUNT, Morton. **The Natural History of Love**. Anchor, 1994.

JABLONSKI, Bernardo. Atitudes Frente à Crise do Casamento. In: T. Féres-Carneiro (Org.). **Casamento e Família: do Social à Clínica**. Rio de Janeiro: EDPUC/Loyolla, 2001, p. 81-95.

JOHNSON, Robert A. **We: a chave da psicologia do amor romântico**. São Paulo: Mercury, 1997.

KAËS, René, FAIMBERG, Haydée (et al). **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001a.

KAËS, René. Introdução: o sujeito da herança. In :**Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001b.

_____. Os Dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In: Eiguer, Alberto (Org). **A transmissão do psiquismo entre gerações**. São Paulo: Unimarco, 1998.

- _____. **El Aparato Psíquico Grupal**. Barcelona: Ed Granica, 1977.
- LEPRINCE DE BEAUMONT, Jeanne Marie. **A Bela e a Fera e outros Contos de Fadas**. São Paulo: Princípio, 2007.
- LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- LORIEDO, Camillo; STROM, Perla. Os processos de transmissão transgeracional nos casais e o tratamento das problemáticas ligadas às famílias de origem. In: ANDOLFI, Maurizio (org.). **A crise do casal**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MAY, Rollo. **Amor e vontade**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MILAN, Betty. **O que é amor**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MORAES, Vinicius de. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, pág. 96.
- MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. **Casamento: ruptura ou continuidade dos modelos familiares?** São Paulo: Expressão e Arte, 2001.
- MURSTEIN, Bernard I. **A Taxonomy of Love**. In: Sternberg, Robert J.; Barnes, Michael L. (orgs.). *The Psychology of Love*. New Haven: Yale University, 1988.
- PERRAULT, Charles. **Contos de Fadas**. Obras Completas de Monteiro Lobato. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- RELVAS, Ana Paula. **O Ciclo Vital da Família**. Porto Alegre: Edições Afrontamento, 1996.
- RICOTTA, Luiza. **O vínculo amoroso: a trajetória da vida afetiva**. São Paulo: Agora, 2002.
- ROUGEMONT, Denis de. **A história do amor no ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003.
- SAFRA, Gilberto. **O uso do material clínico na pesquisa psicanalítica**. In: SILVA, Maria Emília Lino (Coord.). *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1993.

SAMARA, Eni de Mesquita. A família no Brasil: história e historiografia. in: **História Revista**, Goiânia, II (2), p. 7-21, jul./ dez. 1997.

SCHUTZENBERGER, Anne Ancelin. **Meus antepassados: vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma**. São Paulo: Paulus, 1997.

SOIFER, Raquel. **Psicodinamismos da criança com a família**. Petrópolis: Vozes, 1983.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait (Org.). **Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

TURKENICZ, Abraham. **A aventura do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

VIORST, Judith. **Perdas Necessárias**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

WAGNER, Adriana; FALCKE, Denise. Satisfação conjugal e transgeracionalidade. In: **Psicologia Clínica**, vol.13, nº 2, 11-24, 2001.

WILLI, Jürg. **A construção diádica da realidade**. in: Andolfi, M., Ângelo, C & Saccu, C (Orgs.). **O casal em crise**. São Paulo: Sumus, 1995.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.” (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu,....., RG nº..... e CPF nº....., abaixo assinado, concordo em participar, do estudo ‘Para além dos Contos de Fadas: O Ideal e o Real no Pensamento das Mulheres sobre o Casamento’, como sujeito. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora Elenise Roldan Melgarejo Damasceno, do Programa de Mestrado – UNESP – Campus Assis – Área do Conhecimento: Psicologia e Sociedade, sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação, apresentados a seguir:

- Que o estudo propõe-se a conhecer sobre o amor e do casamento, investigar conteúdos presentes no imaginário feminino e que podem ser revelados através da análise de alguns Contos de Fadas, assim como a influência dos mesmos para esta idealização, entender como são vividos os relacionamentos amorosos, as expectativas, os dilemas, as contradições e as conquistas obtidas em casamentos reais, bem como correlacionar como o ideal que foi fantasiado pode conviver com o real do casamento que foi estabelecido pelos sujeitos entrevistados.
- Que o resultado que se deseja alcançar é conhecer mais detalhadamente este aspecto tão importante do relacionamento humano que mobiliza desejos, conhecimentos e paixões de homens e mulheres desde sempre.
- Que a coleta de dados (entrevistas) começará em Maio de 2007 e terminará em Julho de 2007.
- Que eu participarei da Coleta de dados, ou seja, da Entrevista Semi-Estruturada, gravada e transcrita, e a confecção do Genossociograma de minha família, que foi definida como objeto de pesquisa, que são cinco mulheres de minha família: mãe, filha e três netas: uma casada, uma noiva e uma namorando.
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, poderei recusar a continuar participando do estudo e também, que poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.

- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais envolvidos na pesquisa.
- Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu dou o meu consentimento sem que para isso eu tenha sido forçada ou obrigada.

Endereço da participante-voluntária:

Endereço:

Nº:

Bairro:

Cidade:

Telefone:

CEP:

Endereço da Instituição:

Instituição: UNESP – Campus Assis/SP

Endereço: Av. Dom Antonio,

Nº: 2100

Bairro: Pq Universitário

Cidade: Assis - SP

Telefone: 18-3302-5809

CEP: 19806-900

Endereço da responsável pela pesquisa:

Endereço: Rua Paulo Hideo Katayama

Nº: 91

Bairro: União I

Cidade: Campo Grande - MS

Telefone: 67-3385-7088 / 67-8138-5674

CEP: 79091-430

Local e data _____

Nome e Assinatura do sujeito: _____

Nome e Assinatura da pesquisadora: _____

ANEXO A - CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



FACULDADE DE MEDICINA DE MARÍLIA
Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo
Seres Humanos – CEP/FAMEMA

Marília, 07 de Maio de 2007

Ilmo(º) Sr.(º)
Prof. Elenice Roldan M Damasceno
Marília/SP

O Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Faculdade de Medicina de Marília, recebeu o protocolo de estudo nº 192/07, intitulado: "Para Além dos Constos de Fadas: o ideal e o real no pensamento das mulheres sobre o casamento", foi considerado **APROVADO** em Reunião Ordinária – 07/05/2007, de acordo com a Resolução 196/96 e suas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde, podendo ser iniciado.

Sendo só para o momento, reiteramos protestos de consideração e apreço.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Rubens Augusto Brazil Silvano
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos